



UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Arquitetura

REQUALIFICAÇÃO DA QUINTA DA CARDIGA

O Turismo Rural como Revitalizador do Património e da Paisagem

Francisca Henriques da Luz Cerdeira
(Licenciada)

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
(Documento Definitivo)

Orientador: Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Co-Orientador: Professor Doutor Paulo Jorge García Pereira

Presidente do Júri: Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos

Vogal: Professora Doutora Maria da Soledade Gómez Paiva de Sousa

Vogal: Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Lisboa, Outubro 2016

REQUALIFICAÇÃO DA QUINTA DA CARDIGA

O Turismo Rural como Revitalizador do Património e da Paisagem

Francisca Henriques da Luz Cerdeira
(Licenciada)

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
(Documento Definitivo)

Orientador: Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Co-Orientador: Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

Presidente do Júri: Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos

Vogal: Professora Doutora Maria da Soledade Gómez Paiva de Sousa

Vogal: Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Lisboa, Outubro 2016

Título

Requalificação da Quinta da Cardiga

Nome

Francisca Henriques da Luz Gerdeira

Orientador

Professor Doutor Hugo José
Abranches Teixeira Lopes Farias

Co-orientador

Professor Doutor Paulo Jorge Garcia
Pereira

Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisboa, Outubro 2016

RESUMO

Como todas as coisas existentes na vida, os edifícios - autênticas obras de arte - também envelhecem e, a menos que no lugar onde estão inseridos existam condições de restauro, vontade política e medidas cautelares de preservação, tornam-se ruínas da história.

É necessário um olhar crítico face à situação de degradação e abandono em que muito do nosso património construído se encontra. Este trabalho procurou responder a esta necessidade, atribuindo uma maior preocupação à identidade dos lugares e ao património em espaço rural.

A Quinta da Cardiga é um dos lugares mais icónicos da história de Portugal. Contudo o seu estado atual não faz jus à sua importância. Hoje é um dos monumentos de grande valor para a região, e que se encontra degradado e deixado ao abandono num eterno esquecimento.

Este trabalho centra-se em toda a área que envolve a Quinta, numa fase em que somos obrigados a uma séria reflexão sobre o futuro do espaço rural português e do seu património. Pretende-se que a Arquitetura volte a intervir na sua identidade, e projete com traços contemporâneos a sua recuperação. Tendo como objetivo a requalificação e dinamização deste espaço, procura-se trabalhar na envolvente do palácio da Quinta, trazendo ao lugar e à Vila da Golegã um reforço económico, cultural e determinante na promoção do turismo qualificado da região.

(219 palavras)

Palavras-Chave |

Reabilitação, Requalificação, Turismo rural, Cultura Equestre

Title

Requalificação da Quinta da Cardiga

Name

Francisca Henriques da Luz Gerdeira

Main Advisor

Professor Doutor Hugo José
Abranches Teixeira Lopes Farias

Co-Advisor

Professor Doutor Paulo Jorge Garcia
Pereira

Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisbon, October 2016

ABSTRACT

As everything else in life, buildings age. Unless the sites where they are located are subject to an obligatory policy of restoration and preservation, and a political will to ensure the implementation of such measures, these architectural works of art will slowly become ruins of history.

It's imperative to have a critical point of view when evaluating the conditions of abandonment and degradation that some of our built heritage faces. The current paper aims to fulfill this need, as one of its goals is to educate everyone on the importance of the identity of the place and rural heritage.

Quinta da Cardiga is one of the most iconic places in Portugal's History. Sadly subject to decay, its current appearance is dismissive of the value that it has to the region. It is an important asset to Golegã. A ruin of history, a forgotten place.

This paper focuses on the Quinta da Cardiga's whole estate and surrounding area. We are now forced to reflect on the future of Portugal's rural area and heritage. Architecture plays a big role on the rehabilitation of this site. Developing a contemporary meaning to the place will restore this building to its former glory, as also contribute to Golegã's economic value, culture and regional tourism.

(209 words)

Keywords |

Rehabilitation, Requalification, Rural Tourism, Equestrian Culture

Para,

Mãe,

Pai,

João,

Duarte

AGRADECIMENTOS

Nada se faz sem esforço nem sozinho.

Àqueles que permanecem, a todas as pessoas que direta ou indiretamente influenciaram este trabalho e acabaram por me influenciar a mim, um grande obrigado.

Ao meu orientador, Professor Hugo Farias, o meu sincero obrigado pelas suas conversas e discussões ao longo deste percurso e por contribuir para a solidez deste trabalho. Ao Professor Paulo Pereira que sempre mostrou entusiasmo em recordar a memória da Quinta da Cardiga.

À Câmara Municipal da Golegã pela sua cooperação e ao senhor Jesuíno pela conversa na Quinta da Cardiga. E ao Dr. Rui Augusto Vasconcellos e Sousa d'Andrade, por me abrir a sua porta.

Aos meus amigos, companheiros de viagens, de boas conversas e de bons momentos, que facilitaram este percurso.

Aos meus avós, tios e primos, pelo apoio incondicional ao longo deste caminho, e ao longo da vida.

E por fim, aos quatro lá de casa, a quem dedico este trabalho, por todo o esforço e investimento que demonstraram durante este percurso, e durante a vida.

ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO.....	1
	PERTINÊNCIA DO TEMA	2
	METODOLOGIA	3
	OBJECTIVOS	4
2.	MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	7
2.1	O TEJO	9
2.2	LEZÍRIA RIBATEJANA	15
2.3	GOLEGÃ	19
	CAPITAL DO CAVALO	23
2.4	A QUINTA DA CARDIGA	27
	OS PRIMÓRDIOS	31
	ORDEM E CONVENTO DE CRISTO	37
	CONSTRUÇÃO DE UM PATRIMÓNIO EDIFICADO	41
	A QUINTA DA CARDIGA HOJE	75
3.	UM NOVO SIGNIFICADO.....	79
3.1	O TURISMO	81
	TURISMO EM PORTUGAL	83
	TURISMO RURAL	85
	O TURISMO E A ARQUITECTURA	87
3.2	A CULTURA EQUESTRE	90
	O CAVALO PARA O ARQUITETO	92
	CENTRO HÍPICO: UMA TIPOLOGIA	96
3.3	REFERÊNCIAS	99
	POUSADA DE STª MARINHA DA COSTA	101
	POUSADA DE SANTA MARIA DO BOURO	107
	TORRE DA PALMA, WINE HOTEL	111
	CENTRO EQUESTRE LEÇA DE PALMEIRA	115
	CENTRO HÍPICO DE ALTO RENDIMENTO DE DOMA CLÁSICA ULTZAMA	119
4.	CARDIGA, UM NOVO ESPAÇO.....	123
4.1	ESTRATÉGIA GERAL DE INTERVENÇÃO	127
4.2	ESCALA URBANA	131
4.3	ESCALA DO HABITAR	136
	CASAS PÁTIO	139

MUSEU DO CAVALO E ATRELADOS	143
CENTRO EQUESTRE	147
TURISMO RURAL	151
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
6. BIBLIOGRAFIA.....	157
ÍNDICE DE IMAGENS	162
ANEXOS.....	168
PEÇAS DESENHADAS.....	194

"Uma das mais elementares noções de Química ensina-nos qual a diferença entre um composto e uma mistura e tal noção parece-nos perfeitamente aplicável, na sua essência, ao caso particular de um edifício. Em verdade, há edifícios que são compostos e edifícios que são misturas (para não falar já nos edifícios que são mixórdias...) (...)"¹

Fernando Távora

¹ TÁVORA, Fernando. In COELHO, Paulo. Coleção Arquitetos portugueses: Fernando Távora. Edição e Conteúdos S. A. 2011 p. 11



Fig. 1 | Fachada da cocheira | Quinta da Cardiga | fotografia da autora | 2016

1. INTRODUÇÃO

*"A paisagem está em mudança contínua e, por isso, o desenvolvimento rural do século XIX já não existe. A paisagem pitoresca tem-se transformado desde o início da industrialização. A imagem que habita as nossas mentes é falsa. Assim, atualmente, ao falarmos de paisagem rural, falamos de paisagem cultural."*²

A Quinta da Cardiga é uma velha quinta apalaçada que se localiza a meio caminho entre a Vila da Golegã e a Vila da Barquinha. Na sua envolvente encontram-se ambientes muito particulares e caracterizadores da paisagem, aparecendo como condicionantes a qualquer intervenção feita no preexistente. Uma das quais, o Rio Tejo, delimita o edificado existente posicionando-se a Quinta junto à margem Norte deste.

A Cardiga é hoje uma junção de edifícios que se tornou uma ruína na história, abandonada e degradada, que se isola da Vila da Golegã. Apesar do seu avançado estado de abandono é um lugar que atrai a visita de curiosos, geralmente munidos de algum guia mais detalhado ou de conhecimento de história. Mas não é um alvo preferencial do turismo local ou, mesmo regional. Apesar de conhecida, permanece ainda quase oclusa e, mesmo no quadro da sua projeção nacional, é conhecida pelo nome prestigiado dos produtores agrícolas, mas menos, do que pela sua excecional raridade tipológica enquanto objeto arquitetónico. Este conjunto de edifícios, outrora marcados por uma atividade constante, encontram-se esquecidos no tempo. Apesar de noutros tempos ser um polo de recrutamento para um número significativo de trabalhadores, a Quinta diminuiu progressivamente, até se extinguir, praticamente, a sua sustentação e produção agrícola que ficou na memória como uma marca.

² PFANZELT, Alexander. Publicado em BATISTA, Luís Santiago. Persistências Rurais. Perspetivas Crítica. Portugal: Arqa 101, Arquitetura e Arte. Março | Abril 2012. p.29

Falar da Quinta da Cardiga como património abandonado e esquecido parece aos olhos de muitos uma ideia triste. É contudo necessário que seja reconhecido o seu valor como um conjunto edificado em tempos notável, e não apenas como lugar unitário de memória do palácio.

PERTINÊNCIA DO TEMA

O trabalho partiu de uma preocupação pessoal em garantir que uma intervenção na Quinta voltasse a dignificar as potencialidades deste local e eleva-lo à história contemporânea, como em tempos foi falada e vivida. Procurou-se dinamizar as capacidades deste espaço, não só num contexto particular isolado, mas na sua relação com a Vila da Golegã, de forma a garantir que a intervenção abrace alguns dos projetos futuros desta localidade.

Tal como referido anteriormente, este trabalho surge de uma vontade pessoal de intervir na região onde vivemos e consequentemente deixar um marco na discussão quanto à possibilidade de revitalizar este espaço. A aspiração em envolver a mística da Quinta e o elemento natural adjacente motivou a intervenção projetada.

Em paralelo, existe a pertinência e ambição de trabalhar sobre o tema da reabilitação. A Revitalização do lugar construído pressupõe a leitura de um vasto conjunto edificado, degradado, mas que a par das disciplinas da arquitetura e da reabilitação arquitetónica e respetiva revitalização, incorpora, as disciplinas do turismo rural e a cultura equestre enraizada nesta zona do país, de modo a conferir um novo sentido ao lugar, dignificando-o.

METODOLOGIA

Através de uma intervenção arquitetónica, será revitalizado o edificado e o espaço envolvente. Neste sentido serão por isso abordadas questões relacionadas com o tema do património, um novo uso do lugar, procurando encontrar nele oportunidades de centralidade social e turística.

A metodologia deste trabalho partiu da recolha da escassa informação relativa ao edificado pré-existente. As várias deslocações ao local permitiram visitar o interior de algumas das construções remanescentes, mas não a totalidade dos edifícios. Este impedimento, impossível de ultrapassar por razões que nos são alheias, obrigou a que a compreensão dos espaços e o seu entendimento fosse, parte das vezes, fruto de um trabalho de projeção ou de cálculo diferido, com muito trabalho *in situ* e de conjecturas suportadas no desenho de análise ou em soluções baseadas em estudos comparativos suportadas ainda pela análise de fotografias, documentos e alguma intuição. Os levantamentos e a representação rigorosa de todos os edifícios da Quinta, à exceção do palácio, foram feitos no desenvolvimento deste trabalho pela autora.

Num segundo momento, através da recolha bibliográfica, foi necessário esclarecer todo o processo espacial, social e histórico da Cardiga. Foi essencial enquadrar o objeto de estudo no seu contexto territorial, analisando a Vila da Golegã e a sua cultura.

Uma vez estabelecidas as bases de contextualização do projeto, analisámos de que forma o lugar pode trazer benefícios, não só para a população que reside no seu entorno, mas também para aqueles que estejam só de visita. Tendo em conta esta investigação, clarificámos a ligação entre o património histórico e o turismo. A revitalização do espaço pretende que o visitante se aperceba da relação íntima entre o pré-existente e o construído e viva um pouco a história do lugar.

OBJECTIVOS

O trabalho a desenvolver visa analisar de que forma é possível um edifício pré-existente responder às necessidades de um novo uso do espaço, assim como, a mudanças e a uma posterior adaptação de uma arquitetura medieval para uma arquitetura contemporânea. Importa por isso estabelecer relações entre o projeto e o meio envolvente, de modo a integrá-lo no traçado existente.

Objetiva-se que a Quinta da Cardiga se torne, não só, parte integrante do património cultural da região da Golegã, como também dinamize a oferta turística da mesma, potenciando-a e elevando-a a um protagonismo nacional. Para tal, procura-se desenvolver, revitalizar e adaptar espaços cujos objetivos sejam a promoção do turismo, que potenciem a economia local e requalifiquem a área onde o projeto se insere.



Fig. 2 | Localização da Golegã em relação a Lisboa, 1h46m de Lisboa para Golegã, caminho traçado pela A1 | Análise feita pela autora

2. MEMÓRIA E IDENTIDADE

*"A memória de uma comunidade representa um dos valores mais importantes do seu património, concorrendo decisivamente para a caracterização de um povo e de um lugar"*³

³ OLIVEIRA, Paulo Martins. *A Vila da Golegã nos Últimos 250 Anos*. Câmara Municipal da Golegã. 2006. p.5

2.1 O TEJO

"O Tejo é a linha de atração, a estrada dominante de todo o Ribatejo. A ele se associam e dele são imediatamente dependentes todas as formas da atividade da região: pesca, salinas, trânsito, culturas cerealíferas, irrigação, pastagens e muitas outras" ⁴

Serpenteando por terrenos de Lezírias, as águas do Tejo têm a sua nascente em terras espanholas e percorrem o seu caminho desaguardo na cidade de Lisboa. Em seu redor, e acompanhando o seu percurso, o rio foi e será sempre um criador de quotidianos, vidas e culturas locais.

Segundo Jorge Gaspar, *"a partir da estabilização política do país, após a conquista definitiva do Algarve em 1253, o Tejo aumentou a importância como eixo de comunicação, o que é acentuado pelo facto de Lisboa se tornar a capital do reino e alargar assim a sua potência económica"*⁵. Sendo o Tejo um dos maiores e mais importantes eixos de comunicação entre o litoral e o interior, do país, o seu aproveitamento possibilitou a criação da lezíria Ribatejana e uma das linhas estruturais de um Portugal rural. Com o desenvolvimento dos transportes terrestres esta via indispensável tornou-se obsoleta, e o rio passou a ter maioritariamente um carácter piscatório - embora com uma dimensão quase que meramente reduzida a poucas comunidades ribeirinhas ribatejanas - de serventia agrícola e, ocasionalmente lúdico.

⁴ SANTANA, Dionísio. Cap. IV Ribatejo, *Guia de Portugal, Estremadura, Alentejo e Algarve*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1983. Vol II p. 32

⁵ GASPAR, Jorge. Os Portos Fluviais do Tejo. *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos. 1975, Vol X p.157





Fig. 3 | mapa da zona compreendida entre o Gavião a Este e Alpiarça a Sudoeste | 1. GOLEGÃ
| 2. QUINTA DA CARDIGA | elaborado pela autora

O território em estudo neste trabalho é dominado pelo intervalo em que o seu leito fluvial muda a orientação regular, passando da direção leste-oeste para a de nordeste-sudoeste. (Fig. 2). É neste ponto do território que o curso do rio Tejo altera a morfologia do seu vale, que deixa de ser vincado entre colinas, para passar a ser largo e aberto, traçando a típica lezíria que o acompanhará até desaguar em Lisboa.



Fig. 5 | Inundações no rio Tejo | O rio Tejo em frende de Alhandra | Joshua Benolie | 1912|
Fig. 4 | Rio Tejo na Ponte de Santarém | Santarém | Anselmo Franco | 1919

2.2 LEZÍRIA RIBATEJANA

*"Ribatejo... fulcro da unidade da região está no Tejo e resultou da sua ação unificadora, enquanto via de navegação, longitudinal e transversal, enquanto elemento polarizador de população do norte e centro que aqui convergiram, para trabalhar numa terra rica e pouco povoada."*⁶

A zona ribeirinha do Médio Tejo encontra-se inserida na Unidade de Lisboa e Vale do Tejo. Com base na divisão geográfica estabelecida em 1989, pela Nomenclatura das Unidades Territoriais (NUTS) para fins estatísticos. A Golegã passou assim a pertencer à sub-região da Lezíria do Tejo e em termos de gestão regional, integra-se na área abrangida pela Comissão de Coordenação (ou similar, consoante as alterações legislativas) de Lisboa e Vale do Tejo.

Ao contrário da zona que a antecede, toda esta área envolve terrenos extremamente férteis, com os solos de aluvião retalhados num mosaico agrícola contínuo, dividido em parcelas e mostrando a intensa exploração do solo. Estas parcelas vão formando uma geometria que tem sido modificada na última década. A instalação de pivôs de rega transformou a regular malha retilínea em característicos círculos desenhados no solo.

O povoamento na zona Norte desta faixa de território é relativamente denso, concentrando-se junto à margem direita do Rio Tejo. Como consequência da proximidade deste, que em tempos foi bastante inconstante no seu caudal, a lezíria do Tejo vê a sua arquitetura influenciada por este regime fluvial, de cheias possantes e visíveis em marcas feitas nas construções marginais ao leito num processo cíclico ao qual as populações se encontram relativamente adaptadas, com expectáveis picos de nível no período de Inverno.

⁶ GASPAR, Jorge. *As Regiões Portuguesas*. Lisboa: Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional. 1994. p. 7



Fig. 6 | "O campo não escolhe idades" | Ribatejo | Artur Pastor | 1922

Fig. 7 | "Desfile de cavalos" | Ribatejo, Portugal | Amadeu Ferrari | 1944

Fig. 8 | Lezíria Ribatejana, — — — Golegã, ● Quinta da Cardiga | análise do autor | 2016

Com o decorrer do tempo o Tejo foi criando lugares, que progressivamente deram origem à criação de inúmeras edificações marginais ao seu leito, sendo uma delas, o caso em apreço, a Quinta da Cardiga, apresenta uma forte relação com o rio.

Os terrenos inundados são adequados para agricultura e pastagens, e a vivência destas terras é influenciada pela instabilidade do leito do Rio. Nestes terrenos predominam a plantação de cereais, vinhas e pastagens intrinsecamente associadas à criação de gado bovino e equino, bastante característico deste lugar.

O clima é condicionado pelas serras de Montejunto, Aire e Candeeiros que, ao elevarem-se claramente em relação à planície da lezíria, acentuam as características mediterrâneas, traduzindo-se em verões quentes e secos e invernos frios e chuvosos.

É na margem Norte do rio, em plena lezíria e rodeada por campos agrícolas, que se localiza a Vila da Golegã, um dos aglomerados urbanos que dá vida e continuidade ao trabalho desta área essencialmente dedicada ao setor primário.

2.3 GOLEGÃ

*"Este é o campo da Golegã. Para um lado e para o outro da estrada, fabricaram esta terra homens e rio. Fizeram-na lisa para se verem melhor uns com os outros, resguardando o rio entre salgueiros enquanto lhe não vem a hora de continuar a sua parte da obra, se não de a destruir, caso em que não está excluída a culpa dos homens. A estrada corta a direito, não há colinas a contornar, desníveis a vencer, é quase até uma reta perfeita até aquele outro rio, que é, diga-se-lhe o nome, o Almonda."*⁷

O preenchimento demográfico do local deveu-se à fertilidade das suas campinas argilosas, abundantemente irrigadas pelo rio Almonda, que corre a oeste, e pelo rio Tejo, a sudoeste. A tradição afirma ter aí existido uma albergaria que uma galega geria onde pousavam passantes reais, provavelmente dada a situação estratégica do lugar próximo da estrada Real. Esta pousada teria dado de nome à vila (originalmente: "Venda da Galega", "Póvoa da Galega" ou "Galegã") e estima-se que a presença humana nesta zona se tenha manifestado numa altura muito anterior à que os registos oficiais apresentam. Como prova foram descobertas ruínas de casas de habitação com pavimento empedrado com mosaicos do período romano, indicando explorações rurais em forma de *villae* eventualmente bem apetrechadas e relativamente prósperas.

⁷ SARAMAGO, José. in HENRIQUES, Pedro Castro. Lusitano, o Cavalo ancestral do Sudoeste da Europa. Lisboa: Iconom. 2001. p.110



Fig. 9 | "cheia na Golegã" | Golegã | Carlos Relvas | Data desconhecida

Fig. 10 | "Aspetos da paisagem ribatejana" | Ribatejo | Carlos Relvas | 1838 - 1894

Fig. 11 | "Lezíria na Cardiga" | Quinta da Cardiga | CARVALHO, António | 2016

Existem ainda marcas indiscutíveis da civilização árabe ou “mourisca”, tais como a secular prática do cultivo da laranjeira, os sistemas de rega, o tradicional fabrico do azeite em lagares de tecnologia implementada pelos árabes e vestígios evidentes da típica arquitetura de pátio interior.

A Venda Galega, ou póvoa da Galega, como era conhecida aquando da fundação do reino recebeu foral outorgado pelo monarca D. Manuel I a 25 de Abril de 1520, e é elevada à categoria de vila por D. João III em 1534, conforme rezam os “Livros dos Forais Novos da Estremadura” da época.

A par da importância do lugar em que se situava, a região da Golegã detinha uma das maiores riquezas da altura: fertilidade das terras. Sendo a localidade um ponto de referência nos antigos roteiros viários, mas também do roteiro fluvial de riba-Tejo, amplamente praticável até ao século XVII pelo menos, a vila ganhou fama, impulsionando o desenvolvimento comercial e demográfico da região. Da mesma forma, a abundância de pastos fez com que o gado equino crescesse. Estes animais serviam, por sua vez, as necessidades dos viajantes e de vários criadores apostados em aquilatar as respetivas coudelarias, ficando assim sublinhada a relevância da Golegã também neste domínio.

CAPITAL DO CAVALO

“Quando na feira da Golegã passa um lavrador a guiar uma parelha, não é só a presunção marialva que ali vai. É ela, o par de bestas e a paisagem que desfilam diante de nós, numa conjugação perfeita do racional, do irracional e do natural.”⁸

A vila da Golegã, marcada pelo casario baixo e grandes arruamentos reticulares é, de há muito, terra onde cavalos e toiros foram sempre apreciados, bem como o berço de gente famosa no mundo do toureio. A feira de São Martinho, ou Feira da Golegã como usualmente é conhecida, é a mais concorrida manifestação equestre realizada em Portugal. Com o decorrer do tempo, devido à grande afluência desta, a feira prolongou a sua influência e estendeu-se para um outro acontecimento que decorre no mês de Maio, já de características empresariais modernas, a Expoégua. Esta, apesar de se centrar no mesmo animal, celebra a importância das fêmeas na criação cavalar. Mas é sem dúvida a feira de São Martinho que suscita as atenções, e alimenta boa parte da história até pela permanência de rituais e de uma sociabilidade típicas.

A Feira Nacional do Cavalo enche as ruas da Golegã durante a segunda semana do mês de Novembro. São atualmente 9 dias durante os quais a vila se torna o epicentro do universo equestre. As ruas, peçadas de gentes de todos os cantos do mundo, transpiram a alma ribatejana e a cultura histórica da região.

Segundo consta nos registos históricos da vila, a sua origem remonta a meados do sec. XVIII. O cheiro a castanhas assadas, as samarras alentejanas, e as lojas de comércio livre tornam-se ícones “estrangeiros” desta celebração, complementando a doutrina ribatejana.

⁸TORGA, Miguel. in HENRIQUES, Pedro Castro. *Lusitano, o Cavalo ancestral do Sudoeste da Europa*. Lisboa: Iconom. 2001. p.111



Fig. 12 | "Feira Nacional do Cavalo | Golegã | visitPortugal | 2015

Fig. 13 | "Coudelaria Ortigão Costa" | Golegã | Autor desconhecido

Fig. 14 | "Cavaleiro" | Golegã | Autor desconhecido

Fig. 15 | "Cavalo de El Rei II Semadinha | Golegã | Autor desconhecido | 2015

Banhados pela frequente chuva, centenas de pessoas têm a oportunidade diária de assistir a espetáculos de apresentações de jovens cavalos e depostos equestres, tais como, Dressage, *horseball*, atrelagem, saltos de obstáculos, entre outros. Em 1972 foi alterado o nome oficial da feira, que passou a ser dominada Feira Nacional do Cavalo, fazendo jus à há importante e consagrada tradição que faz da Golegã, desde há muitos anos, a denominada “capital do cavalo”.

É, por isso, há já bastante tempo um ponto de comércio equestre relevante na panorâmica nacional e internacional. Para investidores e criadores equestres a feira torna-se uma montra da mais célebre produção de cavalos lusitanos. Subtilmente, fora do alcance do visitante comum, grandes negócios são efetuados durante este período. Por esta mesma razão os principais ferros portugueses marcam habitual presença. Em termos turísticos a oferta torna-se insuficiente sendo que a procura cresce ano após ano. Antigamente a procura por quarto e estábulos, baias ou box's era proporcional, no entanto, com a universalização da feira, a procura descaracterizou-se e amplificou-se, sendo cada vez mais direcionada para o turismo de lazer, mesmo mantendo a marca das práticas empresariais, agora mais mitigada, pelo que se assiste hoje a uma carência de quartos ou alojamento enquanto que muitos dos antigos estábulos ficam por preencher.

Mudam-se os tempos, mas as vontades continuam, e apesar de tudo, na Golegã o espírito de celebração equina (e taurina) que a habita anualmente. O mesmo frio de Outono continua a ser combatido pelo calor da água-pé e do abafado e o período de estagnação do ciclo agrário é ignorado pela folia e festa que dá sentido às gentes ribatejanas.

2.4 A QUINTA DA CARDIGA

A Quinta da Cardiga é muitas das vezes associada a contos fantasiados, juntamente com o seu vizinho Castelo de Almourol, um e outro não podem ser dissociados. Mais curioso se torna esta relação no âmbito do que podemos chamar “história mítica” onde ambos são associados a lendas de gigantes. Mesmo que essas lendas tenham sido inventadas, e redigidas “à posteriori, não deixam de conter fatores de encantamento.

De facto, numa obra ou “conto de cavalaria”, muito tardio, da autoria de Francisco de Moraes⁹, intitulado *Palmeirim de Inglaterra*, redigido por volta de 1544, o escritor associa Almourol às lendas de gigantes, sendo que dá a um dos seus gigantes o nome de Cardiga.

Note-se que a Quinta da Cardiga, como assinala Paulo Pereira seguindo as sugestões de Manuel J. Granda, “foi uma das mais produtivas unidades de exploração rural de todo o país.”

⁹ Escritor Português (1500 - 1572), autor da obra *Palmeirim de Inglaterra*



Fig. 16 | Palmeirim de Inglaterra | Capa do Romance de cavalaria português que Francisco de Moraes entre 1541 e 1543 | O livro possui algumas lembranças autobiográficas do autor, e é considerado um dos melhores romances de cavalaria do século XVI

Eis um excerto:

"Giganta Cardiga

"Desta sorte chegaram à cidade bem noite, que acharam a imperatriz acompanhada das rainhas de França e Espanha, e de Gridónia, sua nora, e Vasília, emperatriz d'Alemanha, sua filha, e rainha Flérída, Miraguarda, Polinarda, Lionarda, rainha de Trácia, Francelina, Cardiga, mulher d'Almourol, e Arlança de Dramusiando, com todas as outras princesas e damas, que no campo tinham seus penhores, (...)

Grande espaço se consumiu nisso, e com grã fadiga Primalião e D. Duardos as fizeram recolher. Nacia deste mal outro maior, e era que como os mais daqueles príncipes e cavaleiros viessem feridos e perdessem muito sangue, por não ser curados com tempo, fazia-lhes dano esta detença, e alguns morreram do que ali recresceu, que, enchendo-se as feridas de ventosidade, os corpos de fraqueza, deu azo a muitas mortes. Já que começavam a recolher-se, Cardiga, mulher de Almourol, que tinha seu marido nos braços, não havia quem a abalasse, antes com temerosos urros e palavras cheias de grã dor e lástima chorava sua desventura e desespero; co'esta mostra d'amor de Cardiga, lembrando a maneira de que seu marido morrera, não havia pessoa de tão rijo coração que ousasse apartá-la dele, e a rogo de D. Duardos, a rainha Flérída, a quem as feridas de seu marido e filhos traziam trespassada, se chegou par' ela e a consolou e acompanhou té aquele primeiro ímpeto fazer termo. (...)

Os imigos não passavam seu tempo alegremente, que antr'eles havia a mesma desventura: muitos príncipes mortos e três gigantes, de que se tinha muita confiança." ¹⁰

¹⁰ In MORAIS, Francisco, *Palmeirim de Inglaterra*, cap. XII (seleção, argumento, prefácio e notas de Rodrigues Lapa), Lisboa, 1960

Diga-se que a lenda, sendo isso mesmo, uma lenda, contém todos os ingredientes característicos de outras lendas de gigantes europeias, muitas delas fixadas pelos literatos do século XVI, de entre os quais se destaca Rabelais (Panurge, Pantagruel). Mais do que isso, o fato de a terra da Cardiga, através do nome de “giganta” estar associado a tudo o que detém proporções enormes - os gigantes - parece ser uma metáfora acerca da fertilidade dos solos e da fecundidade dos rebanhos nesta zona privilegiada: tudo é grande, dos legumes aos animais. Será assim?: esse mistério, que remete para o que Manuel Granda interpreta como uma espécie de território “eubiótico” - diríamos hoje, de elevada produção e de harmonia do ecossistema na ótica de Pereira - pode bem ser, quem sabe, uma chamada de atenção para as terras fecundas, os solos húmidos e férteis, desta região, patente em outras lendas de “gigantes” no território português e na Europa - e no mundo.

OS PRIMÓRDIOS

O lugar vê a sua história intimamente ligada a uma das maiores Ordens existentes em Portugal, a Ordem do Templo. Tudo indica que a fundação deste enclave remonte ao tempo da implantação da Ordem em Portugal.

Mas se o Castelo de Almourol, fundado no século XII, persiste com o seu perfil único e o caráter indelével de uma estrutura defensiva templária, de perfil vertical, situado numa ilhota no meio do rio Tejo (que faz dele uma presença assídua nos roteiros templários que se publicam na Europa e pelo mundo fora), já a Cardiga é substancialmente menos (pouco, ou quase nada) conhecida, especialmente quanto ao seu igualmente antiquíssimo castelo.

A primeira doação de terras à Ordem, data de 1127. Seguiram-se ainda algumas doações importantes à mesma, conferidas por D. Afonso Henriques em 1143 e em 1159. Sendo os territórios ofertados cada vez mais para Sul, uma vez que a Ordem do Templo iria representar na geoestratégia Afonsina um papel fundamental na defesa da margem Norte do Tejo, assegurando assim o avanço até à Estrema (Estremadura) portuguesa, que fazia fronteira face ao sul que estava sob domínio islâmico. A linha do Tejo era assegurada por três castelos - Lacardica, Almourol e Foz do Zêzere - ajudados pelos de Torres Novas e Tomar. Ao todo, cinco castelos faziam a fronteira territorial numa linha inferior a 20 km, incluindo também Pombal e Santarém - e eventualmente um sexto: Ceras.

Sublinhamos *Lacardica*, entendida como castelo, por se tratar de uma das primeiras menções à Cardiga. Os castelos, à semelhança dos povoados a que muitas vezes deram origem, procuram aliar à importância do fator defensivo intrínseco as constantes como, segundo Jorge Gaspar “o abastecimento de água ou a compacidade dos terrenos

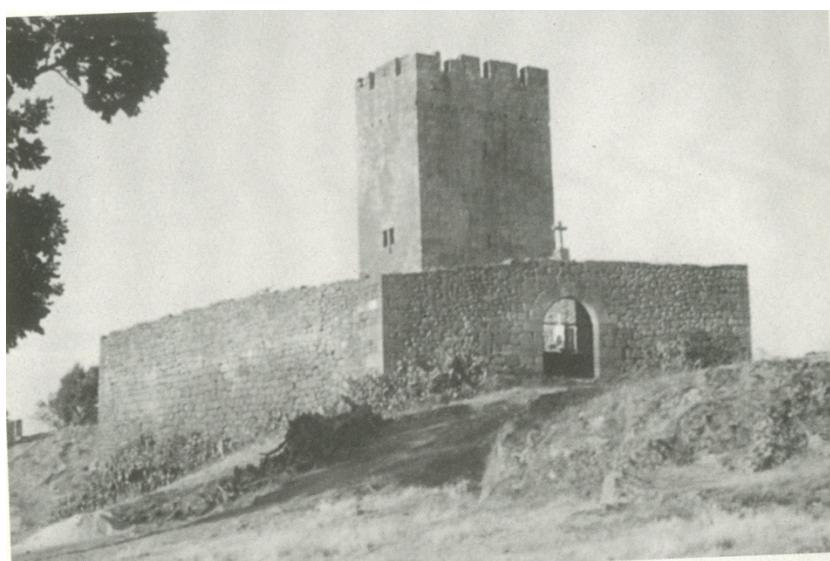
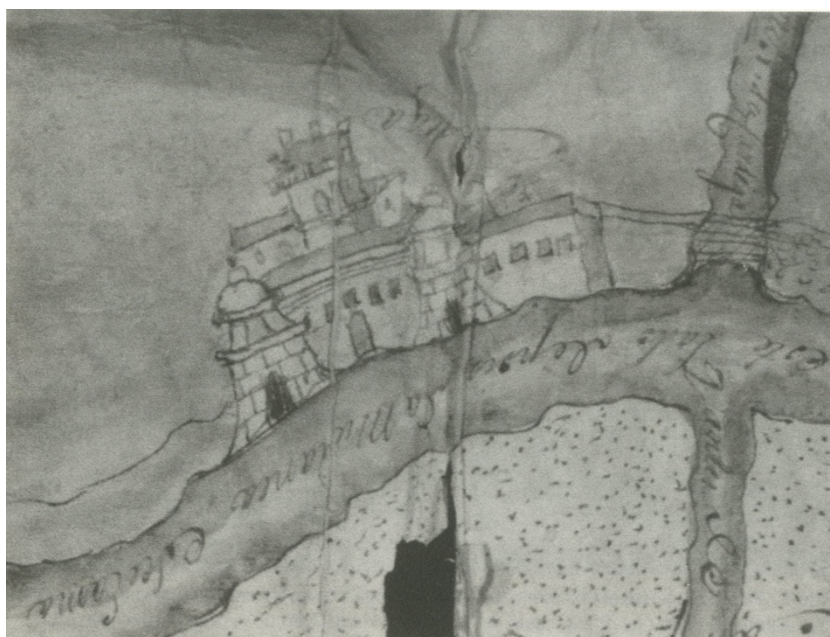


Fig. 17 | Primeira representação conhecida do Palácio da Cardiga, fachada Sul | Quinta da Cardiga | Cardiga | Ordem de Cristo | 1504

Fig. 18 | Panorama possível do castelo inicial da Cardiga. Neste, a torre era de pedra, mas as muralhas primitivas eram de taipa | Cardiga | Autor desconhecido | Data desconhecida

*para construção*¹¹, pelo que o castelo da Cardiga ergue-se no lugar que hoje dá nome ao sítio.

Assente estrategicamente junto à margem direita do Rio Tejo e numa zona de baixa altitude - entre os 23 e os 24 metros - o Castelo da Cardiga, embora menos robusto, fazia parte deste conjunto defensivo, com raízes que se estribavam numa estratégia de defesa do Médio Tejo, face a eventuais incursões mouriscas.

O Castelo da Cardiga - ou melhor, as terras onde este viria a ser edificado -, foi, com efeito, logo doado à Ordem do Templo por D. Afonso Henriques em 1169 para arroteamento e cultivo. Já o processo que leva à transição do topónimo, de “castelo” para “quinta” é desconhecido, mas pode ter-se dado ainda durante a primeira dinastia. Fruto por um lado do avanço das tropas cristãs para Sul, com a gradual obsolescência desta linha de defesa e de prevenção fronteiriça, inexistente, já em meados do século XIII, pelo que, ao que os anais históricos sugerem rapidamente passou de Castelo a Quinta da Cardiga, ao que não será estranho a sua riqueza agrícola, que passou a ter precedência. A sua riqueza agrícola, e o papel de exploração agrária e de abastecimento das comendas da Ordem - e do Convento de Cristo - ao invés da sua ocasional e fugaz importância estratégica militar - passou a ser entendida como dominante o que, diga-se em abono da verdade esteve sempre ligada à impressionante fertilidade dos solos e dos respetivos pastos, cuja posse importava assegurar a todo o custo.

Vejamos.

Em Outubro de 1169, D. Afonso Henriques, entregava à Ordem do Templo os territórios da Cardiga. É precisamente esta origem que, ainda hoje, identifica a Quinta e os seus vestígios vigorosos de um castelo medieval, presumivelmente do século XIII, ou antes de uma torre defensiva e a forte atalaia, debruçada sobre o Tejo.

¹¹ GASPAR, Jorge. In ROSSA, Walter. A Urbe e o Traço. Uma Década de Estudos Sobre o urbanismo Português. Livraria Almedina 2002 p.197

Não nos poderemos estender no riquíssimo historial da Ordem do Templo e dos seus feitos, mas o trauma histórico reside na sua extinção foi por demais evidente,

“por ordem papal plasmada na bula pontifical Regnum in Coelis, de Clemente V, datada de 12 de Agosto de 1308, foi obedecida pelo rei de Portugal, D. Dinis, mas sem desmontar o poderio da antiga ordem agora extinta. Passado um período de “nojo”, a coroa resolveu reintegrar todos esses territórios e bens numa nova Ordem militar-religiosa, que veio a substituir a primeira.” ¹²

Extinta esta Ordem, o domínio do seu território passou para os Freires de Cristo, e da Ordem do Templo segue-se a influencia da Ordem de Cristo. Desta forma e transformada em Comenda ¹³, a Cardiga passa a ter um outro papel na história do país: a rentabilização ao máximo dos recursos que possuía. É nesse sentido que a Cardiga irá servir os novos desígnios da Ordem.

¹² PEREIRA, Paulo. 2016

¹³ Comenda_ é um benefício em geral financeiro, que antigamente era concedido a eclesiásticos e cavaleiros de ordens militares. No passado era uma porção de terra doada oficialmente como recompensa por serviços prestados, ficando o benefício com a obrigação de defendê-la.

ORDEM E CONVENTO DE CRISTO

No início do século XVI o castelo era apenas materializado na pequena torre que ainda hoje se levanta e, transformada em comenda, a Cardiga estava longe do seu espírito e sentido primitivo para que fora criada. Era agora vista como mera fonte de receita e por isso bastante cobiçada entre os monarcas.

Depois do falecimento do seu último comendador leigo, Frei Nuno furtado de Mendonça a Cardiga será entregue ao Convento de Cristo de Tomar em 1536. Esta passagem ocorre na sequência da Reforma da Ordem de Cristo, em 1529. Sendo a Quinta um importante elemento fundiário, numa altura em que a terra tinha um grande valor, acaba por ter um papel importante no plano económico, já de Tomar, a sede da Ordem, - alterava agora a sua gestão - como hoje se diz... - devido aos planos criados por Frei António de Lisboa, frade jerónimo encarregue de uma reforma monástica que criou para a Ordem um regime de clausura e uma laicização dos títulos dos comendadores, dividindo o que era do foro espiritual e o que era do foro temporal.

Assim é certo a ação de Frei de Lisboa, prior da nova ordem, é decisiva na reconstrução e ampliação da Cardiga, para complementar as terras da Comenda. Estas são entregues a título perpétuo no âmbito das terras fronteiriças até à margem direita do rio Tejo. (Fig. Territórios da Ordem do Templo). Com efeito, Frei António de Lisboa “deixou construído na Cardiga um conjunto habitacional que faria inveja a muito solar da nobreza”¹⁴

¹⁴ BATISTA, Luís. Nova Augusta, Revista de Cultura. As Obras na Cardiga Durante os Priorados de Fr. António de Lisboa e Fr. Pedro Moniz: 1529-1630. Torres Novas: Gráfica Almondina Nº 20 2008. p.147

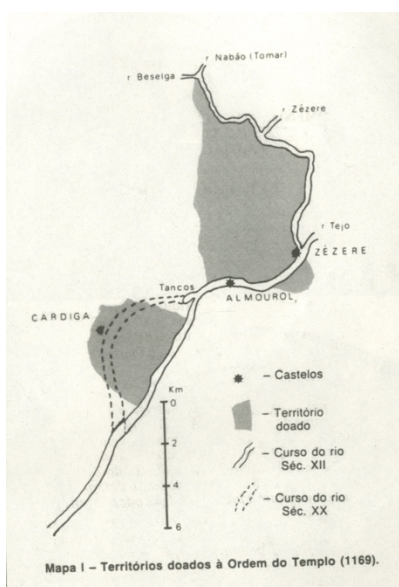


Fig. 19 | Panorama geral do Palácio da Cardiga em meados do século XVIII | Cardiga | Arquivo da Quinta | Data desconhecida

Fig. 20 | | A vila e a região do século XII ao XVI | Ribatejo | João José Alves Dias | 1989

Fig. 21 | Uma Grande Obra de Engenharia a mudança do curso do rio Tejo | Ribatejo | João José Alves Dias | 1989

Quanto ao curso do Tejo, bastamente alterado, a mudança é encomendada por D. João III, a pedido do seu irmão Infante D. Luís, que dá autorização para mudar o curso do Rio Tejo, deixando assim de se manter as demarcações existentes que delimitavam o património de cada um. Fazendo passar o rio “pela parte da Cardiga” ¹⁵, as terras ficavam divididas e grande parte destas alteravam-se assim, para a margem esquerda do rio, juntamente com a propriedade da Coroa. Se tal facto não causou problemas no século em que este foi mudado, o mesmo não aconteceu 200 anos depois.

Uma vez que a norte do Tejo se localizava a propriedade da Cardiga, esta viu-se invadida em permanência pelas águas do Tejo, uma vez que o traçado artificial desenhado pelo homem, foi sendo descaracterizado pela natureza e aos poucos foi formando uma linha de água no lugar onde ainda hoje o vemos correr.

Por tudo isto, séculos volvidos, não foram pacíficas ao longo do tempo tais mudanças, já que se inicia um conflito entre a Coroa e a Ordem de Cristo. Ambas reclamavam o mesmo pedaço de terra, devido ao facto de a fronteira natural que separava as propriedades – o rio Tejo - ter sido alterada, numa mudança que ocorreu no início do século XVI. Trata-se de um fato ainda mais gritante no decurso de 1735... como se verá por este documento, devidamente valorizado pelo Prof. J.J. Alves Dias:

¹⁵ ALVES DIAS, João José. Nova História. *Uma Grande Obra de Engenharia em Meados do Século XVI: a Mudança do Curso do Rio Tejo*. Lisboa: Editorial Estampa. Nº1 Maio | Junho 1984. P. 66

*"Da mudança do Tejo para a parte da Fedorenta [lagoa junto a Tancos], por donde agora vai o dito Tejo, foi comendo cada ano as terras do campo da Cardiga que é do Convento de Tomar, da maneira que lhe tem levado a maior parte do dito campo, e livaria o que lhe tem levado o dito Tejo alguns quarenta moios de pão de sementeira. E cada ano lhe leva ainda agora tanto que, quando o Tejo ia pela outra parte, da Cardiga ao Tejo havia um grande espaço, tanto que, quando os Padres haviam de ir embarcar em algum barco por não poderem ir a pé, iam em cavalgadas e agora vai já por junto das casas da Cardiga."*¹⁶

A construção, inicialmente de carácter militar, embora sempre tivesse sido marginal ao grande afluente da capital, viu a sua situação drasticamente alterada, e viu-se obrigada a desenvolver características construtivas ribeirinhas de contemplação do rio, uma vez que até então a sua ligação preponderante era de cariz funcional, utilizando a faixa fluvial como meio de comunicação e transporte.

¹⁶ Idem p.70

CONSTRUÇÃO DE UM PATRIMÓNIO EDIFICADO

Através da análise cuidada do levantamento foi possível obter uma melhor compreensão de toda a essência não só do palácio, mas também das construções agrícolas envolventes. A metodologia usada, tendo em conta a inexistência de levantamentos atualizados, baseou-se no processo de análise planimétrica a partir de plantas obtidas pela autora. E Segundo o processo de análise de “arqueologia da arquitetura”, pese embora o predomínio, neste estudo, da pesquisa planimétrica apenas conjugada com a “arqueologia” mural ou parietal em situações pontuais, uma vez que não são conhecidos precedentes para a leitura muraria do edifício nuclear da Quinta, e por os mesmos se encontrarem, na sua grande maioria rebocados, com a respetiva “pele” ocultando eventuais cicatrizes reveladoras da sucessão construtiva.

Assim, o atual palacete apresenta uma estrutura de palácio-fortaleza renascentista, de planta fechada, e é rematado nos cantos por 4 torreões circulares. O edifício integra 2 pátios interiores, um de serviço maior, e outro senhorial onde se encontram as escadas exteriores de acesso ao primeiro piso; algumas galerias e diversas dependências que formam a planta do palácio. Do antigo castelo templário resta apenas a torre ameada de planta quadrangular de seis pisos. Esta é a estrutura mais antiga no local e a que se encontra a uma cota superior aos restantes edifícios. A fachada principal do palacete é continua e termina na frontaria da capela primitiva, dedicada à Nossa Senhora da Misericórdia.

As plantas com códigos de cores procuram elucidar as fases construtivas do edifício principal:

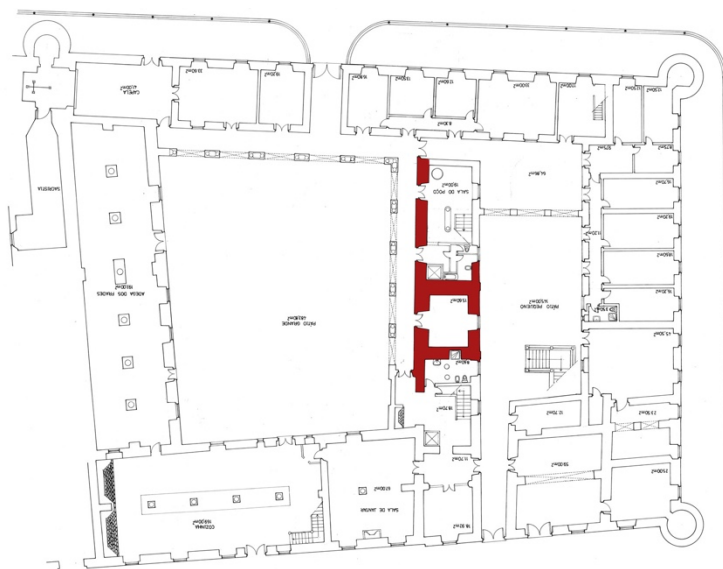


Fig. 23 | FASE I: Cerca de 1170-1250 (?) Planta conjectural: atalaia e anexos (a vermelho escuro)

Fig. 22 | FASE II: Cerca de 1450 (?) Planta conjectural: atalaia e anexos ampliados e edificação de muralha com bastiões (a vermelho). A quadra poderia estar completa, mas foi sujeita a alterações posteriores, restando da fase II o que se assinala.

FASE I: parece remanescer da construção original, que remonta ao século XII-XIII, a estrutura básica e invólucro da torre. Esta torre, sem possuir a monumentalidade e robustez das torres castrenses templárias, deveria corresponder, como se indicou já, a uma atalaia, destinada a complementar os outros sistemas defensivos do curso do Tejo. A espessura das paredes ao nível do piso térreo, indicam a maior antiguidade deste trecho. Anexa a torre, terão sido edificados, como era comum em situações deste tipo, estruturas adjacentes de auxílio, para uma eventual guarnição e para armazenamento. Serão desse conjunto anexo algumas paredes que sobrevivem, igualmente de grande espessura, tendo as restantes sido objeto de modificações ulteriores.

FASE II: a segunda fase, que situaríamos em termos cronológicos no século XV, terá testemunhado uma ampliação do reduto, embora já sem um carácter tão marcado do ponto de vista castrense. Pela leitura da planta e a análise de elementos portantes, estamos em crer que deverá datar de meados daquela centúria uma primeira campanha de obras que procurou definir um reduto, como dependências no seu interior, oferecendo um pano de muralhas com dois torreões circulares ou bastiões nos extremos. Tudo leva a crer que essa campanha terá previsto o “fechamento” da estrutura e só trabalhos arqueológicos é que poderiam esclarecer quanto ao cumprimento desta intenção, uma vez que as alterações posteriores poderão ter descaracterizado as partes construídas e o edificado quatrocentista. Registe-se a probabilidade da remodelação e ampliação das dependências anexas à torre, o conjunto de dependências que se constroem encostadas à nova muralha. As aberturas ou o rasgamento de janelas, foram praticadas mais tarde, eventualmente já na terceira ou quarta fase – ou mesmo mais tarde, no decurso do século XVI, na campanha renascentista (especialmente no 1º piso), e do século XVII, como suspeitamos que aconteceu.

FASE III: Posteriormente, e já num período que situamos como sendo o da intervenção de João de Castilho ou da sua “companha” de trabalhadores, foi levada a cabo uma campanha de obras no quadro da reforma da Ordem de Cristo (desde 1529) empreendida por Fr. António de Lisboa. Esta campanha terá sido desenvolvida no sentido de dotar a estrutura antiga de distinta qualificação, procurando transformar-se o conjunto numa granja e, ao mesmo tempo, numa residência ou vila, de modo a servir, tanto como exploração agrícola –ou dando definitivamente prioridade à atividade agropecuária- mas também como lugar de pouso, passagem ou hospedagem para os dignitários da Ordem. O programa encetado procurou assim conferir ao conjunto um ar mais civilista. As adaptações então empreendidas visaram abrir vãos de entrada e janelas de modo a conceder maior conforto para estadias, em aumentar as áreas cobertas e, eventualmente, em definir uma segunda quadra, claustro ou clausurim/saguão com finalidades utilitárias. Terá sido por isso construído a grande ala que se encosta na perpendicular à fachada /muralha com os bastiões, definindo-se uma divisão e distribuição de espaços com a função já de uma quinta. No extremo desta nova ala, seria edificada a capela, de modo a rimar com os bastiões da fachada quatrocentista. Mas também, nestas fachadas e nas restantes dependências, o critério adoptado foi a de princípios domésticos mais do que militares – ou, de todo, religiosos e /ou civis, - obedecendo, de resto, a modelos de vilas renascentistas. Podemos situar estas obras num período que vai da intenção projetual cerca 1529 até cerca de 1547 ou até um pouco mais tarde, até ao falecimento do chefe de estaleiro ou mestre de obras João de Castilho. Note-se que esta campanha de “modernização” é contemporânea da presença da atívisima e ampla empreitada dirigida por Castilho no Convento de Cristo.

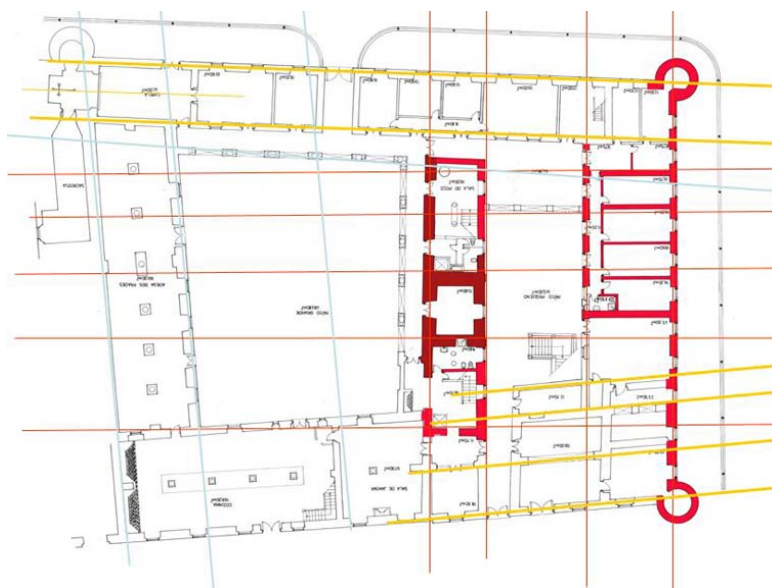


Fig. 25 | FASE IV: Cerca de 1560-1600(?) Planta conjectural: amplificação do conjunto, construção de um claustro de serviço

Fig. 26 | Linhas dominantes dos alinhamentos das quatro fases de construção do núcleo central da quinta.

FASE IV: A fase posterior decorre entre finais do século XVI e todo o século XVII e reforça a condição produtiva do conjunto. Podendo já estar pensada na reforma quinhentistas, inicial, é fechada uma segunda quadra já com a configuração de um claustro com arcadas, robustas e pouco harmónicas. As dependências que se ergueram em redor, complementam a funcionalidade do conjunto, com refeitório e armazéns, e apontam para a expansão do edifício, o que virá a ocorrer ainda no século XVII ou mesmo no século XVIII, com continuação durante oitocentos. A linguagem adotada é já a de um renascimento tardio, e não é impossível que para tal tenham igualmente concorrido as empreitadas que então continuavam no Convento de Cristo.

A lógica desta leitura parece ser confirmada pelos eixos dominantes das edificações. Existe para cada campanha uma direção. Com efeito se nas duas primeiras parece respeitar-se a ortogonalidade imposta pela antiga atalaia e anexos, já na terceira campanha (fase III), dá-se uma torsão na implantação dos edifícios, em ambos os lados do conjunto, tendência esta que se mantém nas obras posteriores dos séculos XVI-finais e do século XVIII. Estas dinâmicas de alinhamento obedecem a necessidades de ampliação, bem entendido, a constrangimentos topográficos ou de constituição dos solos, mas também a uma ideia mais aberta da configuração de uma quinta, mais do que de uma vila com qualidade simetria, que estando na mente de Castilho ou de Fr. António, deixaram de ser importantes à medida que de vila, o edifício se vai transformando definitivamente numa imensa quinta.

Não impede que no caso vertente nos encontremos perante uma tipologia invulgar. A escassez de estudos histórico artísticos e arquitetónicos da Quinta, permite apenas, por enquanto, avançar com hipóteses de filiação e/ou derivação, para efeitos comparativos. Que são alguns por sinal.

Por exemplo, para a FASE I, o sistema singelo de torre e anexos é uma característica das atalaias medievais, quer tão antigas quanto as do século XII-XIII, quer ainda algumas posteriores, já do século XIV. A planta abaixo dá conta do tipo de adoção que uma singular torre senhorial recebeu no norte do país (e o mesmo se passava por todo o território nacional), com anexos agregados à estrutura fortificada quadrangular, como terá acontecido na Cardiga logo de início (fase I).

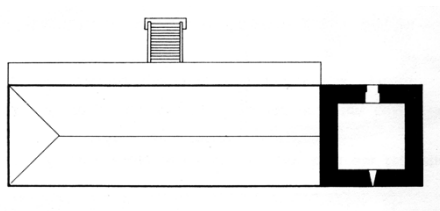


Fig. 27 | Torre senhorial e anexo em linha com a torre (AZEVEDO, 1988, p. 27)

Já a edificação de quintas, durante o século XV-XVI, marcadas ainda pelos aspetos mais retóricos do que reais de uma fortificação, que de fortaleza apenas mantém a simbólica e a expressão do edificado, embora rara, possui elementos de comparação. A começar com as que provenientes de quatrocentos ou fundadas de raiz pela nobreza, como acontece com o Solar da Sempre Noiva, que em planta (que não em alçado) mostra algumas semelhanças com a Cardiga, já que a dominante organização dos volumes é em forma de “L” ao nível da planta.

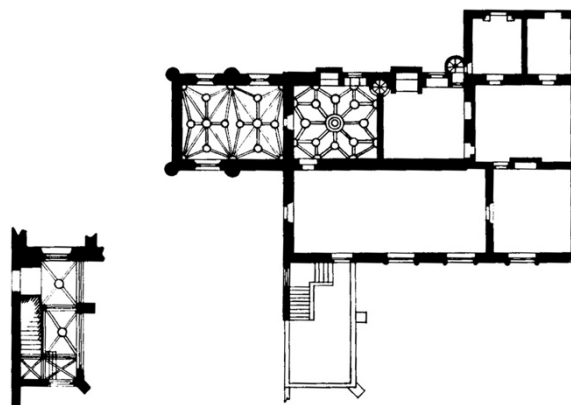


Fig. 28 | Solar da Sempre Noiva , Arraiolos (c. 1520-1530) (seg. DGEMN/IHRU)

E com esta planta em “L” se iriam definir casas rurais de bom porte no século XVI. Afiança Paulo Pereira: *“Entretanto, na sua grande maioria, os paços rurais da realeza ou da nobreza portuguesa, (...) respeitaram durante a centúria de quatrocentos a hierarquia exterior que se exprimia na persistência de um corpo mais alto, de “representação” militar -a torre- acompanhado de anexos quase sempre formando uma planta em ‘L’.”*¹⁷

Um dos paços aristocráticos do sul do país e de linguagem manuelina permite, por outro lado, estabelecer paralelos com formas dir-se-iam mais evoluídas de quinta palaciana. Trata-se do Solar de Água de Peixes, no Baixo Alentejo. Verifica-se desde logo pela sua planta –mas aqui também pelo seu perfil, que a construção que deve datar de cerca de 1520-1540, foi obedecendo a uma lógica orgânica, pese embora um partido inicial em que predominaria a planta em “L” segundo se crê. Mas a exploração agrícola, robusta e próspera, levou ao fechamento do conjunto com um recinto interior com características claustrais. Nota-se a hierarquia dos espaços destinados uso residencial e as adições de carácter utilitário e produtivo, tal como virá a acontecer na Cardiga.

¹⁷ PEREIRA, Paulo, “As Grandes Edificações” in História da Arte Portuguesa (dir. Paulo Pereira), Lisboa, Círculo de Leitores, vol. II, 1995, p. 258

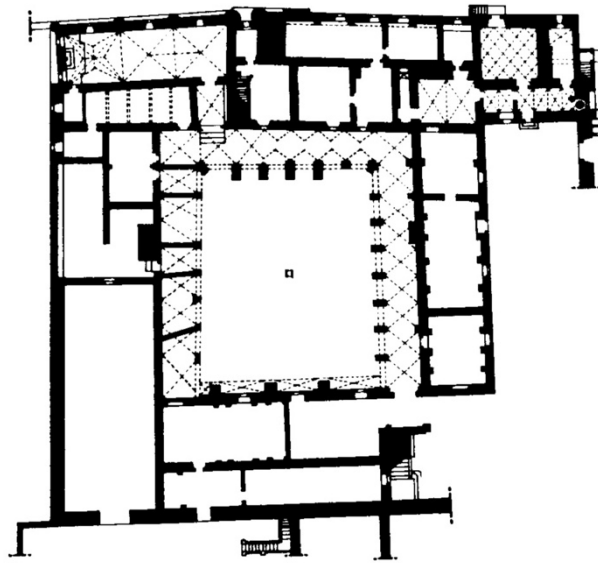


Fig. 29 | Solar de Água de Peixes, no Baixo Alentejo (c. 1520-1540 (?))

Mas não podemos perder de vista a inicial função militar e defensiva da Cardiga. Aí, devemos direccionar os paralelismos tipológicos para estruturas defensivas que continha, todavia, características residenciais. É o caso do Castelo de Castro Marim, de resto, concedido à Ordem de Cristo, que é considerado pioneiro no uso da configuração quadrangular com bastiões redondos nos cantos. Edificado – ou melhor, reedificado e melhorado no tempo de D. Manuel, é uma tipologia fortificada que tinha um grande uso em praças ultramarinas, mesmo que fossem mais robustas. Mas inauguram um tipo de quadra defensiva que não deixa de remeter para a segunda fase da Cardiga quanto se introduzem muralhas com bastiões redondos, mesmo que a empreitada tenha ficado incompleta.

A configuração do edifício, e mesmo os perfis e proporções do alçado, sendo mais densa do que a Cardiga, enuncia os mesmos princípios de racionalidade e ortogonalidade.

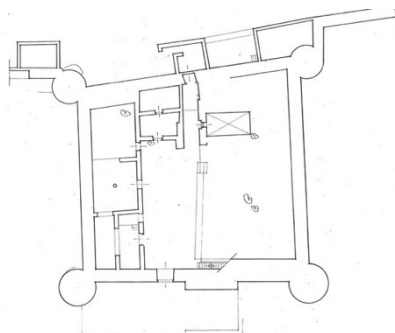


Fig. 30 | Castelo de Castro Marim (seg. DGEMN/IHRU)



Fig. 31 | Castelo de Castro Marim - Vista exterior (seg. DGEMN/IHRU)

Porém, o mais eloquente exemplo de uma filiação tipológica ou de um parentesco entre a Cardiga e outro exemplo português aponta para o Castelo de Fontalva (arredores de Elvas) cuja construção é de data incerta, mas que aponta para finais do século XV e inícios do século XVI se não for mais francamente, em termos de conclusão, já desse século. A planta é substancialmente diferente, já que apresenta uma configuração poligonal de cinco lados. Porém, quer a altura das muralhas (que são mais muros do que propriamente dispositivos defensivos) e a colocação de bastiões redondos nos vértices, remete sem margem para

dúvida para um modo de construir que é em muito semelhante ao que encontramos na 2ª e 3ª fases da Cardiga.

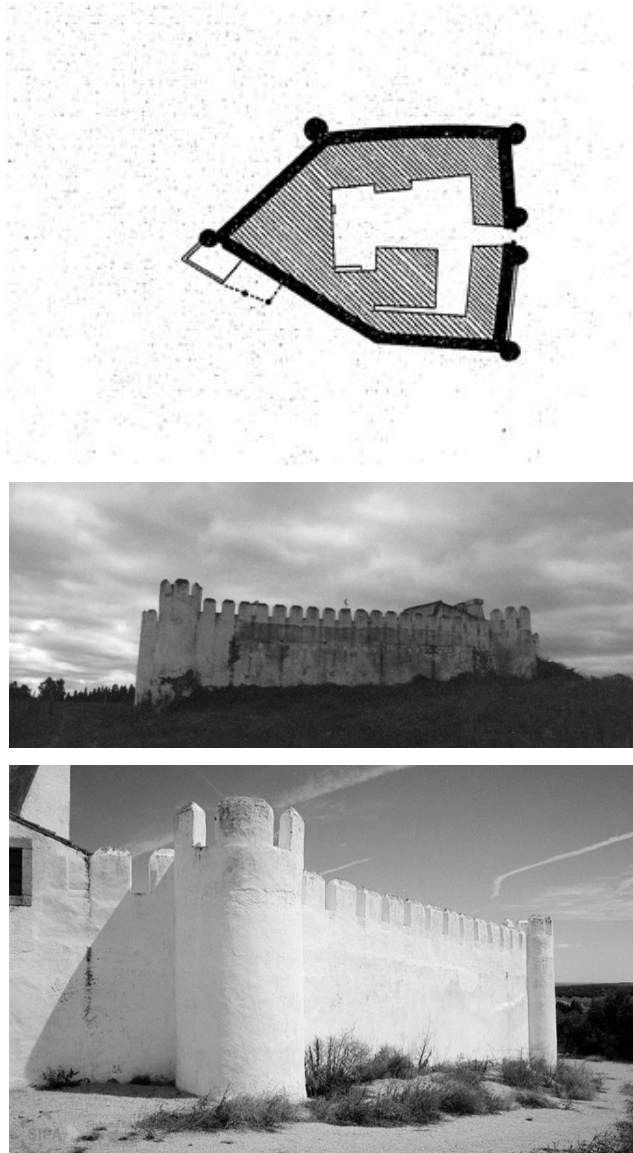


Fig. 32 | Castelo de Fontalva (arredores de Elvas). Planta e vistas gerais exteriores (seg. DGEMN/IHRU)

Não faltam mesmo no interior deste reduto que se inscreve numa categoria pouco estudada entre nós na Quinta fortificada (como a Cardiga o foi...) a existência de edifícios residenciais e utilitários, mais pobres dos que os da Cardiga, onde o financiamento, dependente da todo poderosa Ordem de Cristo, eram abundantes.



Fig. 33 | Castelo de Fontalva (arredores de Elvas). Planta e vistas gerais da quadra (seg. DGEMN/IHRU)

Já as versões eruditas deste tipo de palácio-quinta viriam a materializar-se na segunda metade do século XVI. O caso da Bacalhoa é indicativo. Aí, numa estrutura quatrocentista, são efetuadas obras de vulto, a mando do filho de Afonso de Albuquerque, o lisboeta Brás de Albuquerque – que também mandou edificar a Casa dos Bicos -, imbuído ao que parece, de cultura humanista, chamando Francisco de Arruda, e logo a seguir, o genro deste, Diogo de Torralva, mestre em plenas posses dos códigos

renascentistas. Esta faceta não deixou de manter os torrões cilíndricos goleados nos cantos de um palácio que mantinha, afinal, a estrutura tradicional da planta em “L”. Mas chegados a 1540 com obras até, certamente, 1560, as empreitadas de Torralva conferiram a dimensão “italiana” ao conjunto, com novos tipos de vão de volta perfeita e molduras, aliás, muito semelhantes às que encontram, na 3ª e 4ª fase da Cardiga, bem como uma ornamentação de contornos classicistas.

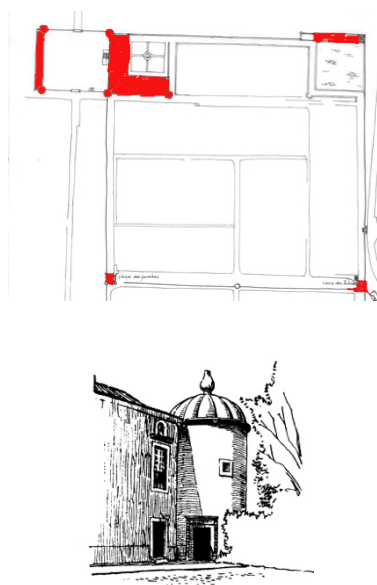


Fig. 34 | Bacalhoa: a vermelho a construção do palácio em “L”. À direita um dos torreões (Arruda/Torralva) – (desenho de Albrecht Haupt, 1895)

Para finalizar este percurso pelos paralelismos possíveis, assinale-se a tendência para a simetrização absoluta já em obras de quintas/palácios mais tardios, de que se destaca a Quinta das Torres, pese embora os muitos restauros modernos a que foi sujeita. Trata-se de uma obra de cerca de 1570, provavelmente atribuível, segundo Paulo Pereira, a António Rodrigues. A estrutura poderia ser emulada, mesmo que com desvios à norma na Cardiga, como parece ter sido o caso, com o pátio/quadra principal e a tendência geral para uma simetrização compositiva, mesmo condicionada pelas estruturas internas dedicadas à atividade agrícola.

Ao redor do palácio encontram-se as grandes instalações agrícolas da Quinta, que demonstram a grandeza em tempos desta casa. Estes edifícios acolhiam espaços como, coudelarias, lagares de vinho e azeite, oficinas de fabrico de queijos e manteigas, adegas e celeiros, bem como dependências para os trabalhadores. Existiam na Cardiga cerca de 16 habitações destinadas aos trabalhadores.

Quanto á análise destas estruturas, o processo é conjetural, tanto na datação como na análise tipológica. Algumas são de carácter vernacular, outras relevam de situações de impostas por soluções rápidas e pobres, mas outras mantêm, ou quase todas, uma personalidade que se deve ter em conta no ato da intervenção.

Na análise a baixo explicaremos melhor esta afirmação.



Fig. 35 | Edifício da Quinta da Cardiga | Legenda: 1. Extensão da adega; 2. Adega; 3. Garagem, vinagraria; 4. Palheiro; 5. Estábulos para gado de trabalho; 6. Carpintaria e serralharia; 7. Garagem, arrecadação, escritórios; 8. Vacaria; 9. Habitações; 10. Oficinas de pintura e revestimento; 11. Banho; 12. Cozinha; 13. Cozinha; 14. Cozinha; 15. Cozinha; 16. Cozinha.



Fig. 36 | Edifícios 1 | 2 | 3

Edifício 1: 2 239 m²; 3 pisos

Edifício 2: 2 132 m²; 1 piso

Edifício 3: 958 m²; 1 piso

Encontram-se a Noroeste do terreno e são edifícios de grandes dimensões, a sua construção é relativamente recente, sendo o edifício 2 aquele que apresenta uma estrutura mais primitiva. Estas construções suportavam as funções de adegas (edifícios 1 e 2); espaço para empalhamento de garrações e arrecadação dos pedreiros, garagem para camionetas e vinagreira (edifício 3). Não possuem características de exceção e são edificações correntes que dataríamos do século XX, realizadas no quadro da gestão agrária da Quinta. Mesmo assim, o seu porte e algumas das fachadas exibem um equilíbrio composicional a ter em conta, talvez devido ao aproveitamento de cantarias quinhentistas, ou por via de trabalho de imitação realizado em oitocentos ou indícios do novecentos (a porta/portão, as janelas geminadas)



Fig. 37 | Vista frontal Adega (Edifício 2)| Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 38 | Vista da Garagem (Edifício 3) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 39 | Vista Este da Adega (Edifício 1) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 40 | Vista Norte da Adega (Edifício 1) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016



Fig. 41 | Edifícios 4 | 5

Edifício 4: 483 m²; 1 piso

Edifício 5: 749 m²; 1 piso

Área do pátio: 492 m²

Pátio pecuário de piso permeável, rodeado por edifícios de escala reduzida. Colado a estes, do lado oeste do pátio, situa-se uma construção, que difere da escala do pátio, adaptando-se à sua funcionalidade. O palheiro (edifício 4) é uma construção com um pé-direito alto e estende-se ao longo de dois edifícios iguais. As construções que envolvem o pátio são estábulos para gado de trabalho, uma casa de convívio do pessoal, um refeitório e uma pequena habitação para os trabalhadores (edifício 5).



Fig. 42 | vista do pátio de serviço | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 43 | Vista do pátio de serviço para os estábulos (Edifício 5) \ Fotografia da autora | 2016

Fig. 44 | Vista sobre o pátio de serviço \ Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 45 | Alçado Oeste (Edifício 4) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016



Fig. 46 | Edifícios 6 | 7

Edifício 6: 321 m²; 2 pisos

Edifício 7: 492 m²; 1 piso

Área do pátio: 702 m²

Também eles formam uma praça. O edifício que delimita o lado oeste da praça servia no piso térreo com carpintaria e Serração, e no piso superior arrecadações (edifício 6). As construções opostas estão divididas em 3 casas, garagem para tratores agrícolas, arrecadação para material agrícola (originalmente destilaria) e escritórios da Quinta (originalmente destilaria), respetivamente de norte para sul (edifício 7). Oferecem as características da construção utilitária agrícola corrente, apesar da disposição urbana ou potro-urbana impor equilíbrio ao conjunto.



Fig. 47 | Alçado da serralharia Este (Edifício 6) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 48 | Interior da Serralharia (Edifício 6) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 49 | Vista do pátio (Edifício 7) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 50 | Vista oeste dos edifícios de administração (Edifício 7) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016



Fig. 51 | Edifícios 8 | 9

Edifício 8: 355 m²; 1 piso
Edifício 9: 784 m²; 1|2 pisos

As casas completam a frente da rua principal e são representativas da arquitetura típica da zona. A norte da fila à esquerda existe uma um edifício que faz o remate para o lado da praça, nesse espaço eram asseguradas as oficinas de serralharia e de pintura (edifício 8). Junto à estrada, fazem parte um conjunto de habitações que asseguravam a guarida dos trabalhadores da Quinta (edifício 9). Ao longo da estrada e na fila de habitações mais à direita, há uma das casas que se destaca pela diferença de escala, de 2 pisos, originalmente escritórios da Quinta, mas com o crescimento da mesma passou a ser habitação (edifício 9).

A correnteza é assinalável e confere, mais uma vez, um ambiente urbano ao lugar, podendo perceber-se o potencial vivencial e a eventual qualidade de valores de vizinhança. Deverão datar do final século XVIII ou já do início do século XIX.



Fig. 52 | Alçado Oeste, casa dos empregados (Edifício 9) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 53 | Alçado das oficinas de serralharia (Edifício 8) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 54 | Alçado de uma das casas de empregados, vista da rua principal (Edifício 9) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 55 | Alçado da casa maior de empregados, vista da rua principal (Edifício 9) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016



Fig. 56 | Edifícios 10 | 11

Edifício 10: 1 445 m²; 1 piso

Edifício 11: 219 m²; 2 pisos

A vacaria (Edifício 10) faz parte das construções recentes feitas na Quinta, é uma estrutura de grandes dimensões com um espaço de leitaria e moagem e que se estendia para uma grande área de pastagem na parte traseira. Como se encontra não oferece valor de maior, a não ser de carácter utilitário. Do lado sul da estrada, completando o conjunto de estruturas para o cavalo, as boxes (Edifício 11) fazem parte da estrutura que apoiam a coudelaria da Quinta. As 12 boxes distribuem-se ao longo de um extenso edifício que dá costas aos antigos silos horizontais e à malhada de porcos.



Fig. 57 | Alçado Sul, vacaria (Edifício 10) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 58 | Alçado Este, vacaria (Edifício 10) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 59 | Alçado Oeste, antigas box's, vista da rua principal (Edifício 11) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 60 | Alçado Este, antigas box's (Edifício 11) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016



Fig. 61 | Edifícios 12 | 13

Edifício 12: 528 m²; 1 piso

Edifício 13: 458 m²; 1|2 pisos

Área do pátio: 961 m²

Neste conjunto fazem parte as dependências dedicadas à coudelaria. O picadeiro é a estrutura central (Edifício 12), junto a ele funcionava um pequeno quartel dos Bombeiros que cobria a área da Quinta e alguns locais envolventes, nomeadamente São Caetano, existia ainda um canil que se localizava nas traseiras do picadeiro. Do lado Este os existem 3 edifícios (Edifício 13), dois deles simétricos, de frente para uma pequena praça calcetada, o edifício central era uma cocheira¹⁸ e onde dormiam o pessoal encarregue dos cavalos, nas construções agregadas e mais baixas ficavam as cavalariças.

¹⁸ Cocheira é o local onde se guardam carruagens, como coches, carroças, entre outros. Também pode ser um local para acolher os cavalos e o material a eles associado



Fig. 62 | Fachada Este das antigas cocheiras, vista da rua principal para a praça da cocheira (Edifício 13) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 63 | Fachadas Este das antigas cocheiras, casa principal, vista desde a praça (Edifício 13) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 64 | Interior do antigo picadeiro, vista sobre lado oeste das cocheiras (Edifício 12) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 65 | Interior do picadeiro (Edifício 12) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016



Fig. 66 | Edifícios 14 | 15

Edifícios 14 | 15

Edifício 14: 682 m²; 1 piso

Edifício 15: 779 m²; 2 pisos

Área do pátio: 430 m²

Apresenta-se aqui os dois edifícios agregados ao palácio embora não tenham acesso através dele, e que envolvem um pátio de serviço. A construção que faz frente à rua principal e segue a fachada do palácio era um antigo celeiro (edifício 14), pensasse que será das estruturas mais antigas, depois do palácio, que foram feitas na Quinta. Do lado Sul do pátio de serviço existia um Lagar no piso térreo, um celeiro no 1º piso e um armazém de azeite junto ao palácio. (Edifício 15). Este apresenta uma estrutura mais contemporânea e um interior alterado para acolher as funções de lagar.



Fig. 67 | Fachada Sul, antigo celeiro, vista da rua principal (Edifício 14) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 68 | Interior do antigo celeiro (Edifício 14) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 69 | Interior do antigo lagar (Edifício 15) | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 70 | Vista para o pátio de serviço, torre medieval | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016



Fig. 71 | Edifício 16

Edifício 16: 2 601 m²; 2 pisos

A construção apresenta uma planta fechada, característica das construções de caráter defensivo. Ao longo dos tempos foi objeto de várias alterações e adaptações tipológicas, como explicaremos mais à frente. Partindo de uma conceção tipicamente militar, foi-se transformando num palácio habitacional, de planta quadrada, envolvendo no seu plano a torre medieval, e nisto dando origem a uma construção monumental, inserida num ambiente com forte componente rural.



Fig. 72 | Alçado Norte, vista da Torre Medieval, Palácio | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 73 | Alçado Este, vista do torreão, Palácio | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 74 | Alçado Sul, vista da Torre medieval, Palácio | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 75 | Alçado Sul, vista do pátio, Palácio | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

A QUINTA DA CARDIGA HOJE

Com o decorrer dos anos a Cardiga foi tendo o seu papel na agricultura portuguesa. Contudo, com a extinção das ordens religiosas em Portugal, todos os seus bens e casas foram nacionalizados, e a Quinta foi vendida em “hasta publica” a um particular no ano de 1834.

Atualmente é propriedade de nove famílias, herdeiros do falecido Luis Sommer de Andrade, e do Conde de Camurça. A Quinta da Cardiga encontra-se num estado de lenta degradação e, é já uma miragem do que existiu noutros tempos. O seu palácio tem-se mantido imponente no decorrer dos anos, mas o contrário acontece com os edifícios envolventes, existindo perigo de ruir na maioria dos casos, sendo necessária a intervenção urgente sob pena de não terem recuperação possível. Esta problemática tem vindo a ser bastante discutida nos últimos anos, pelos proprietários e políticos da Golegã, pois o nível de degradação coloca em perigo um património que contém memórias de uma época áurea, que marca a história e a população das urbanizações envolventes.

“(...) são ruínas silenciosas mas ainda cheias de vozes que as habitam, migalhas de tempos arcanos que ainda sussurram fios de histórias, que põem perguntas e nos convidam a saber mais.”¹⁹

A Cardiga, atravessou a Monarquia, sobreviveu ao Liberalismo, passou pela República e pelo 25 de Abril de 1974, mantendo-se sempre produtiva e firme à sua identidade. Com a entrada de Portugal na União Europeia, o país sofreu grandes crises na disciplina da agricultura; com a globalização, Portugal não investiu o suficiente nesta atividade. A quinta recebeu alguns subsídios de Bruxelas, mas não conseguiu resistir ao

¹⁹ SILVA, Gastão de Brito. Portugal em Ruínas. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. 2014. p. 13



Fig. 76 | Rua principal, lado direito casa do empregados, lado esquerdo celeiro | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora | 2016

Fig. 77 | Interior de um dos estábulos de animais | Quinta da Cardiga | Fotografia da autora |

mercado internacional e, já com algumas fragilidades em termos económicos, a sua última colheita e produção datam de 1992.

O mundo está em constante mudança e as pessoas de hoje adaptadas as grandes cidades em expansão, vão-se esquecendo das zonas rurais do país. Contudo, a desertificação do interior dos países, neste novo século, tem vindo a evoluir, com pessoas apaixonadas pela vida rural e as ligações com a terra. É necessária uma persistência para construir um futuro rural saudável. É com esta base que surge a procura de uma reutilização que volte a honrar e dignificar a Quinta da Cardiga.

Recordar o património é também trazer de volta o sentido desse lugar, a sua memória e a sua identidade.

3. UM NOVO SIGNIFICADO

“Não evoluo, viajo”²⁰

²⁰ Inscrição na estação de Metro, Parque Lisboa

3.1 O TURISMO

A temática do turismo caracteriza-se hoje, por um lado, por práticas generalizadas de mobilidade dos indivíduos e, por outro, por críticas aos processos de massificação a que estas estão sujeitas.

O turismo moderno, descrito como o “gosto pelas viagens”²¹, tem a sua origem no século XIX. Segundo a Organização Mundial de Turismo. Caracteriza-se pelas “atividades realizadas pelos visitantes durante as suas viagens e estadias em lugares distintos do seu ambiente habitual...”²². As deslocações pelo prazer do ócio e do descanso, como pelo conhecimento, a descoberta e a aventura são também características evidentes do turismo.

Na atualidade, o turismo é uma das principais atividades económicas, e um dos fenómenos mais marcantes e impressionantes da época; nenhuma das realizações do século XX terá influenciado tão profundamente e extensamente a vida humana como o turismo. Apesar da sensibilidade dos fluxos turísticos às conjunturas e das recentes mudanças verificadas na economia mundial, a Europa continua com forte centralidade quer em termos de procura, quer na ótica da oferta. Nesta última, essa importância deve-se à diversidade de opções turísticas no continente europeu, desde o turismo balnear ao turismo cultural do património e de interpretação da História.

²¹ Dicionário de Português, 3ª edição, Porto: Porto Editora

²² Cunha, Lúcio 1997. Economia e Política do Turismo. Lisboa McGraw-Hill, pp.35

TURISMO EM PORTUGAL

Portugal descobriu desde cedo a importância do turismo, mas só se deu um grande incremento a esta indústria quando os restantes países europeus da orla mediterrânea atingiram uma dimensão económica relevante com o mesmo. De fato, no início do século XX, o turismo resumia-se a uma oferta bastante reduzida e ainda pouco explorada, muitas vezes associada a hotéis termais, de que são expoente os locais escolhidos e promovidos por esse pioneiro do turismo nacional e internacional que foi Emídio Navarro (1844-1905), com a promoção e a criação de condições de investimento, no Luso/Buçaco, e Fausto de Figueiredo (1880-1950), no Estoril.

A expansão do turismo em Portugal assume números impressionantes, sendo visitado anualmente por 7 milhões e meio de turistas estrangeiros, mais de metade da população residente em Portugal, os visitantes vêm em busca do melhor que Portugal tem para oferecer. Com Lisboa e Algarve a serem os pontos mais visitados de Portugal continental, devido à sua localização, acessibilidade, património, clima e praias.

No entanto, de norte a sul, do interior ao litoral, o país com quase 900 anos de história, consegue ter uma riqueza de pontos de interesse igual ou superior aos locais ditos “mais turísticos” ou para melhor definição, caracterizados por um turismo “de massas”.

Hoje em dia atravessamos uma das maiores crises a nível económico e uma acentuada diminuição do poder de compra, sendo que, para conseguirmos inverter esta situação Portugal tem que criar condições para que haja um maior desenvolvimento. *“O turismo é hoje uma verdadeira indústria” no sentido anglo-saxónico do termo. Globalmente, é das áreas de negócio mais competitivas e representa, para muitos países,*

percentagens significativas dos seus PIB."²³ Com entidades autárquicas e da Administração Central, como é o caso do Instituto do Turismo de Portugal, ambicionando, num futuro próximo, que o país seja um dos destinos turísticos mais procurados da Europa. Para que se atinjam estes objetivos e para tornarmos Portugal num destino mais competitivo, pretende-se requalificar os lugares relevantes para o desenvolvimento do turismo nacional e criar condições favoráveis ao crescimento do mesmo.²⁴

²³ BARATA, Paulo Martins in BATISTA, Luís Santiago. - Portugal Turístico, Perspetivas Críticas - ARQA 102, Maio, junho 2012 pp22

²⁴ Dados facultados pela página da internet do Turismo de Portugal

TURISMO RURAL

Portugal carece de uma paixão pela zona do interior, pelo que assistimos a um desinteresse da mesma por parte da nossa sociedade, desde políticos, passando pelos residentes e até aos turistas. Bastante despovoado, o interior do país não vê a sua riqueza ser aproveitada, não sendo o número de residentes proporcional às qualidades que estas nos podem oferecer.

Nas décadas de 70 e 80 observou-se uma mudança do pensamento em relação ao desenvolvimento da economia das regiões do interior, especialmente as mais desfavorecidas. Apoiando-se no padrão do *desenvolvimento endógeno*, o turismo veio trazer esta nova forma de olhar a economia local.

No âmbito do desenvolvimento rural, o Turismo em Espaço Rural (TER) tem vindo a mostrar formas eficazes para que a economia do interior cresça. Isto passa por conseguir assegurar o usufruto dos lugares qualificados providos de conteúdos históricos e com ligações às comunidades através das atividades tradicionais. No entanto, apesar destas medidas serem essenciais para que se produza uma valorização do património das zonas rurais, é necessário estar preparado para os problemas que daí advêm. É imprescindível definir *“alternativas ou estratégias de desenvolvimento turístico que impliquem uma utilização responsável do território, harmonizando os interesses do turismo, do meio ambiente e da comunidade local.”*²⁵

Apesar de esta atividade influenciar pouco o mercado turístico, é um grande contributo para sustentabilidade da economia local. Transmite uma dinâmica aos territórios, resultante da implantação de um conjunto de serviços de apoio e de dinamização turística, atuando em vários sectores de negócio, o alojamento, o comércio, a restauração, os

²⁵ VERA, José Fernando. *Análisis territorial del turismo*. Barcelona: Ariel Geografia. 1998. p 43

circuitos turísticos, a animação desportiva e ambiental, entre outros. Da mesma forma que o contacto com a natureza, a qualidade ambiental, e o contato informado com a natureza são aspetos que, hoje em dia, são mais apreciados pelos turistas, já que este conceito é cada vez mais respeitado por pessoas que procuram a tranquilidade face ao stress das cidades.

Os Hotéis Rurais, segundo a Portaria n.º 937/2008 de 20 de Agosto do Diário da República, em anexo 7.3, deverão atender *“ao enquadramento paisagístico, às amenidades rurais envolventes, à qualidade ambiental e à valorização de produtos e serviços produzidos na zona onde o empreendimento se localize, deverão respeitar as características dominantes da região onde serão implantados, e preservar a traça arquitetónica e os materiais de construção. A estes poderão ser agregados unidades arquitetónicas atuais, respeitando e evidenciando sempre as características locais.”*²⁶

²⁶ Diário da República Portaria n.º 937/2008 de 20 de Agosto, em anexo da portaria 7.3

O TURISMO E A ARQUITECTURA

“Assim, entendemos a temática do turismo como um motor fortíssimo para a preservação, a requalificação e a transformação de lugares habitados, desejavelmente habitáveis, com uma intensidade de vida urbana própria, que convoque o interesse de toda uma comunidade de viajantes/turistas em movimento permanente, e que lhes suscite o desejo de permanecer”²⁷

Não tem sido fácil em Portugal o debate entre o turismo e arquitetura.

“Por sistema, os arquitetos têm tendência para criticar a indústria do turismo, (...) com uma autenticidade tradicional em desaparecimento.”²⁸

Concretizando, Madalena Cunha Matos alerta: *“O turismo parece ter adquirido o estatuto de alfa e ómega na vitalidade de monumentos, cidades, territórios... Nada pode prosperar sem a bênção desse novo deus do olimpo pós-moderno. Em Portugal e em muitos países sem matérias-primas valiosas e sem as poderosas indústrias que alavancam os países do Norte desde o século XIX, o turismo surge como a indústria acessível, a que já nos sustenta o presente e na qual o futuro se fixa.”²⁹* Esta reflexão cautelosa vem na sequência do pensamento de François Choay que deu conta que *“a exploração do património histórico e edificado está então condenada a prazo, exceto se reduzir o fluxo dos seus consumidores”³⁰*.

Porém, é também fato a ter em conta que o prejuízo que o turismo pode induzir, uma globalização forçada e massificada até certo ponto, as reflexões acima expendidas podem trazer vias distintas à relação do turismo com a arquitetura e, até, com o urbanismo. Campos nem sempre dialogantes ou mesmo em divergência, é fato que o mercado turístico tem aberto, por sua vez, ou recomeça a abrir, um regime de pequena,

²⁷ SALVADOR, Fernando S. & NUNES, Margarida G. in BATISTA, Luís Santiago – Portugal Turístico, Perspetivas Críticas – ARQA 102, Maio, junho 2012 pp 37

²⁸ BATISTA, Luís Santiago – Portugal Turístico, Entre a negação disciplinar da realidade e a procura específica de alternativas – ARQA102, Maio, junho 2012 pp 20

²⁹ MATOS, Madalena Cunha. In BATISTA, Luís Santiago - Portugal Turístico, Perspetivas Críticas - ARQA 102, Maio, Junho 2012 pp31

³⁰ CHOAY, Françoise - A alegoria do património: Edições 70, 2000, pp. 243

média e grande encomenda que não se cinge apenas à hotelaria, mas também à interação quase automática que se estabelece entre projetos de arquitetura sustentáveis, arquitetura de interiores e, sobretudo, reabilitação, mesmo que não imediatamente com fins residenciais.

Note-se que um dos impulsos de grande encomenda arquitetónica situou-se durante algum tempo, e atravessando a área do património edificado, nos projetos de transformações em Pousadas do Estado logo nos anos idos de 1940 em diante, para ser retomado no quadro dos financiamentos europeus. Já em 1987, com a frente de reconversão de grandes monumentos “clássicos” em Pousadas do ciclo Enatur - agora concessionadas ao Grupo Pestana na sua maioria.³¹

Nem tudo foi fácil, nem tudo é isento de crítica, e alguns projetos, sabemo-lo, pecaram por excesso ou por defeito; ou introduziram ambiguidades no processo de reabilitação. *“É que a reutilização estipulada para essas unidades hoteleiras, é na maioria dos casos, incompatível com o monumento onde se instalam. E por isso vemo-las extravasar o próprio monumento, fazer dele uma utilização residual e pretextual, vemos a arquitetura crescer para fora dele e impor-se, esmagando-o e estragando-o. Para responder a determinados e -às vezes, absurdos- níveis de conforto e de serviço, as pousadas pura e simplesmente obrigam à total remodelação da organização do espaço interno, reduzem áreas de circulação, implantam equipamentos de difícil controlo do ponto de vista de conservação global do edifício”*³²

Este facto parece agora mais esbatido, já que as funções de um edifício a reabilitar podem reencontrar funções novas, facto especialmente evidente m conventos ou mosteiros: *“por analogia de funções, a antiga portaria é transformada em entrada, o claustro em espaço de distribuição,*

³¹ Sobre este assunto cf. PEREIRA, Paulo. Património Edificado. Pedras angulares, Lisboa, Aura, 2000; ainda; LOBO, Susana. Pousadas de Portugal: reflexos da arquitetura portuguesa do século XX. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006

³² PEREIRA, Paulo. Património Edificado. Pedras angulares. Lisboa; Aura. 2000, p.35

*o refeitório em sala de jantar, e naturalmente, as celas em quartos de hóspedes*³³

Mas uma visão realista pode assumir o lado paradoxal de todo este movimento: *“o mundo acabado do passado perdeu a sua continuidade e a homogeneidade que lhe conferia a permanência do fazer manual dos homens”*³⁴.

³³ LOBO, Susana. Pousadas de Portugal: reflexos da arquitetura portuguesa do século XX. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006

³⁴ Cf. AGUIAR, José - Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património: FAUP, 2002, p. 37: a citação acima é de CHOAY, Françoise - A alegoria do património: Edições 70, 2000, p. 116

3.2 A CULTURA EQUESTRE



Fig. 78 | Siza montando a cavalo | Retratos de Siza, Campo das Letras | Desenho de Álvaro | 2003

O CAVALO PARA O ARQUITETO

O cavalo de quinta e de criação é um animal bastante gregário e normalmente vive em prados onde originalmente vivia em liberdade. Tem, pois, necessidade de estar ao ar livre com frequência e necessita de ar fresco durante todo o dia. Facilmente cria empatia com o ser humano, sendo bastante sociável, tranquilo, ao ponto de hoje em dia ser associado a ambientes de ócio, lazer e, como é obvio, de desporto amador ou profissional. Após séculos em que, de animal de combate a besta de carga e de trabalho, passou, durante o século XIX-XX a ser, decididamente, considerado um animal doméstico e a acarinhar ao invés da sua ancestral condição de animal de produção - ou, pelo menos, secundarizando-se de vez este fato -, que não sendo residual, se foi afastando dos hábitos comuns dos países ocidentalizados.

Apreciado por muitos, alguns arquitetos curiosamente, dedicaram uma especial atenção ao cavalo, já pela sua elegância e porte e também pela sua nobreza e sagacidade.

Não por acaso, Leonardo Da Vinci, nascido e criado em meio campestre, considera o cavalo a máquina mais perfeita que a natureza foi capaz de gerar. Nas suas indagações trabalhou *“incessantemente nos temas como o confronto, a luta armada, a batalha (...) frequentemente o cavalo em situação de ataque”*³⁵. Note-se que o cavalo passou a fazer parte do elenco de animais que os artistas escolhiam retratar (ou simplesmente recriar) desde o estudo a que se impuseram relativamente à sua anatomia no caso das famosas

³⁵ ZÖLLNER, Frank; 'Leonardo da Vinci: obra completa de desenho e pintura', Köln, Taschen, 2004, p.292



Fig. 79 | Estudo de cavalos 1, giz | The Royal Collection, Castelo de Windsor | Leonordo da Vinci | 1505



Fig. 80 | frente al espejo: la otra mirada | Cuadra San Cristobal | Luis Barragán | 1964

estátuas equestres, até, por exemplo, a pintura ar-livre do século XIX passou a ser uma das modalidades da arte pictórica.

Luis Barragán, foi de todos os contemporâneos, o arquiteto mais solidário com este majestoso mamífero. Alguns dos seus projetos apresentam-nos esta devoção ao cavalo e justificam muitas das suas atitudes nos trabalhos elaborados. O arquiteto fala-nos de uma arquitetura, não para os homens, mas para os cavalos. A partir deste pressuposto, constrói-se assim, não apenas para o Homem, mas também para o cavalo. O seu projeto de San Cristóbal, “*Los Clubes*” no México, um projeto de 1964 remete-nos para uma arquitetura ideal, trabalha o espaço de forma a enquadrar a escala do cavalo e do ser humano.

Como curiosidade, registre-se o fato de - ao contrário de Luís Barragán (que montava a cavalo) - o arquiteto Álvaro Siza, consagra o seu fascínio pelo animal como o demonstra na sua série de desenhos, feitos à mão levantada, representando cavalos.

CENTRO HÍPICO: UMA TIPOLOGIA

Um centro hípico tem por objetivo promover a prática da Equitação e de todo o tipo de desportos hípicos. Englobando a componente educacional da escola de equitação, um centro hípico promove outras atividades como a prática desportiva, serviço terapêutico especializado, lazer, formação, eventos e outros serviços complementares. As atividades equestres afirmam-se pelo seu próprio potencial económico, constituindo mesmo um setor económico em expansão e verdadeiros polos de atratividade.

Para o bem-estar e o conforto dos cavalos é necessário que as instalações se situem, preferencialmente, em espaços naturais ou espaços verdes urbanos. Pelo que, todos os espaços relacionados com a prática da arte equestre, devem localizar-se fora das zonas residenciais ou ruidosas, garantindo sempre facilidade de deslocação dos animais ou das pessoas relacionadas. A existência de vias concebidas para permitir a aproximação, estacionamento e manobra de veículos ligeiros, pesados e de socorro, é indispensável para um bom funcionamento de um polo equestre.

Um centro hípico caracteriza-se, geralmente, por ser um conjunto de edifícios dispersos pelo terreno, onde normalmente a área varia consoante as disciplinas equestres a desenvolver, mas tendo sempre em conta o número de cavalos a acolher. No entanto, o número de cavalos nem sempre é o principal critério para determinar o espaço a utilizar. Os principais edifícios e instalações a ter em conta dividem-se em 6 categorias, sendo algumas delas prioritárias. As áreas de atividades, as cavalariças, receção e administração, instalações de apoio aos praticantes, áreas de público e comunicação social, áreas para estacionamento.

Num estabelecimento equestre a iluminação natural e a ventilação são dois pontos bastante importante a ter em conta. Contudo, muitas das

vezes, é necessário recorrer à luz artificial e esta também tem um papel fundamental na gestão do centro hípico. A luz natural deve ser tanto quanto possível abundante, sem ser ofuscante, e uniformemente repartida pois as sombras intensas podem assustar os cavalos. A orientação recomendada do maior compartimento de um picadeiro é Este-Oeste preferencialmente assegurada por aberturas na fachada norte acima dos 3 metros de altura de modo a coar a iluminação, sem por isso a obstruir, oferecendo uma distribuição luminosa em claraboia ou, melhor dizendo, em clerestório. A renovação do ar dentro do picadeiro, deve ter em conta que um cavalo em trabalho transpira/respira aproximadamente tanto como 10 atletas em atividade. Sendo assim, deverá ser assegurada uma ventilação natural permanente, completado por um conjunto de vãos de abertura regulável. Deve ser assegurado um serviço de limpeza e um bom escoamento de dejetos, assegurando tanto quanto possível o seu aproveitamento para estrume ou produção de energia (bio-massa), ou simplesmente a sua queima e higienização, quando não existe uma evacuação corrente por transportes.

3.3 REFERÊNCIAS

No seguimento do trabalho pratico desenvolvido apresentamos alguns casos de estudo que se relacionam com o tema desta investigação, pelo seu contexto, as suas problemáticas, o seu programa e as suas soluções.

Assim, neste capítulo foi feita uma análise acerca de 5 projetos já existentes. No âmbito do turismo rural apresentou-se a Pousada de Stª Marinha da Costa (Arq. Fernando Távora), a Pousada de Stª Maria do Bouro (Arq. Eduardo Souto Moura) e a Torre de Palma, Wine Hotel (Arq. João Mendes Ribeiro). Os projetos abordados sobre a cultura equestre foram o Centro Equestre Leça de Palmeira (Arq. Carlos Castanheira & Clara Bastai) e o Centro de Alto Rendimento de Doma Clásica Ultzama (Arq. Francisco Mangado).

Foram registadas as suas principais caraterísticas, fazendo o paralelismo com o trabalho realizado na Quinta da Cardiga, de forma a construir um modelo programático auxiliar ao desenvolvimento do projeto.

POUSADA DE ST^a MARINHA DA COSTA

Guimarães. (Arquiteto Fernando Távora, 1985-1990).

"...pretendeu-se aqui um diálogo, não de surdos que se ignoram, mas de ouvintes que desejam entender-se, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a rutura"³⁶

No horizonte deste tema que nos fala do turismo em Portugal, e essencialmente do turismo como recuperação do património, surge como referência a intervenção desenvolvida pelo conhecido arquiteto Fernando Távora. A Pousada de Santa Marinha da Costa, construída em 1985, situa-se a Norte de Portugal, na encosta da Penha Guimarães, na antiga ruína do Convento da Costa.

"Tudo terá começado pela construção no século IX, duma pequena Basílica (...). No século X uma Condessa Galega aí mandou levantar um mosteiro, depois ampliado (...). No século XVI um Duque de Bragança aí criará uma Universidade de Teologia (...). E foi crescendo sempre até atingir, no século XVIII, o seu esplendor (...). Caminhando para a degradação é então adquirida pelo estado para construção de uma pousada."³⁷

Com a extinção das Ordens a 1934 em Portugal, o Convento passa a ser propriedade do Estado, e depois vendido em hasta pública. Em 1977 o Estado reinicia as obras de restauro. Nesta fase o edifício encontrava-se num estado avançado de degradação, provocado pelos vários usos que comportou e pelo incêndio de que foi vítima em 1951 que consequentemente o levou ao abandono.

O processo de recuperação deste emblemático Convento resume as duas vertentes a considerar na recuperação de uma preexistência. Em primeiro lugar o conhecimento rigoroso da sua evolução no decorrer dos anos, analisando os seus valores através da arqueologia e da história.

³⁶ TÁVORA, Fernando. In Fernando Távora, Lisboa: Blau, 1993 pp.116.

³⁷ TÁVORA, Fernando. In Paulo Coelho. Coleção Arquitetos portugueses: Fernando Távora. Lisboa: Edição e conteúdos 2011 pp.56

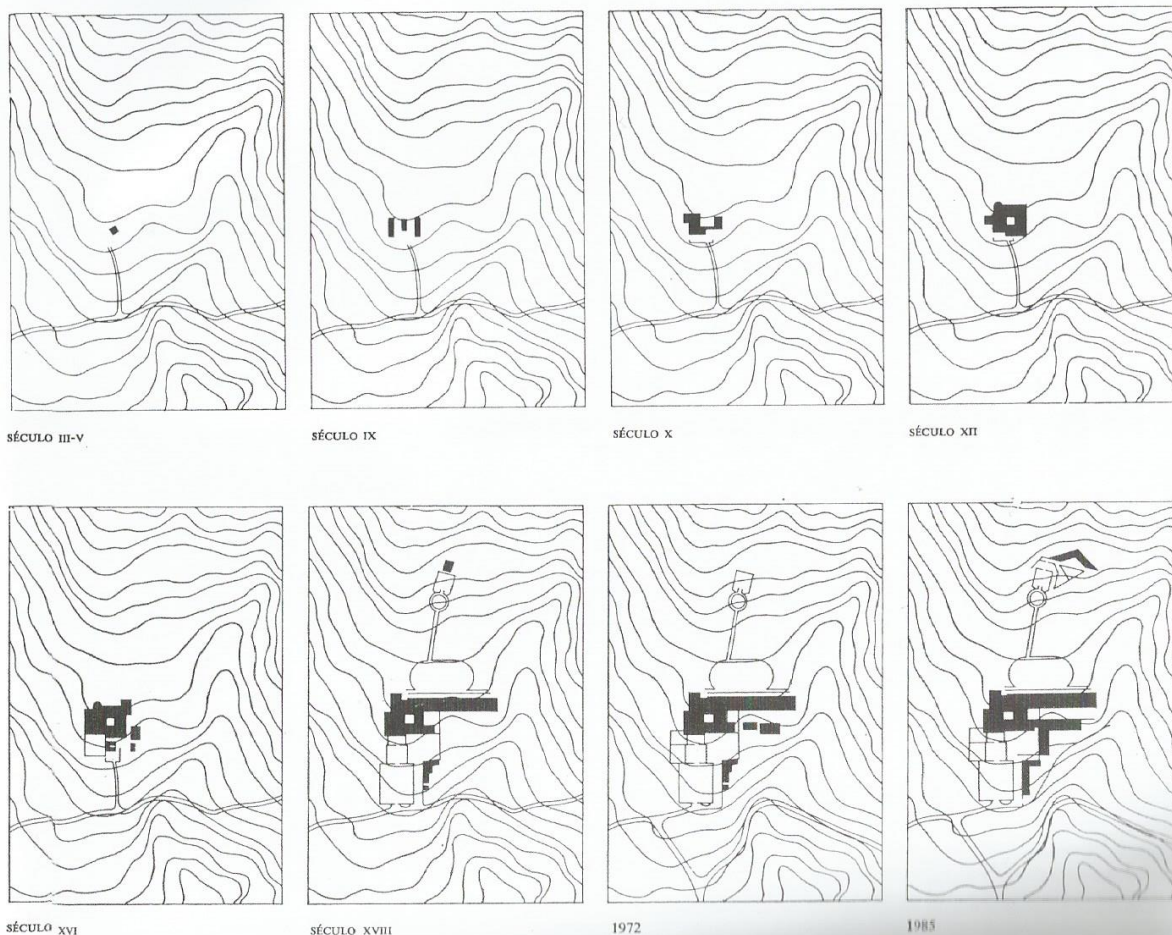
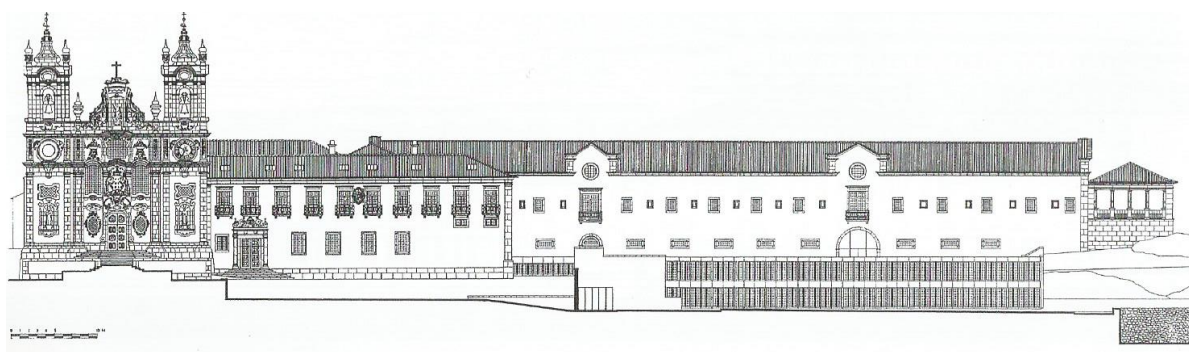


Fig. 81 | Alçado Sul, esc.: 1/1000 | Guimarães | Fernando Távora | 1985

Fig. 82 | Evolução construtiva, esquema de planta | Guimarães | Fernando Távora | 1985



Fig. 83 | Vista do alçado Sul | Guimarães | Fernando Távora | 1985

Fig. 84 | Vista geral | Guimarães | Fernando Távora | 1985

*"Tais critérios de intervenção, e segundo os mesmos princípios, devem ser informados pela história da arte e pela história da arquitetura (ou pela arqueologia), exercendo, por este meio, uma contínua crítica dos gostos, para se perceber através deles a acumulação particular das épocas e do tempo (curto ou longo) em cada edifício. Assim se podem integrar as diversas dinâmicas, rápidas e lentas, metaforicamente geológicas e históricas (ou conjunturais) de cada imóvel, num entendimento do tempo e da sua sedimentação."*³⁸

Em seguida e, segundo essa observação, fazer uma abordagem criativa desses valores na elaboração do processo da sua transformação, *"ascendendo a parte integrante da História de uma poderosa estrutura em lenta e continuada transformação"*³⁹ Távora trabalha e molda a preexistência como se o edifício fosse o material de projeto, aceita as diferentes modificações que o foram moldando com o decorrer do tempo. Num sentido crítico, mantém a leitura do edifício e as suas fases anteriores.

*"No longo processo de recuperação da pousada um rigorosíssimo estudo arqueológico está na origem da naturalidade e da heresia da "nova arquitetura" que ultrapassa a condição de acrescento ascendendo a parte integrante da História de uma poderosa estrutura em lenta e continuada transformação"*⁴⁰

Távora contribuiu para a continuação da vida do convento, conservando-o e mantendo a sua identidade, criando novos espaços resultantes da necessidade de responder a condições programáticas. No entender de Távora, a atual intervenção é apenas mais uma das fases na história do

³⁸ PEREIRA, Paulo. Património Edificado. Pedras angulares. Lisboa; Aura, 2000 pp.36

³⁹ LOBO, Susana. Pousadas de Portugal: reflexos da arquitetura portuguesa do século XX. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006 pp.120

⁴⁰ Cf. TÁVORA, Fernando. Tradição e modernidade na obra de Fernando Távora", op. Cit., p.36

edifício, mais do que reintegrar a antiga forma do conjunto, o arquiteto procurou recuperar a expressão do monumento.

A intervenção feita no edifício baseou-se na própria forma enquanto estrutura organizadora do espaço, e divide-se em dois momentos distintos: a reabilitação da preexistência e a construção do novo volume. A recuperação do preexistente para adaptação da pousada centrou-se no núcleo envolvente ao claustro e na ala dos dormitórios. O novo volume é desenhado adjacente ao claustro, e reforça um eixo por marcar, que acaba por estabelecer uma continuidade linear com o preexistente. A sua forma em L dobra-se e cria a entrada principal, consequentemente proporciona privacidade à zona dos novos quartos.

A Pousada de St^a Marinha da Costa é um trabalho que reflete uma profunda reflexão crítica acerca da possibilidade de intervir num património carregado de memória, sem com isso ficar refém do seu peso histórico. Nesta apropriação decorrente, de formas e expressões do passado, Távora consegue resolver o contraponto entre o novo e o antigo.

POUSADA DE SANTA MARIA DO BOURO

Amares, (Arquiteto Eduardo Souto Moura, 1989)

*“Construí um edifício novo com paredes antigas (...). Quando comecei percebi, juntamente com os arqueólogos, que o mosteiro era feito de sobreposições, comprovando que o património acaba sempre por ser feito por atentados ao património... A partir daí foi-me mais fácil materializar a ideia: fazer renascer o mosteiro como uma estrutura do século XX, no respeito pela História (...)”*⁴¹

A intervenção de Souto Moura no Mosteiro de Santa Maria do Bouro, veio dar uma nova vida ao edifício mantendo a essência do mesmo como ruína. Situa-se no monte de São Mamede e tem o nome do antigo mosteiro fundado no século XII, em Amares, distrito de Braga. Hoje faz parte do conjunto das afamadas Pousadas de Portugal.

A estratégia adotada radicaliza em certa medida o que o projeto em Santa Marinha enunciava de forma solene e ponderada, “O projeto tenta adaptar, ou melhor, servir-se das pedras disponíveis para construir um novo edifício. Trata-se de uma nova construção, onde intervêm vários depoimentos (uns já registados, outros a construir) e não da reconstrução do edifício na sua forma original.”

Note-se que neste caso, como refere Paulo Pereira, “as galerias ou quadras do claustro nas partes respeitantes ao circuito público ficaram “abertas”. Para manter o valor visual do conjunto sem contrariar a sua antiga marcação na paisagem, o projetista optou por instalar uma cobertura em placa, totalmente lisa e francamente “corbusieriana”, sobre a qual dispôs vegetação. Encontramo-nos perante uma escolha igualmente culturalista (a manutenção da imagem da ruína), mas agora

⁴¹ Guia das Pousadas e Hotéis de Sonho. Lisboa: Ed. Expresso, 2001. Vol. 1, pp 53

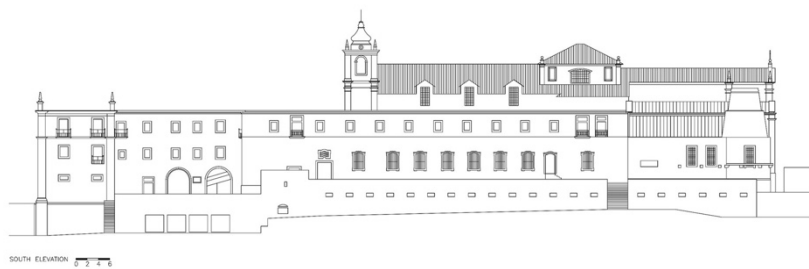
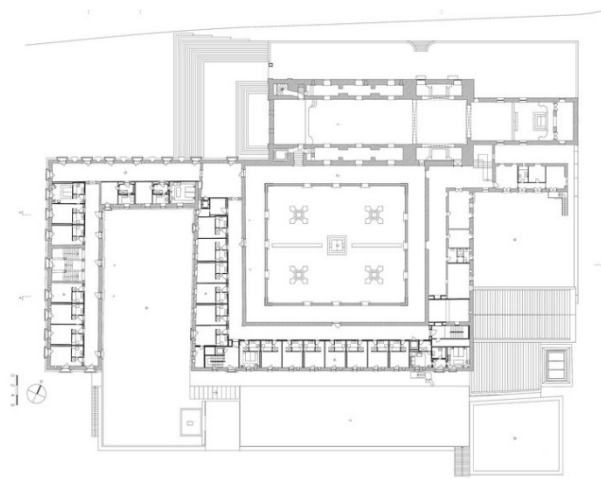


Fig. 85 | Planta do piso 2 | Amares | Eduardo Souto Moura | 1989

Fig. 86 | Alçado Sul | Amares | Eduardo Souto Moura | 1989

Fig. 87 | Corte | Amares | Eduardo Souto Moura | 1989



Fig. 88 | Vista do pátio central | Amares | Eduardo Souto Moura | 1989

Fig. 89 | Vista geral do convento | Amares | Eduardo Souto Moura | 1989

Fig. 90 | Detalhe do vão | Amares | Eduardo Souto Moura | 1989

Fig. 91 | Vista do claustro | Amares | Eduardo Souto Moura | 1989

aberta a um jogo entre o velho e o novo e a uma inversão estratégica: a ruína, que deixa de o ser, transforma-se em virtualidade”⁴².

O projeto de reconversão da Ruína tem “um valor ímpar na história recente da arquitetura portuguesa por constituir, mais que uma notável obra, a abertura precoce de um novo período na história e vivência do património” ⁴³, já que “hoje em dia ensaiam-se novos princípios. (...) (Contudo, estes) partem de um pressuposto: todos os métodos precedentes encontram-se afinal ativos e são passíveis de serem adotados, cabendo ao monumento, através do seu estudo, determinar a intervenção possível e, eventualmente ideal”⁴⁴. A ruína transforma-se em monumento por causa da sua readquirida função ou guarda apenas a sua imagem num conjunto reabilitado como memória do que foi antes e do que veio a ser depois.

⁴² PEREIRA, Paulo. As Formas. in O Minho. Traços de identidade. [S.l.] : Universidade do Minho, 2005, p.151

⁴³ Boletim de Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, 1985, pp. 77

⁴⁴ PEREIRA, Paulo. Património edificado. Pedras angulares, Lisboa: Aura, 2000, pp. 25

TORRE DA PALMA, WINE HOTEL

Monforte. (Arquiteto João Mendes Ribeiro, 2014)

A herdade da Torre da Palma situada a poucos quilómetros de Monforte, na freguesia de Vaiamonte. A reconstrução/requalificação foi, acima de tudo, uma procura pela harmonia com a paisagem envolvente, as grandes planícies do Alto Alentejo. Incluiu tanto a recuperação e remodelação do conjunto de edifícios preexistente como a construção de raiz de um conjunto de novos edifícios, baseada em gestos claros, precisos e sensíveis às características do lugar.

"O tema deste projeto é a coerência entre o pré-existente e as construções novas. A ideia aqui, é, haver aproximações volumétricas, introduzindo materiais novos. Existe uma linguagem contemporânea que é muito expressa na nova cobertura, mas é só."⁴⁵

A intervenção feita pelo Arq. Mendes Ribeiro procura dar resposta ao novo programa funcional na herdade, um Hotel Rural, de forma a respeitar as características existentes e de carácter agrícola e da paisagem envolvente.

Ao proceder à recuperação dos edifícios preexistentes, o arquiteto, mantém a configuração geral das construções, intervindo apenas ao nível da organização espacial interior, construindo pontualmente alguns elementos que conferem esse efeito, ou a abertura de vãos para o exterior.

⁴⁵ Conferência de Arq. João Mendes Ribeiro - Obras recientes Facultad Arquitectura y Diseño Universidad de los Andes | <https://vimeo.com/151575930>

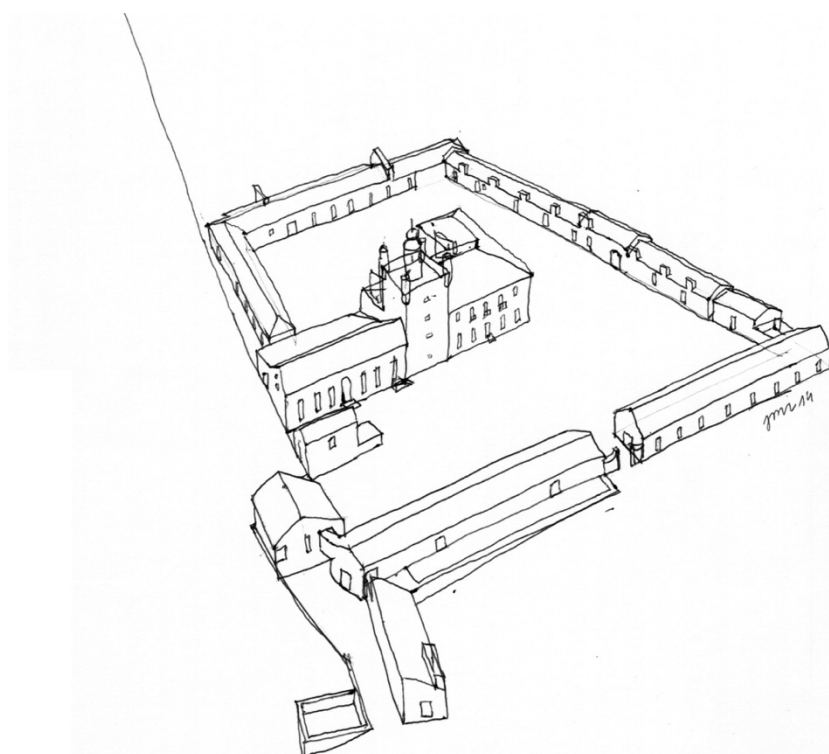
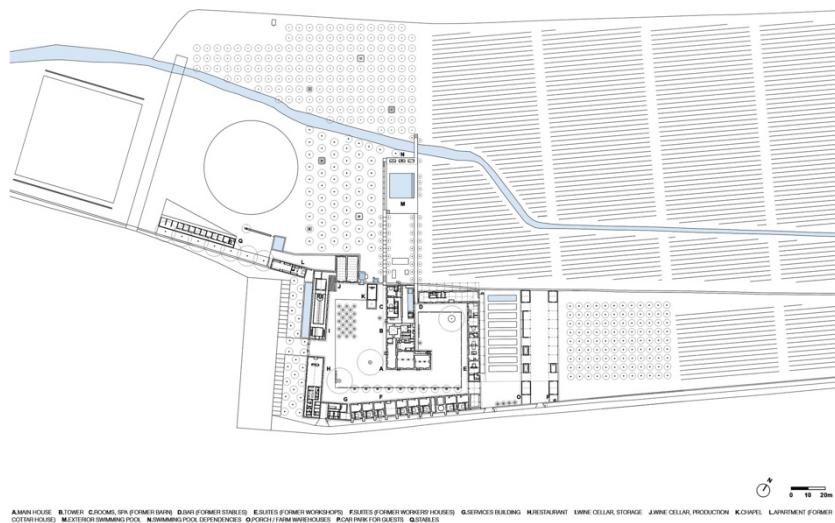


Fig. 92 | Planta geral | Monforte | João Mendes Ribeiro | 2014

Fig. 93 | Perspetiva da implantação | Monforte | João Mendes Ribeiro | 2014



Fig. 94 | Vista do Alçado da casa principal | Monforte | João Mendes Ribeiro | 2014

Fig. 95 | Vista do pátio, alçado dos quartos, pormenor do pavimento | Monforte | João Mendes Ribeiro | 2014

Fig. 96 | Detalhe entre construção nova e reabilitação | Monforte | João Mendes Ribeiro | 2014

Fig. 97 | Vista de cima da torre para o pátio principal, zona de entrada | Monforte | João Mendes Ribeiro | 2014

O programa que define o Hotel Rural de 5 estrelas é definido por um pátio central onde se desenvolvem os edifícios. A casa-mãe é ocupada pelos espaços de receção, acolhimento e serviços administrativos, no piso térreo. No piso superior é reservada à habitação do proprietário. A torre foi pensada para funcionar como biblioteca e observatório astronómico. Ao lado, o antigo celeiro recebe o spa e uma zona de quartos distribuída por dois pisos. As antigas cavalariças foram substituídas pela área social e de lazer, enquanto que os edifícios das antigas oficinas e casas dos operários foram adaptados para receber a zona dos quartos.

Os edifícios construídos de raiz incluem a adega, o restaurante e a casa do caseiro, construídos no lugar das antigas construções refletem a memória dos mesmos, estes são de estrutura em betão e paredes de alvenaria, aproximando-se da construção dos edifícios reabilitados. Todos os outros edifícios existem para completar o programa do Hotel.

No exterior, foram criadas cinco áreas distintas: uma zona de vinha, uma zona de olival, uma horta biológica e ainda uma zona de prado, a oeste, associada à cavalaria e ao picadeiro.

Ora, assumimos que uma das grandes influências deste trabalho teve por base esta intervenção do Arquiteto João Mendes Ribeiro. A reflexão sobre esta obra é pertinente na medida em que as condicionantes iniciais do projeto são semelhantes às que se encontram na Quinta da Cardiga. Existe uma casa principal, ou palácio e as dependências envolventes de uma construção agrária, e o projeto desenvolve-se à volta das construções pré-existentes, construindo novos edifícios para acolher o programa desenvolvido.

CENTRO EQUESTRE LEÇA DE PALMEIRA

Cabo do Mundo. (Arquitetos Carlos Castanheira e Clara Bastai, 2012)

As anteriores referências representam um estudo no âmbito da temática do turismo, sendo este o assunto central do trabalho. Contudo, é importante referenciar exemplos que abordem um outro programa idealizado no projeto da reabilitação da Cardiga.

O Centro Equestre Leça de Palmeira está localizado perto da cidade do Porto, mais concretamente no Cabo do Mundo. É um projeto realizado pelos arquitetos Carlos Castanheira e Clara Bastai no ano de 2012.

"Preocupamo-nos sempre com o bem-estar dos que irão habitar os espaços que desenhamos e que desejamos construir. Habitar é ocupar os espaços e exercer as funções vitais de conforto, de trabalho ou de prazer. Na realidade, trata-se de ordenar e dar forma a funções."⁴⁶

Os arquitetos descrevem-se como *"reféns de uma arquitetura funcionalista onde o conforto é uma linha de pensamento do lugar"*⁴⁷. O desafio do projeto esteve na utilização do material. O complexo equestre é inteiramente feito de madeira, desde o seu revestimento passando pelas paredes, tetos e instalações interiores e essencialmente na estrutura. Portanto, obra magna de carpintaria nesta disciplina baseando a arquitetura e a sua estruturação e não assumindo a madeira como mero efeito ou jogo de texturas.

⁴⁶ Arquiteto Carlos Castanheira - <http://www.archdaily.com.br/br/762752/centro-equestre-carlos-castanheira-and-clara-bastai>. 05/09/2016

⁴⁷ Edem

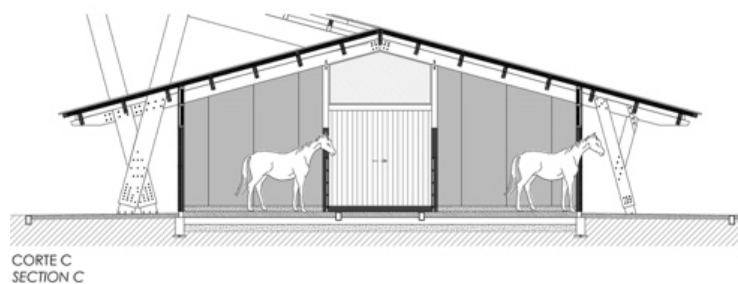
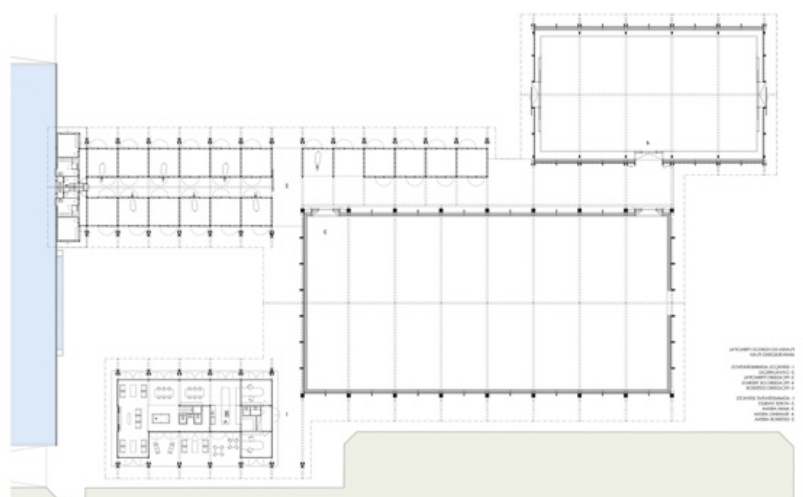


Fig. 98 | Planta de implantação, geral | Cabo do Mundo | Carlos Castanheira & Clara Bastai | 2012

Fig. 99 | Edifício principal, 1 piso | Cabo do Mundo | Carlos Castanheira & Clara Bastai | 2012

Fig. 100 | Corte CC', cavalições | Carlos Castanheira & Clara Bastai | 2012

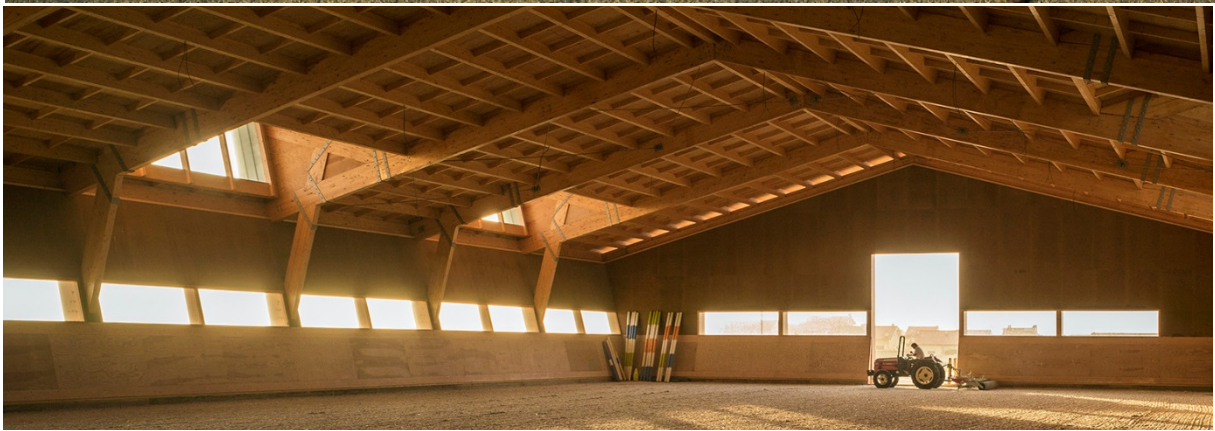


Fig. 101 | Alçado do picadeiro principal | Cabo do Mundo | Carlos Castanheira & Clara Bastai | 2012

Fig. 102 | Vista do interior do picadeiro principal | Cabo do Mundo | Carlos Castanheira & Clara Bastai | 2012

Fig. 103 | Vista do corredor das cavalariças | Cabo do Mundo | Carlos Castanheira & Clara Bastai | 2012

Fig. 104 | Vista do interior do picadeiro secundário | Cabo do Mundo | Carlos Castanheira & Clara Bastai | 2012

*"O Centro Equestre, sito no lugar do Cabo do Mundo, Leça da Palmeira, é habitado por cavalos e nele trabalha gente que gosta de cavalos."*⁴⁸

O programa define um estábulo em madeira com dois picadeiros cobertos, um celeiro e um volume social, todos construídos em madeira. Existe ainda, no exterior, um picadeiro de maior dimensão que os cobertos, *paddocks*, campos de saltos e percursos.

Neste trabalho existe a particularidade de o "cliente" ser um animal, o cavalo, os verdadeiros habitantes do espaço. Não podendo responder às exigências destes, os arquitetos procuraram trabalhar com pessoas que trabalham e conhecem bem o cavalo, de forma a garantir um maior conforto e aproveitamento do espaço.

"O Centro Equestre é um espaço onde se vive com, para e dos cavalos."

Os dois picadeiros cobertos foram ambos um desafio estrutural para a dupla, devido ao vão que o amplo teto de um só voo vence. Aqui, a estrutura acaba por definir os conteúdos, e formar o ambiente interior sem remissão. A qualidade do trabalho de carpintaria, a funcionalidade de todo o conjunto equacionando-se com o sistema, reenvia para as necessidades que um projeto com idênticas exigências é suscitado pelo particularismo da Cardiga.

⁴⁸ Arquiteto Carlos Castanheira ibidem

CENTRO HÍPICO DE ALTO RENDIMIENTO DE DOMA CLÁSICA ULTZAMA

Navarra, Espanha (Arquiteto Francisco Mangado, 2008)

No seguimento da referência anterior, um complexo de desporto equestre, nasce o centro Hípico de Alto Rendimiento de Doma, também ele um exemplo do trabalho feito no âmbito do cavalo como referência. Projetado pelo arquiteto espanhol Francisco Mangado, o centro hípico localiza-se no centro de um dos vales mais húmidos do Norte de Navarra, província localizada junto aos Pirenéus. Um projeto do ano de 2008, tem uma área de 5200 m².

"Un valle de colinas suaves pero robustas, donde el pasto verde y los robles configuran un paisaje de fuerte carácter cuyo color va cambiando según las estaciones. Un valle poblado según un sistema de pequeños núcleos relativamente cercanos, que se configuran de una manera solo aparentemente aleatoria".⁴⁹

Os edifícios, formam grandes volumes singulares e isolados. Competindo por demonstrar a sua força arquitetónica, as construções parecem criar tensão entre elas. A morfologia, destaca a cobertura como elemento unificador dos diferentes conteúdos do programa, tratando-se do principal elo de ligação entre os mesmos.

⁴⁹ Dito pelo arquiteto em Archdaily | <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/767848/centro-hipico-de-alto-rendimiento-de-doma-clasica-ultzama-francisco-mangado>

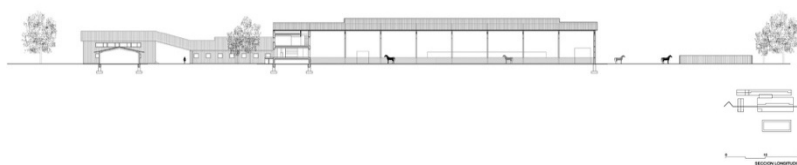
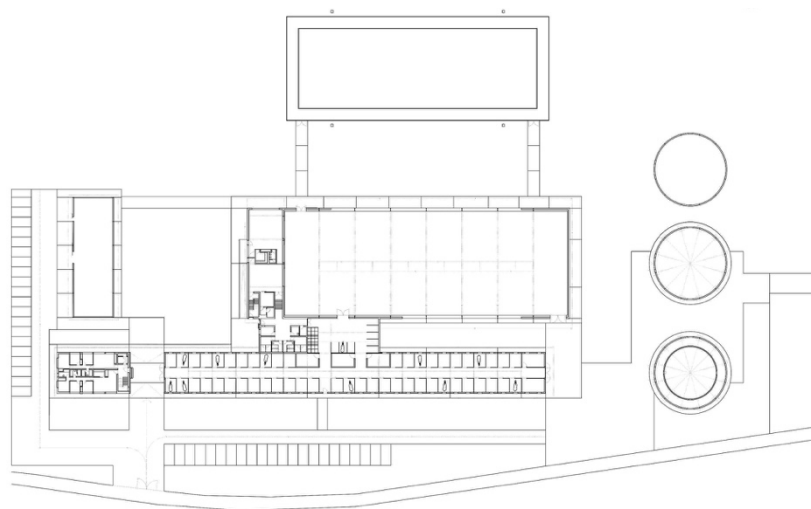
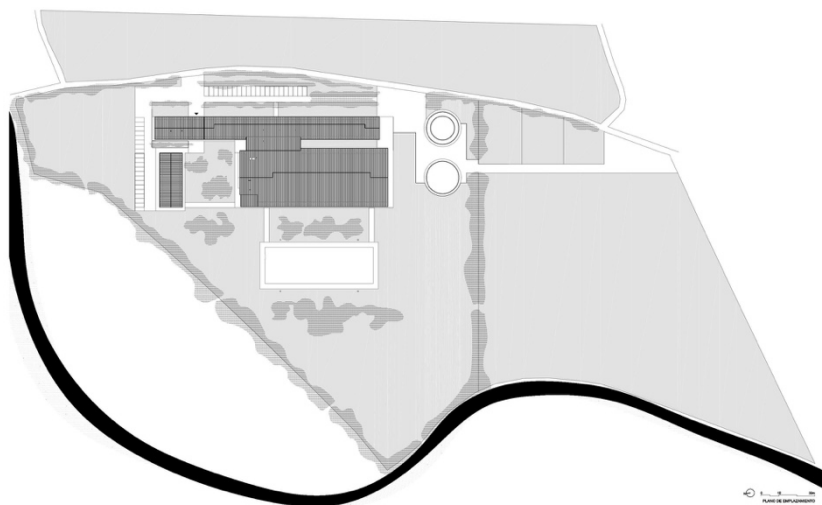


Fig. 105 | Planta de implantação, geral | Navarra, Espanha | Francisco Mangado | 2008

Fig. 106 | Edifício principal, piso 1 | Navarra, Espanha | Francisco Mangado | 2008

Fig. 107 | Corte pelo picadeiro | Navarra, Espanha | Francisco Mangado | 2008



Fig. 111 | Interior do picadeiro principal | Navarra, Espanha | Francisco Mangado | 2008

Fig. 108 | Vista geral do edifício | Navarra, Espanha | Francisco Mangado | 2008

Fig. 109 | Corredor interior de acesso às box's | Navarra, Espanha | Francisco Mangado | 2008

Fig. 110 | Vista desde o Exterior para o corredor das box's | Navarra, Espanha | Francisco Mangado | 2008

A intenção do arquiteto era uma arquitetura clara e que demonstrasse os assentamentos adjacentes. O princípio utilizado foi o da volumetria simples e limpa como forma de se relacionar com a paisagem envolvente, um edifício que não danificasse a linha do horizonte. Uma claridade que invade a estrutura do próprio edifício. A ideia de trabalhar e envolver várias escalas, organizá-las e relacioná-las entre si, são características que Francisco Mangado apresenta nesta construção. A necessidade de combinar grandes espaços de lazer ou estábulos, como outros de carácter doméstico, traz ao edifício uma certa essência que enuncia a cumplicidade entre o animal e o homem.

*"De esta manera, las casas que albergan las personas que trabajan y entrenan en el complejo, no se diferencian de la volumetría, casi de granja agrícola, definida para contener las pistas de entrenamiento o las cuadras, sino que, por el contrario, se ubican integradas en el interior de estos volúmenes, no estableciendo diferencia alguna con los mismos, ya que ello hubiera significado una fragmentación poco compatible con el paisaje natural y arquitectónico del valle."*⁵⁰

⁵⁰ Dito pelo Arquiteto Francisco Mangado em http://www.fmangado.es/ldda_proyecto/centro-hipico-ultzama-navarra/#

4. CARDIGA, UM NOVO ESPAÇO

“Todo o homem cria formas, todo o homem organiza o espaço e se as formas são condicionadas pela circunstância, elas criam igualmente circunstância”⁵¹.

⁵¹ TÁVORA, Fernando. Da Organização do Espaço. Porto: Edições FAUP, 1996. P.85

Somos criadores de formas e espaços e o que pretendemos com eles é criar lugares que melhor servem a quem os habita, de modo a serem práticos mas ao mesmo tempo.

A proposta arquitetónica contextualizada com os temas abordados nos capítulos anteriores, sustentando-se nas estratégias de intervenção defendidas, aplicando-as ao contexto da Quinta da Cardiga. A relevância deste trabalho idealiza a educação de um novo pensamento face ao edificado patrimonial abandonado no espaço rural.

Posto isto, a proposta que se segue consiste em dois momentos diferentes de intenção. O primeiro na recuperação e reabilitação de alguns dos edifícios da Quinta, deixando que a mais icónica e importante construção do lugar, o palácio, se mantenha intacto e à espera de uma reflexão mais aprofundada. O segundo, no desenvolvimento de novas construções que completem e ajudem a responder ao programa. Resumindo:

- Escolha dos elementos espúrios a demolir, seja por causa da impossibilidade de reconstrução, seja pela sua falta de valia técnico-arquitetónica;

- Escolha de elementos a preservar ou a transformar;

- A reabilitação ativa (isto é com a obra nova associada) de alguns dos edifícios pré-existentes e a construção de novos edifícios.

A intervenção desenvolveu-se ainda em três planos diferentes, que acabam por se complementar, partindo da intervenção geral, até chegar a uma escala mais aproximada. Este capítulo clarifica o desenvolvimento das temáticas exploradas sobre turismo rural, o centro equestre e a habitação.

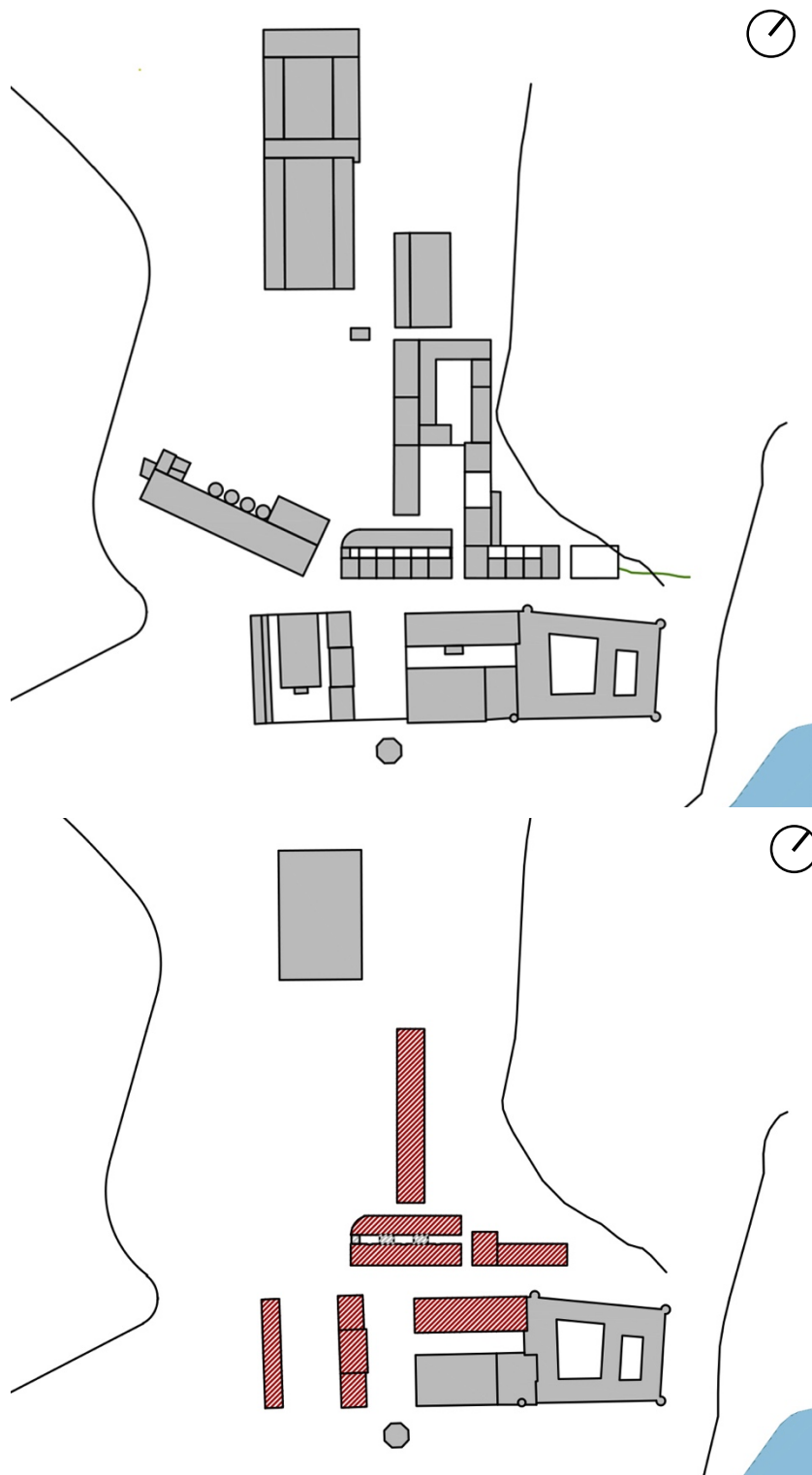


Fig. 112 | Planta Esquemática dos Edifícios pré-existentis | Quinta da Cardiga | Análise feita pela autora

Fig. 113 | Planta Esquemática dos Edifícios a reabilitar e a Manter |vermelho: reabilitar; cinzento: manter | Quinta da Cardiga | Análise feita pela autora

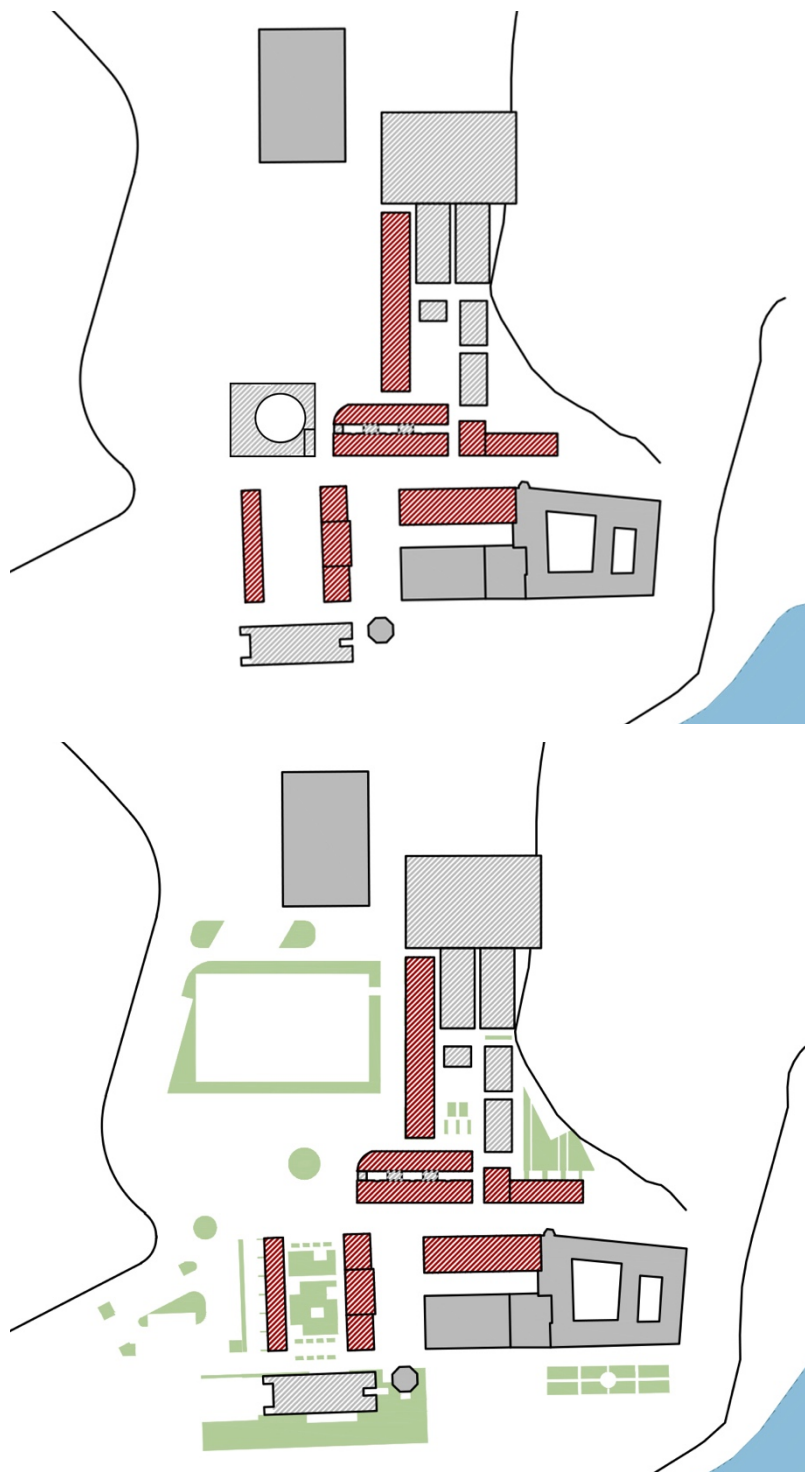


Fig. 114 | Planta Esquemática da Proposta Volumétrica | vermelho: reabilitar; cinzento: manter; cinzento riscado: construção nova | Quinta da Cardiga | Análise feita pela autora

Fig. 115 | Planta Esquemática da Volumetria e Espaços Exteriores | Quinta da Cardiga | Análise feito pela autora

4.1 ESTRATÉGIA GERAL DE INTERVENÇÃO

Entre a Vila da Barquinha e a Vila da Golegã, entre o Tejo e a Lezíria, situa-se a Quinta da Cardiga. Quase esquecida nos seus 800 anos de história, pretende-se agora o seu regresso aos tempos de glória e uma ligação efetiva com as suas gentes. Apenas sítio de passagem, a estrada da Cardiga faz o percurso entre as duas vilas, e a escassa e frágil relação que esta estabelece com cada uma, é um fator relevante para o trabalho desenvolvido.

Nesta proposta apresenta-se, assim estratégias de “resistência” à modernização acrítica e à massificação dos centros urbanos, através de uma valorização e preservação do património e território rural ameaçado. Construir e (re)pensar este lugar implica não só, para dar resposta às necessidades de novos programas para a Quinta, centrados no turismo rural e equestre, de modo a reatar relações, antes co-naturais, entre as vertentes sociais e naturais através de operações arquitetónicas, que nos ajudem a integrar este objeto na vida e no quotidiano das comunidades próximas, reconduzindo-a a um valor económico grandemente perdido.

De acordo com as novas propostas de dinamização do território rural face ao turismo, a intervenção procura materializar vários programas propostos. Prevalece uma linha de pensamento unificadora dos programas, de modo a atingir vários públicos alvos. Sendo que um privilegiará a visita e contemplação, enquanto outro privilegiará a utilização do centro hípico e as suas atividades correlatas.

A proposta sugere a revitalização do espaço que envolve a Quinta da Cardiga. Porém optou-se por não trabalhar diretamente sobre o palacete desta com o intuito de valorizar o edificado envolvente, uma vez que o palácio por si só já carrega um valor patrimonial sólido e requiere um trabalho mais aprofundado sobre o mesmo.

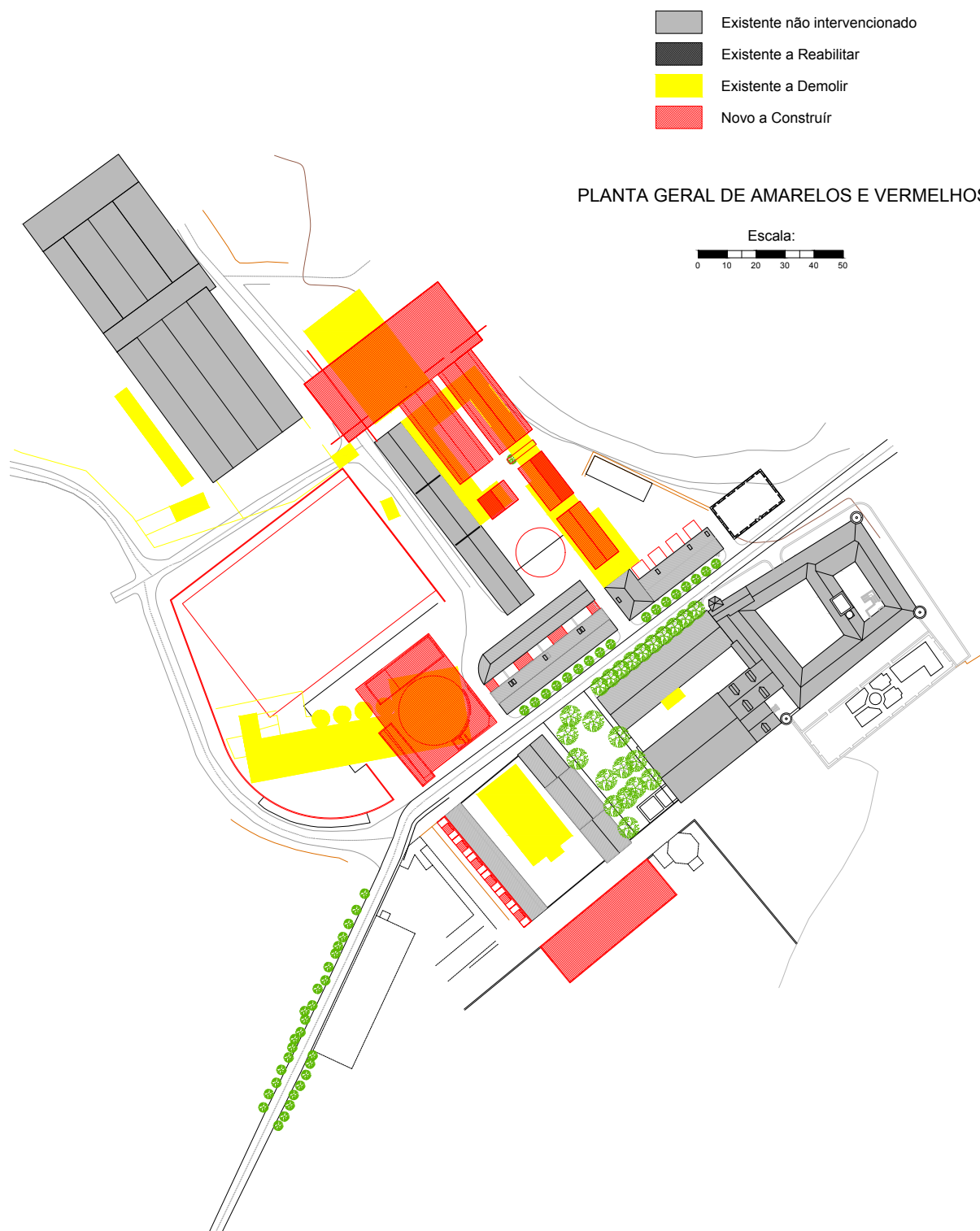


Fig. 116 | Planta esquemática de edifícios a construir, a demolir e a reabilitar | Quinta da Cardiga | Análise feita pela autora

Este projeto propõe dois tipos de abordagens face ao edificado, a primeira de reabilitação das preexistências que outrora serviram para funções de carácter agrícola, dando agora lugar para novas formas de habitar e ocupar os espaços. A segunda abordagem propõe a construção de novos edifícios que visam a completar o programa desenvolvido, mas que mantenha uma hierarquia com o edificado existente.

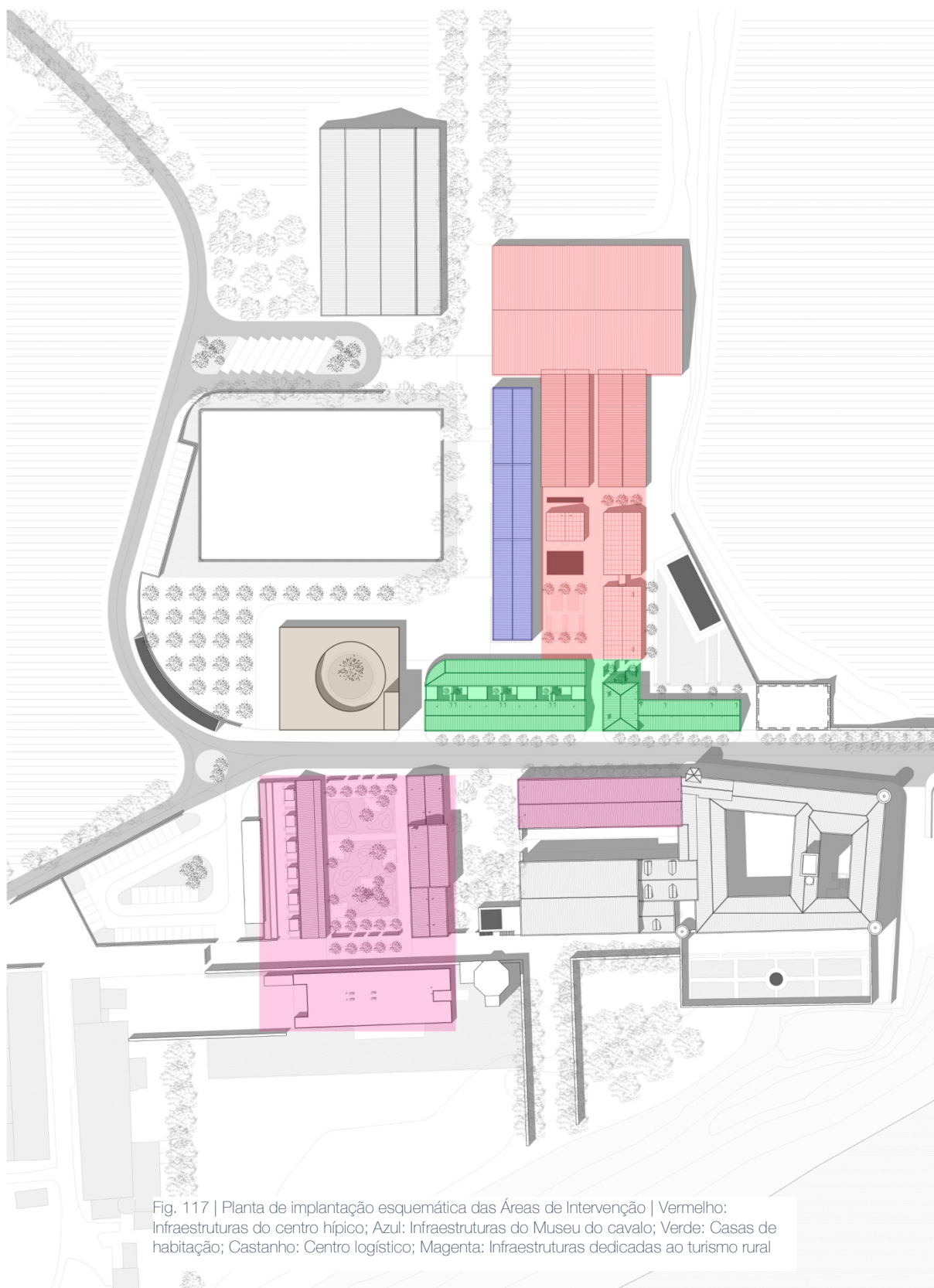


Fig. 117 | Planta de implantação esquemática das Áreas de Intervenção | Vermelho: Infraestruturas do centro hípico; Azul: Infraestruturas do Museu do cavalo; Verde: Casas de habitação; Castanho: Centro logístico; Magenta: Infraestruturas dedicadas ao turismo rural

4.2 ESCALA URBANA

No decorrer da análise desenvolvida acerca da importância das preexistências do lugar, uma das premissas do projeto para o Novo Espaço da Cardiga foi a salvaguarda do palácio da Quinta. Um dos edifícios icónicos da História de Portugal e do próprio lugar, requer um trabalho mais aprofundado sobre o tema do restauro e, por isso, foi tomada a decisão de não intervir neste. Neste trabalho o palácio mantém-se intacto e na sua eminência, olhando sobre o espaço que cresce no seu entorno. Toda a estratégia de conjunto tem como objetivo revitalizar tanto o interior como exterior dos edifícios e viabilizar a articulação dos vários programas inseridos e a sua relação entre as novas construções e as preexistências.

A reabilitação prevê a recuperação e a alteração do uso das construções agrícolas existentes na Quinta, demolindo, portanto, algum do edificado que ao longo do tempo foi crescendo sem valor patrimonial ou estrutural, apropriando-se do espaço envolvente.

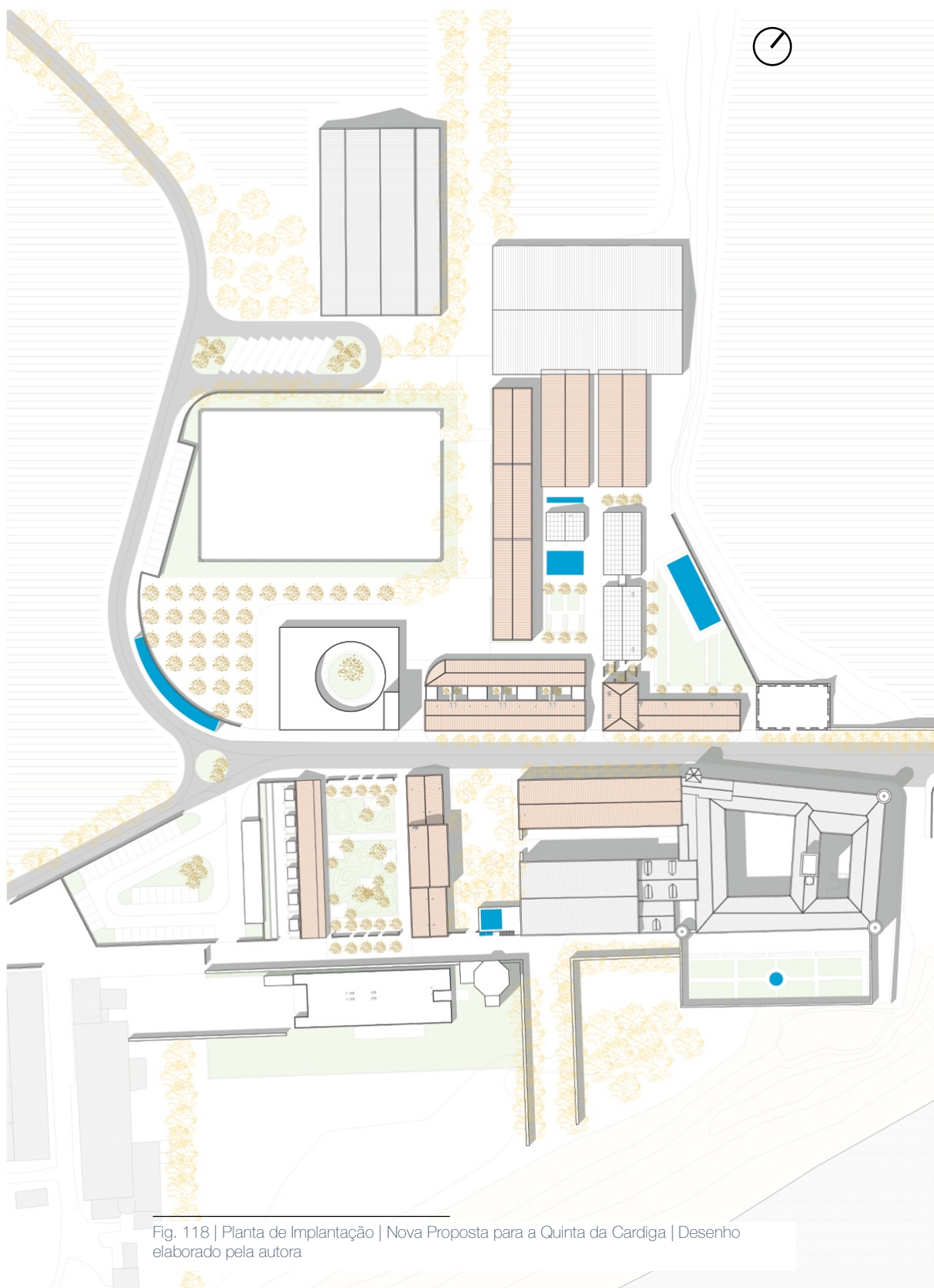


Fig. 118 | Planta de Implantação | Nova Proposta para a Quinta da Cardiga | Desenho elaborado pela autora

A reabilitação faz-se a partir da remodelação do interior, no miolo e precedido de uma análise de patologias, criando novos espaços adequados ao programa, mantendo a estrutura do mesmo, ou seja, surge uma caixa que acolhe um novo espaço, dentro da “casca” do volume original, adequando o mesmo ao programa proposto. Este momento acaba por ser mais realçado com a introdução de novas materialidades, como a madeira e o betão, nesta estrutura nova. Esta forma de intervir vai manter, tanto quanto possível, a identidade destas construções existentes.

Como dito anteriormente o terreno em análise é bastante plano, desta forma, são várias as estratégias para tentar implementar o programa proposto para que haja uma continuidade no espaço, mas que subtilmente se distancie por questões técnicas e de carisma prático. As habitações que seguem a linha da estrada, surgem como uma fronteira natural entre o centro equestre a Norte e o turismo rural a Sul das mesmas. A ideia sempre foi proporcionar uma relação indireta e não visível, mas que se agregassem através de percursos feitos no local.



Fig. 119 | Planta do Piso térreo | Nova Proposta da Quinta da Cardiga | desenho elaborado pela autora

4.3 ESCALA DO HABITAR

Estabelecida de modo genérico e de princípio a abordagem projetual que recai sobre a intervenção geral feita na Quinta, cabe agora discriminar as intenções e as metamorfoses criadas para acolher o programa.

Nesta fase caracteriza-se o trabalho feito ao nível programático mais específico, as atmosferas vividas e criadas que suportam o projeto, falando não só do espaço interior de cada construção, mas também da materialidade e do pensamento que conduz para que houvesse uma linha guia de suporte a todo o programa.

CENTRO LOGÍSTICO | RECEÇÃO

Edifício novo, implantado no lugar da antiga vacaria

Passando São Caetano, e quase imersos na paisagem da lezíria Ribatejana, olhamos diretamente sobre o edifício que compõe o centro logístico de todo o complexo. Este é um edifício particular, já que apresenta uma estrutura diferente de todas as construções novas e pré-existentes da Quinta. O edifício é projetado como ponto principal que gere todo o conjunto e que garante o seu correto funcionamento. Funciona como elemento escultórico do projeto pois é a ele que somos chamados no primeiro impacto de chegada, por ser a estrutura que se destaca da paisagem. Nesta estrutura pode encontrar-se um programa complementar de arquivo documental sobre a Quinta, mas também uma receção com gabinetes administrativos que se dedicam ao controle e organização das várias atividades existentes no local.

Programaticamente, o edifício, distribui-se sobre uma laje de betão armado, que se abre no centro em forma de círculo, sendo que as 3 estruturas que comportam a laje constituem o ponto de partida para a criação dos espaços necessários conforme o programa atribuído. Estes delimitam a estrutura e criam intencionalmente uma pequena praça redonda descoberta, embora o pavimento seja impermeável a praça olha sobre si e centra-se numa pequena área ajardinada.

O primeiro espaço que encontramos tem um caráter atrativo para o visitante pela sua morfologia: é por isso a zona onde se situa a área de receção e alguns gabinetes administrativos. Este espaço permite ao utilizador espreitar através dele e descobrir o interior desta estrutura, onde se abre praça central. Uma pequena loja de apoio ao complexo surge no canto do lado este da fachada que contorna a estrada principal. Aqui podem encontrar-se produtos da Quinta e da região. No canto oposto desta e a completar o cerco da praça é projetado uma torre que se lança acima das copas das árvores para permitir uma visão clara, ampla e desobstruída dos terrenos agrícolas que a lezíria nos oferece.



Fig. 120 | Planta do Centro Logístico | piso 1; piso térreo; alçado sul | Nova proposta da Quinta da Cardiga | Desenhos da autora

CASAS PÁTIO

Antigas habitações e oficinas de pintura e serralharia

Ao atravessarmos o volume que molda o centro logístico do complexo da Quinta e continuando pela estrada, deparamo-nos com um conjunto de casas que se elevam não mais que o necessário para suportar um piso.

A referência de partida para o planeamento destas casas é a própria pré-existência das residências dos antigos operários da Quinta. Apesar de modestas, todas as casas eram dotadas de um pequeno espaço exterior de apoio às habitações. As casas eram divididas em quatro espaços iguais, embora ocupados de maneiras diferentes. Existia uma zona de entrada, a cozinha fornecida com uma grande chaminé, e dois quartos. Posteriormente e com a evolução das condições de saneamento básico, foi ocupado parte do espaço exterior para construir as instalações sanitárias. Existem dois corpos de residências separadas por uma pequena rua que faz a transição de escala para uma das casas, e que por sua vez, completam a frente de rua principal de acesso ao palácio. No tardo do corpo Oeste localizam-se as antigas oficinas de carpintaria e serralharia, dos trabalhadores. Este edifício é construído “de costas” para as habitações distinguindo-se e separando-se funcionalmente das mesmas. Propomos a reedificação destas duas estruturas unificando-as para dar origem a um novo espaço de alojamento de longa e curta duração. A construção mantém a antiga humildade, criando apenas um maior nível de conforto interior. A fachada principal é mantida quase intacta revelando a memória da frente de rua, e a linguagem vernacular da modesta casa ribatejana. A habitação desenvolve-se horizontalmente, num só piso, em torno de um pátio que permite trazer luz e ventilação natural ao interior. As zonas sociais da casa são em planta livre, preservando-se, no entanto, a privacidade dos quartos. As zonas de serviços, como a cozinha e as instalações sanitárias, desenvolvem-se dentro de novos volumes que fazem a própria divisão espacial.

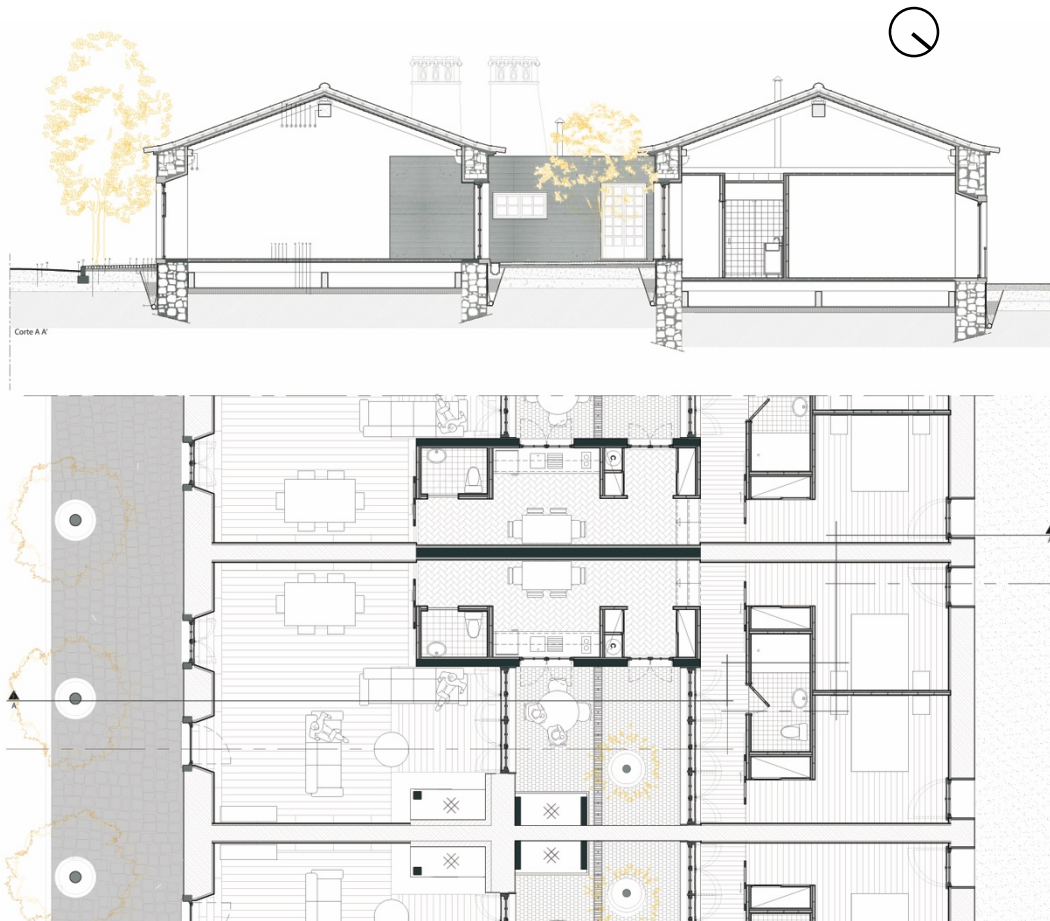


Fig. 122 | visualização do interior das casas pátio | Vista da área Social | Nova Proposta da Quinta da Cardiga | Desenhos da autora

Fig. 121 | Planta e Corte AA' | Casas Pátio | Nova Proposta da Quinta da Cardiga | Desenhos da autora

O volume de casas a Este é idêntico ao conjunto que lhe é vizinho; contudo, trata-se de espaços de menor área de implantação e por isso, dividem-se em dois pisos, sendo que a lógica dos serviços se baseia na mesma ideia, com uma estrutura-base que serve de motor da casa proporcionando a divisão e hierarquização livre dos espaços. O pátio é agora alterado e surge como prolongamento da casa para o exterior, tendo uma vista privilegiada sobre os campos agrícolas.

Com uma escala reduzida e cérceas baixas, características da zona em que se inserem, este conjunto de habitações surge intencionalmente na proposta, apesar de ser uma preexistência reformulada e serve como ponto de arranque para o plano de proposta dedicado ao conjunto com funções hípicas.

MUSEU DO CAVALO E ATRELADOS

Antigos espaços dedicados à carpintaria e serração e ao palheiro

Antes de prosseguirmos para o caminho que nos conduz ao conjunto dedicado ao cavalo, conseguimos já, direccionar o nosso olhar sobre as préexistências que se aproximam. Estes volumes de grande escala, funcionavam como antigos celeiros e estruturas de apoio ao trabalho agrícola. O primeiro volume que de imediato se observa se levanta destina-se a um pequeno museu dedicado ao cavalo. Esta proposta vem encontrar o plano de estratégia dedicado ao turismo estudado pela Câmara Municipal da Golegã para a vila. O plano visa promover o turismo e integrar na vila um museu dedicado ao cavalo.

Segundo esta iniciativa, artefactos como charretes, coches, gravuras e fotografias, serão preservados neste espaço, para depois serem visitados e descobertos, não só pela comunidade da Golegã, mas também por turistas e visitantes. Posto isto, estudou-se a hipótese de complementar a intervenção feita na quinta com uma proposta que reaproveitasse um dos edifícios mais icónicos para abraçar este projeto de iniciativa autárquica.

A escolha do local para implantação deste projeto não foi contudo aleatória. Depois de efectuado o levantamento sobre o edificado, nas traseiras das casas habitacionais, optou-se pelos antigos espaços dedicados à carpintaria e serração. Este edifício destaca-se pela sua ampla fachada Este, virada à praça, que difere dos restantes edifícios adossados.

Todo o conjunto do museu é pensado como uma estrutura preexistente que surge da “casca” e onde, dentro dela, vem assentar uma nova laje organizadora do espaço. No piso térreo são projetadas as áreas funcionais do museu, são instaladas casas de banho simples, precedidas de um espaço dedicado ao centro de controle que partilha o espaço com a recepção, que funcionará simultaneamente como bilheteira. O objetivo



Fig. 123 | Planta piso Térreo; Planta piso 1 | museu do cavalo | Nova proposta da Quinta da Cardiga | Desenhos da autora

Fig. 124 | Alçado | Museu do cavalo | Nova Proposta da Quinta da Cardiga | Desenhos da autora

deste museu, é dar a conhecer visual e tangivelmente o passado e presente deste animal. Este museu faz também o paralelo entre a comunidade da Golegã e a Quinta da Cardiga, uma vez que é aberto ao público em geral.

A laje que se eleva para dar forma ao percurso, surge sem tocar diretamente no existente e é marcada pela clara distinção material entre o primitivo embasamento em pedra e a nova estrutura de betão. Procurando conservar o preexistente, estabelece um trajeto desde a entrada no museu até à peça principal e de maior força de todo o conjunto edificado equestre, o picadeiro coberto.

O museu assume-se por pequenos acontecimentos pelo meio do percurso e levanta-se suavemente sobre alguns dos espaços de apoio ao centro equestre, permitindo uma visão, ainda que reduzida, das vivências de um centro equestre. Requer-se neste programa um efeito surpresa, de descoberta do próprio espaço, uma provocação em que o museu vá surgindo inesperadamente pelo avançar do próprio percurso, terminando no auge da escala entre o homem e o cavalo e no núcleo dedicado aos desportos equestres.

CENTRO EQUESTRE

Edifícios novos, implantados no lugar dos antigos estábulos se garagens

Terminado o percurso sugerido no museu do cavalo, entramos diretamente num conjunto que se dedica exclusivamente a cavalos, cavaleiros e apaixonados pela arte de montar.

O primeiro núcleo volumétrico é dedicado ao ensino e trabalho do animal. Esta grande estrutura, projetada de raiz, é pensada de forma a responder, no seu todo, a uma utilização profissional de trabalho intensivo do cavalo e do cavaleiro, podendo, também ela, ser usada para acolher espetáculos e provas de desportos equestres.

O picadeiro é implantado no remate da linha de conjunto das preexistências com uma direção perpendicular a estas, criando de alguma forma, um espaço de tensão entre o volume primitivo e o desenho do picadeiro. Estes edifícios delimitam o espaço mais íntimo do cavalo com o “exterior” do complexo, com um carácter de apoio e a uma cota mais baixa. As preexistências são trabalhadas de forma a servirem o programa do complexo equestre. É aqui que se situa o armazenamento da comida e o material para a box dos animais, bem como a clínica veterinária, além, das salas de arreios e arrumações.

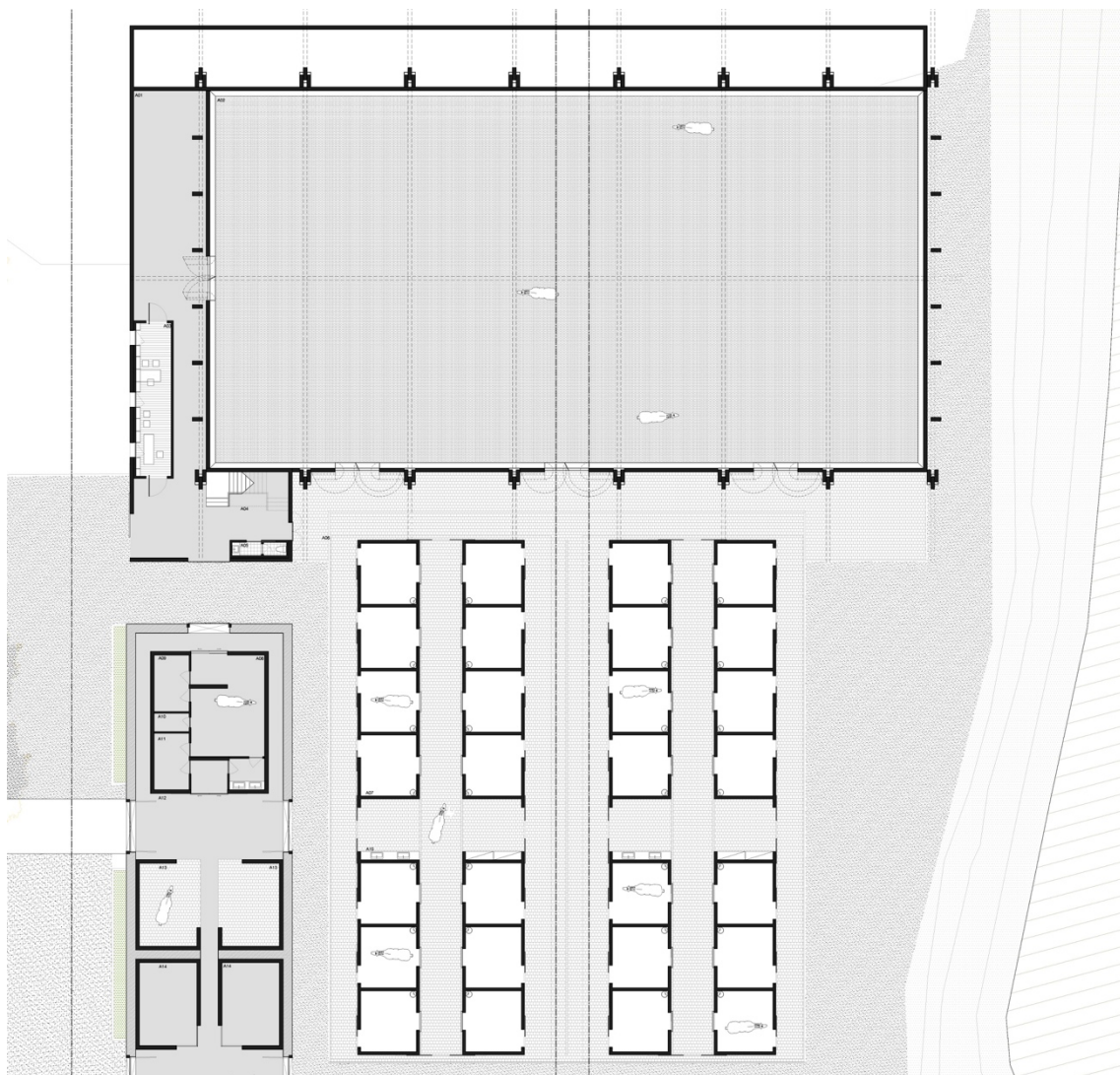


Fig. 125 | Visualização interior do Picadeiro | Nova Proposta da Quinta da Cardiga | Desenhos da autora

Fig. 126 | Planta do Piso térreo | Picadeiro; cavalariças; enfermaria | Nova Proposta da Quinta da Cardiga | Desenhos da autora

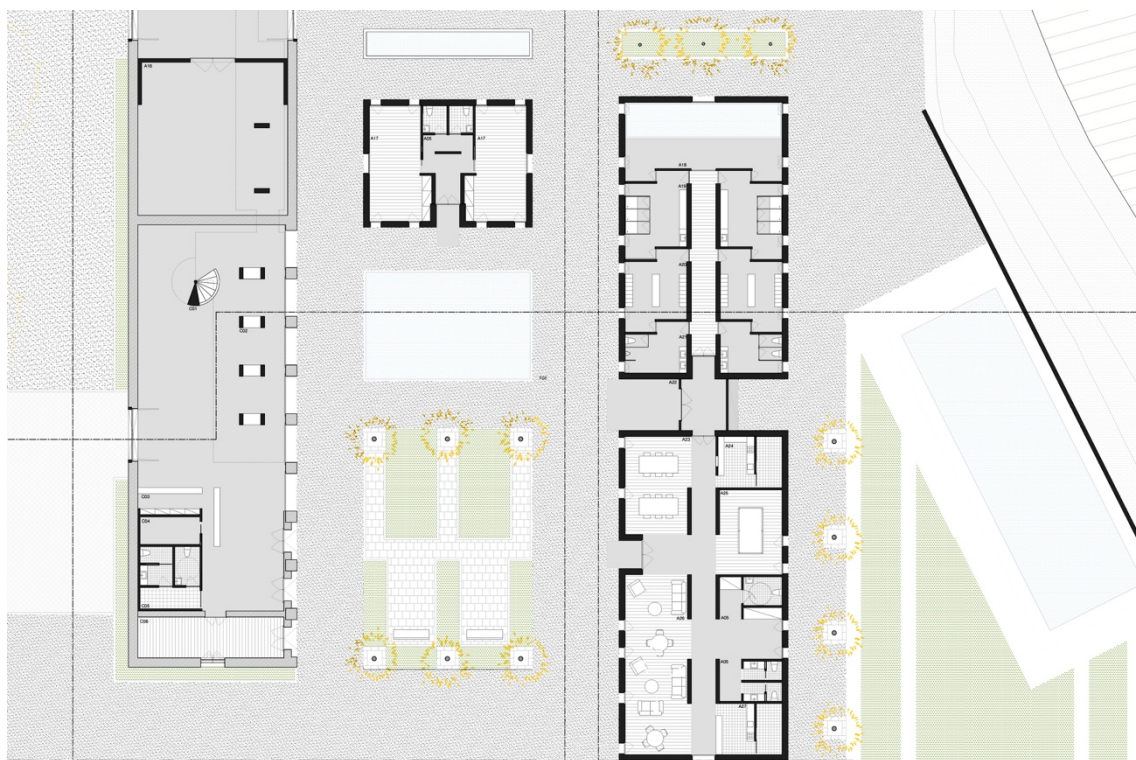
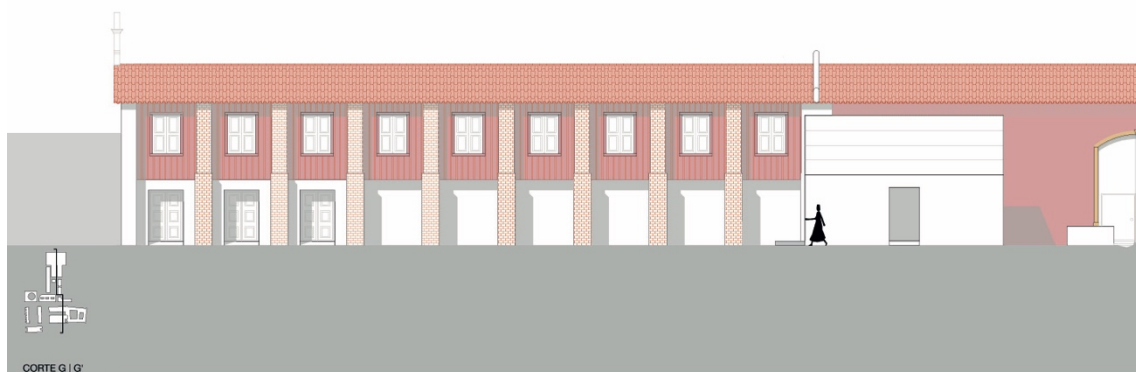


Fig. 127 | Alçados e Planta piso térreo | Alçado dos Banheiros; Alçado das salas de aula e museu; planta dos banheiros zona de convívio e salas de aula | Nova Proposta da Quinta da Cardiga | Desenhos da autora

A Norte do terreno, o picadeiro coberto fica subtilmente encaixado numa zona que se eleva suavemente em relação ao restante edificado. Este volume assume uma estrutura diferente dos restantes conjuntos de apoio. As construções de volumes indiretamente agregados ao picadeiro, asseguram a homogeneidade de todo o núcleo. Dois corpos delgados acolhem no seu interior, longos corredores de boxes, de um lado e do outro. No enfiamento destas encontram-se três novas construções, também elas de apoio ao núcleo. Usufruem de pequenos espaços dedicados exclusivamente aos cavaleiros, com uma construção mais direccionada para o ensino, com duas salas de aulas, uma outra com balneários masculinos e femininos e, por último - esta eventualmente utilizada por todos os visitantes -, uma sala de descanso, uma cantina e um pequeno bar. Acompanhando a escala dos volumes das boxes, estendem-se até completarem a praça que se abre para folgar a fachada do museu.

O desenho de todo este conjunto, responde rigorosamente a todas as necessidades e exigências do cavalo e da sua escala. Eis um espaço preparado primordialmente para o cavalo.

TURISMO RURAL

Antigos espaço de cavalições, cocheira e celeiro e edifício novo

Por último, mas não menos importante, e terminando a descrição da proposta a norte da estrada principal, voltamo-nos agora para o programa que se desenvolve mais perto da margem do rio Tejo. Este agregado de edifícios, que outrora se relacionavam com o cavalo, são agora rehabilitados e direccionados para uma atmosfera turística. Pressupõe-se que os visitantes que decidam pernoitar usufruam de um ambiente particular e que vivam a experiência de um turismo rural que adapta as antigas funcionalidades ao uso contemporâneo.

Numa primeira abordagem propõe-se a reedificação destas três estruturas - cavalições, cocheiras e um celeiro. Nas antigas cavalições prevê-se um projeto de reabilitação, que torne de novo habitável todos aqueles espaços, transformando-as em habitação temporária. Na zona das cocheiras, existem três edifícios adossados. A casa principal, destaca-se ligeiramente dos outros volumes pela sua dimensão e altura e porque reúne em si os lugares de encontro social: a sala de estar no piso térreo e um bar com um ambiente rústico no piso superior, apoiado com uma zona de instalações sanitárias. Na sequência do que vem a ser defendido, e segundo o regulamento aplicável às unidades turísticas com esta graduação, cria-se um novo edifício que procura viabilizar o programa do turismo rural. Neste encontram-se todos os espaços de armazenamento obrigatórios e as áreas dedicadas aos trabalhadores hoteleiros. Encontra-se aqui também o restaurante que completa esta unidade.

Não se pretende obviamente construir um novo empreendimento turístico que em nada contribua para o desenvolvimento do lugar, ou que não envolva os vários planos atribuídos à Quinta. Pelo contrário, este espaço surge para um tipo de público alvo, um público que se apaixone pelo lugar, pelas suas memórias e a sua identidade, e que possa também ele, relacionar-se com a cultura equestre vivida nesta zona do ribatejo.



Fig. 128 | Planta piso térreo; alçado | Planta da zona dedicada ao turismo rural; sala multiusos
| Nova Proposta da Quinta da Cardiga | Desenhos da autora

A proposta tenta celebrar, por um lado uma ação reinterpretativa de um lugar que se contextualiza num mundo muito próprio e, por outro, propõe realçar a exploração das potencialidades que este demonstra. Pretende-se, com isto, uma cuidada relação entre a construção, o lugar e a paisagem, que permita transmitir o “conceito de serenidade, silêncio, intimidade e deslumbramento”⁵².

⁵² Luis Barragán em http://www.pritzkerprize.com/1980/ceremony_speech1

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência por si só de um conjunto edificado com valor patrimonial não é sinónimo de discussão sobre a reabilitação do mesmo. Torna-se por isso necessário procurar consciencializar a sociedade atual para a valorização destas obras, que correm o risco de serem descaracterizadas ou mesmo destruídas. Por isso, este trabalho procurou ser, acima de tudo, um ponto de partida para um olhar e uma discussão crítica sobre património abandonado em contexto rural.

A Quinta da Cardiga representa na história de Portugal um elemento que, apesar do seu aparente elevado valor, se mantém quase ignorado e esquecido no passado. A escassa informação obtida resume-se apenas a pequenos textos com informação bastante dispersa e sem grande conteúdo, que assinalam alguma da cronologia do lugar, mais concretamente do palácio da Quinta. É sem dúvida, mais uma obra do *Património Esquecido*, o resultado do abandono e do desinteresse gerais, motivado pela sobreposição do interesse singular dos proprietários, interesse de natureza meramente económica, que nos remete, enfim, para um incompreensível desconhecimento do valor que possui, não só arquitetónico como histórico-artístico

No entanto, considerando as várias renovações que a Cardiga foi objeto no decorrer dos anos (que dizemos nós, de centúrias e décadas...), foi aqui comprovado que a hipótese de assumir novamente um novo uso ao edificado pré-existente, recuperando-o, é possível e desejável, instaurando relações com a identidade do lugar. O projeto desenvolvido pretende encontrar soluções para revitalizar o património abandonado, fazendo com que este tenha impacto no crescimento económico e turístico da zona em que se insere. Um lugar com bastante potencial para um olhar mais crítico e sensato, da parte de políticos e proprietários, numa perspetiva de potenciar não só a Quinta, como a Golegã. Percebemos que a reabilitação não trata só da disciplina do restauro de

elementos preexistentes, mas necessita de um desenho contemporâneo, que surja de uma pesquisa aprofundada sobre o lugar e a memória do território estabelecendo uma conexão com o primitivo, onde esta se vai projetar.

Finalizando, fica o desejo de que o desenvolvimento desta reflexão e de todo o projeto seja, não apenas um trabalho hipotético, mas uma motivação para uma busca da materialização enquanto ideia e conceito para o futuro, não só deste lugar em particular, mas de todos os lugares por esse país fora.

6. BIBLIOGRAFIA

ARQA 101 Arquitetura e Arte. Resistências. Futurmagazine. Março, Abril 2012

ARQA 102 Arquitetura e Arte. Portugal Turístico. Futurmagazine. Maio, Junho 2012

ARQA 93 Arquitetura e Arte. Reabilitações Urbanas. Futurmagazine. Maio, Junho 2011

BARBARIN, Antonio Ruiz; 'Luis Barragán frente al espejo: la otra mirada', Barcelona, Caja de Arquitectos, 2008

BARBARIN, Antonio Ruiz. Luis Barragán frente al espejo: la otra mirada. Barcelona: Fundación caja de arquitectos 2008

BATISTA, Luís Miguel. Cardiga, de Comenda a Quinta da Ordem de Cristo (1529-1630). Município de Torres Novas, 2009

Câmara Municipal de Torres novas. Nova augusta, Revista de Cultura nº 20 Torres Novas; Gráfica Almondina 2008

CHOAY, Françoise. Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2010

Coleção Arquitetos Portugueses série 2. Vila do Conde: Quidnovi 2011

CRUZ, Valdemar. Retratos de Siza, Campo das Letras. Famalicão 2005

DIAS, João Alves. Uma Grande Obra de Engenharia a mudança do curso do rio Tejo. Estampa: Lisboa, 1984.

DIONÍSIO Sant' Anna. Guia de Portugal, Estremadura, Alentejo e Algarde.
Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Vol.II, Cap IV 1983

ESTUDOS / PATRIMÓNIO, Revista de conservação e restauro, IPPAR -
Departamento de Estudos, nº 6 / 2004, Lisboa.

FONSECA, Henrique Salles. Hipismo em Lisboa, Memórias da sociedade
hípica portuguesa 1910-2005. Lisboa: Iconom 2005

FUNARI, Pedro Paulo (Org). Turismo e patrimônio cultural. São Paulo:
Contexto, 2001.

GASPAR, Jorge. As Regiões Portuguesas. Direção Geral de
Desenvolvimento Regional. Lisboa: 1994

GASPAR, Jorge. Geografia Os Portos Fluviais do Tejo. Finisterra Revista
Portuguesa de Geografia, Centro de estudos geográficos. Lisboa, Vol.10
1970

HENRIQUES, Pedro Castro. Lusitano, o Cavalo ancestral do Sudoeste
da Europa. Lisboa: Iconom 2001

HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitetura. São Paulo: Martins
Fontes, 1999.

LOBO, Susana. Pousadas de Portugal: Reflexos da Arquitectura
Portuguesa do Século XX. Coimbra: Imprensa da Universidade de
Coimbra, 2006

MOURA, Eduardo Souto. Santa Maria do Bouro, construir uma pousada
com as pedras de um mosteiro. Lisboa : White & Blue, 2001

OLIVEIRA, Paulo Martins. A vila da Golegã nos últimos 250 anos, Subsídios para a sua história. Município da Golegã, Câmara da Golegã: 2006

PEREIRA, Paulo, “As Grandes Edificações” in História da Arte Portuguesa (dir. Paulo Pereira), Lisboa, Círculo de Leitores, vol. II, 1995.

PEREIRA, Paulo. Património edificado: pedras angulares. Aura: 1ª ed. Aura, 2005.

PEREIRA, Paulo. Património Edificado. Pedras angulares. Lisboa; Aura, 2000

SIZA, Álvaro. Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70, 2013

TÁVORA, Fernando. Da Organização do Espaço. Porto: FAUP publicações, 2008.

TURISMO DE PORTUGAL. (2007). Plano Estratégico Nacional do Turismo - Para o desenvolvimento do turismo em Portugal. Turismo de Portugal.

URRY, John. O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. 3ª Edição São Paulo: Studio Nobel, 2001

ZUMTHOR, Peter. Atmosferas. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

ZUMTHOR, Peter. Pensar la Arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, Barcelona 2004

ARTIGOS EM LIVROS | REVISTAS

LOBO, Susana. 1942-2002 - 60 Anos de Pousadas. In TOSTÕES, Ana (coord.) *Arquitetura Moderna Portuguesa: 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2004.

LOBO, Susana. Pousadas S.O.S. Laura, *Revista de Cultura Arquitetónica - Crítica*. Guimarães: D.A.A.U.M.. n.º 3 (Outubro de 2005)

PROVAS ACADÉMICAS

LOBO, Susana. *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitetura portuguesa do século XX*. Coimbra: 2006. p. Prova final apresentada ao Departamento de Arquitetura da FCTUC.

ROVISCO, Carla. *Metamorfoses do tejo*. Coimbra: 2009, Prova final apresentada ao Departamento de arquitetura da FCTUC.

FIGUEIREDO, Sara. *Pousada de Santa Bárbara*. Coimbra: 2013, Prova final apresentada ao Departamento de Arquitetura da FCTUC.

SILVA, Mónica. *Da arquitetura entre escalas: No território e na paisagem. O homem e o cavalo*. Porto, Prova final apresentada ao Departamento de Arquitetura da FAUP

GUEDES, Raquel. *Património: Intervir ou Interferir?. Sta. Marinha da Costa e Sta Maria do Bouro*. Coimbra: 2009. Prova final apresentada ao Departamento de Arquitetura da FCTUC.

DOCUMENTOS ELETRÓNICOS

<http://www.archdaily.com.br>

<http://www.divisare.com>

<http://www.dezeen.com/>

<http://www.cm-golega.pt/> consultado a 24/07/2016

<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

<http://www.afasiaarchzine.com/>

ÍNDICE DE IMAGENS

FIG. 1 FACHADA DA COCHEIRA QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	XVI
FIG. 2 LOCALIZAÇÃO DA GOLEGÃ EM RELAÇÃO A LISBOA, 1H46M DE LISBOA PARA GOLEGÃ, CAMINHO TRAÇADO PELA A1 ANÁLISE FEITA PELA AUTORA	5
FIG. 3 MAPA DA ZONA COMPREENDIDA ENTRE O GAVIÃO A ESTE E ALPIARÇA A SUDOESTE 1. GOLEGÃ 2. QUINTA DA CARDIGA ELABORADO PELA AUTORA	11
FIG. 4 RIO TEJO NA PONTE DE SANTARÉM SANTARÉM ANSELMO FRANCO 1919	13
FIG. 5 INUNDAÇÕES NO RIO TEJO O RIO TEJO EM FRENDE DE ALHANDRA JOSHUA BENOLIE 1912	13
FIG. 6 "O CAMPO NÃO ESCOLHE IDADES" RIBATEJO ARTUR PASTOR 1922	16
FIG. 7 "DESFILE DE CAVALOS" RIBATEJO, PORTUGAL AMADEU FERRARI 1944	16
FIG. 8 LEZÍRIA RIBATEJANA, GOLEGÃ, QUINTA DA CARDIGA ANÁLISE DO AUTOR 2016	16
FIG. 9 "CHEIA NA GOLEGÃ" GOLEGÃ CARLOS RELVAS DATA DESCONHECIDA	20
FIG. 10 "ASPETOS DA PAISAGEM RIBATEJANA" RIBATEJO CARLOS RELVAS 1838 - 1894	20
FIG. 11 "LEZÍRIA NA CARDIGA" QUINTA DA CARDIGA CARVALHO, ANTÓNIO 2016	20
FIG. 12 "FEIRA NACIONAL DO CAVALO GOLEGÃ VISITPORTUGAL 2015	24
FIG. 13 "COUDELARIA ORTIGÃO COSTA" GOLEGÃ AUTOR DESCONHECIDO	24
FIG. 14 "CAVALEIRO" GOLEGÃ AUTOR DESCONHECIDO	24
FIG. 15 "CAVALO DE EL REI II SERNADINHA GOLEGÃ AUTOR DESCONHECIDO 2015	24
FIG. 16 PALMEIRIM DE INGLATERRA CAPA DO ROMANCE DE CAVALARIA PORTUGUÊS QUE FRANCISCO DE MORAES ENTRE 1541 E 1543 O LIVRO POSSUI ALGUMAS LEMBRANÇAS AUTOBIOGRÁFICAS DO AUTOR, E É CONSIDERADO UM DOS MELHORES ROMANCES DE CAVALARIA DO SÉCULO XVI	28
FIG. 17 PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO CONHECIDA DO PALÁCIO DA CARDIGA, FACHADA SUL QUINTA DA CARDIGA CARDIGA ORDEM DE CRISTO 1504	32
FIG. 18 PANORAMA POSSÍVEL DO CASTELO INICIAL DA CARDIGA. NESTE, A TORRE ERA DE PEDRA, MAS AS MURALHAS PRIMITIVAS ERAM DE TAIPA CARDIGA AUTOR DESCONHECIDO DATA DESCONHECIDA	32
FIG. 19 PANORAMA GERAL DO PALÁCIO DA CARDIGA EM MEADOS DO SÉCULO XVIII CARDIGA ARQUIVO DA QUINTA DATA DESCONHECIDA	38
FIG. 20 A VILA E A REGIÃO DO SÉCULO XII AO XVI RIBATEJO JOÃO JOSÉ ALVES DIAS 1989	38
FIG. 21 UMA GRANDE OBRA DE ENGENHARIA A MUDANÇA DO CURSO DO RIO TEJO RIBATEJO JOÃO JOSÉ ALVES DIAS 1989	38
FIG. 22 FASE II: CERCA DE 1450 (?) PLANTA CONJETURAL: ATALAIA E ANEXOS AMPLIADOS E EDIFICAÇÃO DE MURALHA COM BASTIÕES (A VERMELHO). A	

QUADRA PODERIA ESTAR COMPLETA, MAS FOI SUJEITA A ALTERAÇÕES POSTERIORES, RESTANDO DA FASE II O QUE SE ASSINALA.	42
FIG. 23 FASE I: CERCA DE 1170-1250 (?) PLANTA CONJETURAL: ATALAIA E ANEXOS (A VERMELHO ESCURO)	42
FIG. 24 FASE III: CERCA DE 1529-1547/1550 (?) PLANTA CONJETURAL: AMPLIFICAÇÃO DA CONSTRUÇÃO E ADAPTAÇÃO DA MESMA A VILA E A EXPLORAÇÃO RURAL. RASGAMENTO DE VÃOS NOS DOIS PISOS. FECHO DA QUADRA PRINCIPAL. (A OCRE)	44
FIG. 25 FASE IV: CERCA DE 1560-1600(?) PLANTA CONJETURAL: AMPLIFICAÇÃO DO CONJUNTO, CONSTRUÇÃO DE UM CLAUSTRO DE SERVIÇO	46
FIG. 26 LINHAS DOMINANTES DOS ALINHAMENTOS DAS QUATRO FASES DE CONSTRUÇÃO DO NÚCLEO CENTRAL DA QUINTA.	46
FIG. 27 TORRE SENHORIAL E ANEXO EM LINHA COM A TORRE (AZEVEDO, 1988, P. 27)	48
FIG. 28 SOLAR DA SEMPRE NOVA, ARRAIOLOS (C. 1520-1530) (SEG. DGEMN/IHRU)	49
FIG. 29 SOLAR DE ÁGUA DE PEIXES, NO BAIXO ALENTEJO (C. 1520-1540 (??))	50
FIG. 30 CASTELO DE CASTRO MARIM (SEG. DGEMN/IHRU)	51
FIG. 31 CASTELO DE CASTRO MARIM - VISTA EXTERIOR (SEG. DGEMN/IHRU)	51
FIG. 32 CASTELO DE FONTALVA (ARREDORES DE ELVAS). PLANTA E VISTAS GERAIS EXTERIORES (SEG. DGEMN/IHRU)	52
FIG. 33 CASTELO DE FONTALVA (ARREDORES DE ELVAS). PLANTA E VISTAS GERAIS DA QUADRA (SEG. DGEMN/IHRU)	53
FIG. 34 BACALHOA: A VERMELHO A CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO EM “L”. À DIREITA UM DOS TORREÕES (ARRUDA/TORRALVA) – (DESENHO DE ALBRECHT HAUPT, 1895)	54
FIG. 35 EDIFICADO DA QUINTA DA CARDIGA LEGENDA: 1. EXTENSÃO DA ADEGA; 2. ADEGA; 3. GARAGEM, VINAGRARIA; 4. PALHEIRO; 5. ESTÁBULOS PARA GADO DE TRABALHO; 6. CARPINTARIA E SERRALHARIA; 7. GARAGEM, ARRECADAÇÃO, ESCRITÓRIOS; 8. VACARIA; 9. HABITAÇÕES; 10. OFICINAS DE PINTURA E SERRALHARIA; 11. BOXES; 12. PICADEIRO; 13. CAVALARIÇAS, COCHEIRA; 14. CELEIRO; 15. LAGAR, CELEIRO; 16. PALÁCIO	57
FIG. 36 EDIFÍCIOS 1 2 3	58
FIG. 37 VISTA FRONTAL ADEGA (EDIFÍCIO 2) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	59
FIG. 38 VISTA DA GARAGEM (EDIFÍCIO 3) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	59
FIG. 39 VISTA ESTE DA ADEGA (EDIFÍCIO 1) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	59
FIG. 40 VISTA NORTE DA ADEGA (EDIFÍCIO 1) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	59
FIG. 41 EDIFÍCIOS 4 5	60
FIG. 42 VISTA DO PÁTIO DE SERVIÇO QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	61
FIG. 43 VISTA DO PÁTIO DE SERVIÇO PARA OS ESTÁBULOS (EDIFÍCIO 5) \ FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	61
FIG. 44 VISTA SOBRE O PÁTIO DE SERVIÇO \ QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	61

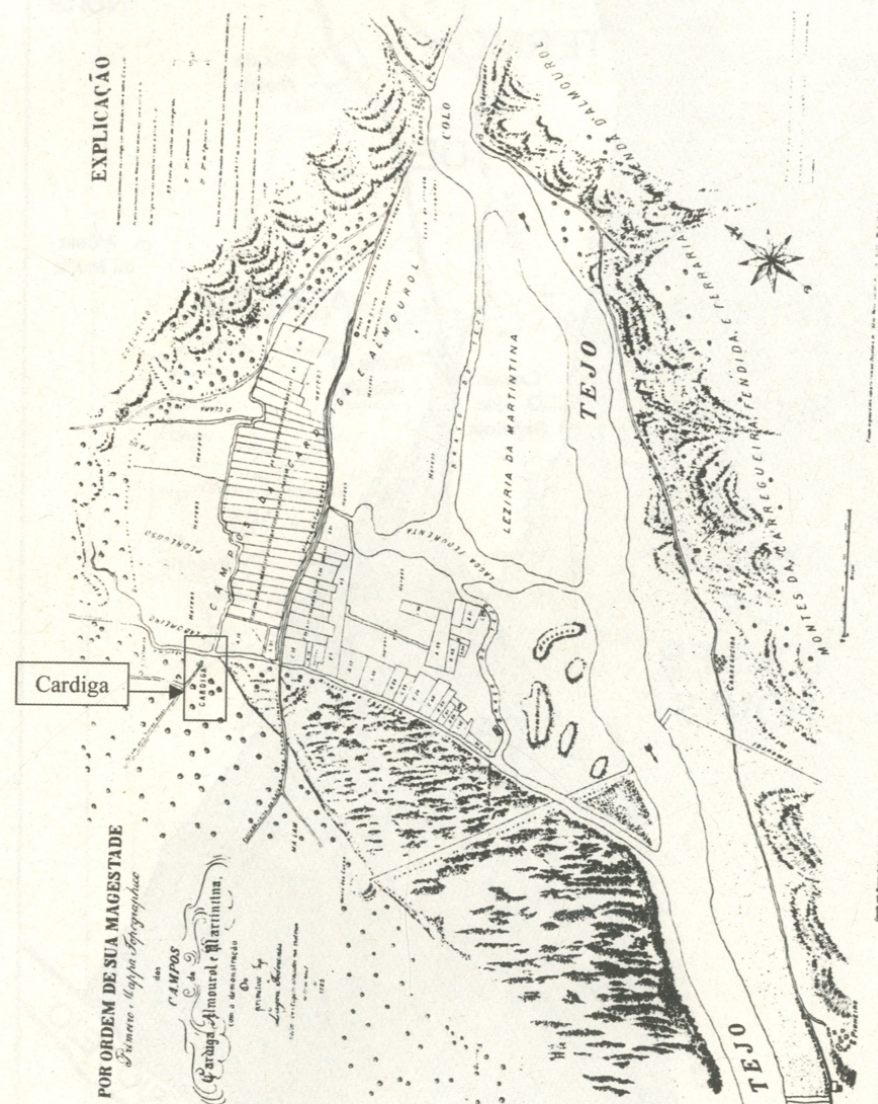
FIG. 45 ALÇADO OESTE (EDIFÍCIO 4) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	61
FIG. 46 EDIFÍCIOS 6 7	62
FIG. 47 ALÇADO DA SERRALHARIA ESTE (EDIFÍCIO 6) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	63
FIG. 48 INTERIOR DA SERRALHARIA (EDIFÍCIO 6) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	63
FIG. 49 VISTA DO PÁTIO (EDIFÍCIO 7) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	63
FIG. 50 VISTA OESTE DOS EDIFÍCIOS DE ADMINISTRAÇÃO (EDIFÍCIO 7) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	63
FIG. 51 EDIFÍCIOS 8 9	64
FIG. 52 ALÇADO OESTE, CASA DOS EMPREGADOS (EDIFÍCIO 9) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	65
FIG. 53 ALÇADO DAS OFICINAS DE SERRALHARIA (EDIFÍCIO 8) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	65
FIG. 54 ALÇADO DE UMA DAS CASAS DE EMPREGADOS, VISTA DA RUA PRINCIPAL (EDIFÍCIO 9) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	65
FIG. 55 ALÇADO DA CASA MAIOR DE EMPREGADOS, VISTA DA RUA PRINCIPAL (EDIFÍCIO 9) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	65
FIG. 56 EDIFÍCIOS 10 11	66
FIG. 57 ALÇADO SUL, VACARIA (EDIFÍCIO 10) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	67
FIG. 58 ALÇADO ESTE, VACARIA (EDIFÍCIO 10) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	67
FIG. 59 ALÇADO OESTE, ANTIGAS BOX'S, VISTA DA RUA PRINCIPAL (EDIFÍCIO 11) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	67
FIG. 60 ALÇADO ESTE, ANTIGAS BOX'S (EDIFÍCIO 11) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	67
FIG. 61 EDIFÍCIOS 12 13	68
FIG. 62 FACHADA ESTE DAS ANTIGAS COCHEIRAS, VISTA DA RUA PRINCIPAL PARA A PRAÇA DA COCHEIRA (EDIFÍCIO 13) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	69
FIG. 63 FACHADAS ESTE DAS ANTIGAS COCHEIRAS, CASA PRINCIPAL, VISTA DESDE A PRAÇA (EDIFÍCIO 13) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	69
FIG. 64 INTERIOR DO ANTIGO PICADEIRO, VISTA SOBRE LADO OESTE DAS COCHEIRAS (EDIFÍCIO 12) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	69
FIG. 65 INTERIOR DO PICADEIRO (EDIFÍCIO 12) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	69
FIG. 66 EDIFÍCIOS 14 15	70
FIG. 67 FACHADA SUL, ANTIGO CELEIRO, VISTA DA RUA PRINCIPAL (EDIFÍCIO 14) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	71
FIG. 68 INTERIOR DO ANTIGO CELEIRO (EDIFÍCIO 14) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	71
FIG. 69 INTERIOR DO ANTIGO LAGAR (EDIFÍCIO 15) QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	71

FIG. 70 VISTA PARA O PÁTIO DE SERVIÇO, TORRE MEDIEVAL QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	71
FIG. 71 EDIFÍCIO 16	72
FIG. 72 ALÇADO NORTE, VISTA DA TORRE MEDIEVAL, PALÁCIO QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	73
FIG. 73 ALÇADO ESTE, VISTA DO TORREÃO, PALÁCIO QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	73
FIG. 74 ALÇADO SUL, VISTA DA TORRE MEDIEVAL, PALÁCIO QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	73
FIG. 75 ALÇADO SUL, VISTA DO PÁTIO, PALÁCIO QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	73
FIG. 76 RUA PRINCIPAL, LADO DIREITO CASA DO EMPREGADOS, LADO ESQUERDO CELEIRO QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	76
FIG. 77 INTERIOR DE UM DOS ESTÁBULOS DE ANIMAIS QUINTA DA CARDIGA FOTOGRAFIA DA AUTORA 2016	76
FIG. 78 SIZA MONTANDO A CAVALO RETRATOS DE SIZA, CAMPO DAS LETRAS DESENHO DE ÁLVARO 2003	90
FIG. 79 ESTUDO DE CAVALOS 1, GIZ THE ROYAL COLLECTION, CASTELO DE WINDSOR LEONORDO DA VINCI 1505	93
FIG. 80 FRENTE AL ESPEJO: LA OTRA MIRADA CUADRA SAN CRISTOBAL LUIS BARRAGÁN 1964	94
FIG. 81 ALÇADO SUL, ESC.: 1/1000 GUIMARÃES FERNANDO TÁVORA 1985	102
FIG. 82 EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA, ESQUEMA DE PLANTA GUIMARÃES FERNANDO TÁVORA 1985	102
FIG. 83 VISTA DO ALÇADO SUL GUIMARÃES FERNANDO TÁVORA 1985	103
FIG. 84 VISTA GERAL GUIMARÃES FERNANDO TÁVORA 1985	103
FIG. 85 PLANTA DO PISO 2 AMARES EDUARDO SOUTO MOURA 1989	108
FIG. 86 ALÇADO SUL AMARES EDUARDO SOUTO MOURA 1989	108
FIG. 87 CORTE AMARES EDUARDO SOUTO MOURA 1989	108
FIG. 88 VISTA DO PÁTIO CENTRAL AMARES EDUARDO SOUTO MOURA 1989	109
FIG. 89 VISTA GERAL DO CONVENTO AMARES EDUARDO SOUTO MOURA 1989	109
FIG. 90 DETALHE DO VÃO AMARES EDUARDO SOUTO MOURA 1989	109
FIG. 91 VISTA DO CLAUSTRO AMARES EDUARDO SOUTO MOURA 1989	109
FIG. 92 PLANTA GERAL MONFORTE JOÃO MENDES RIBEIRO 2014	112
FIG. 93 PERSPECTIVA DA IMPLANTAÇÃO MONFORTE JOÃO MENDES RIBEIRO 2014	112
FIG. 94 VISTA DO ALÇADO DA CASA PRINCIPAL MONFORTE JOÃO MENDES RIBEIRO 2014	113
FIG. 95 VISTA DO PÁTIO, ALÇADO DOS QUARTOS, PORMENOR DO PAVIMENTO MONFORTE JOÃO MENDES RIBEIRO 2014	113
FIG. 96 DETALHE ENTRE CONSTRUÇÃO NOVA E REABILITAÇÃO MONFORTE JOÃO MENDES RIBEIRO 2014	113
FIG. 97 VISTA DE CIMA DA TORRE PARA O PÁTIO PRINCIPAL, ZONA DE ENTRADA MONFORTE JOÃO MENDES RIBEIRO 2014	113
FIG. 98 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO, GERAL CABO DO MUNDO CARLOS CASTANHEIRA & CLARA BASTAI 2012	116

FIG. 99 EDIFÍCIO PRINCIPAL, 1 PISO CABO DO MUNDO CARLOS CASTANHEIRA & CLARA BASTAI 2012	116
FIG. 100 CORTE CC', CAVALARIÇAS CARLOS CASTANHEIRA & CLARA BASTAI 2012	116
FIG. 101 ALÇADO DO PICADEIRO PRINCIPAL CABO DO MUNDO CARLOS CASTANHEIRA & CLARA BASTAI 2012	117
FIG. 102 VISTA DO INTERIOR DO PICADEIRO PRINCIPAL CABO DO MUNDO CARLOS CASTANHEIRA & CLARA BASTAI 2012	117
FIG. 103 VISTA DO CORREDOR DAS CAVALARIÇAS CABO DO MUNDO CARLOS CASTANHEIRA & CLARA BASTAI 2012	117
FIG. 104 VISTA DO INTERIOR DO PICADEIRO SECUNDÁRIO CABO DO MUNDO CARLOS CASTANHEIRA & CLARA BASTAI 2012	117
FIG. 105 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO, GERAL NAVARRA, ESPANHA FRANCISCO MANGADO 2008	120
FIG. 106 EDIFÍCIO PRINCIPAL, PISO 1 NAVARRA, ESPANHA FRANCISCO MANGADO 2008	120
FIG. 107 CORTE PELO PICADEIRO NAVARRA, ESPANHA FRANCISCO MANGADO 2008	120
FIG. 108 VISTA GERAL DO EDIFÍCIO NAVARRA, ESPANHA FRANCISCO MANGADO 2008	121
FIG. 109 CORREDOR INTERIOR DE ACESSO ÀS BOX'S NAVARRA, ESPANHA FRANCISCO MANGADO 2008	121
FIG. 110 VISTA DESDE O EXTERIOR PARA O CORREDOR DAS BOX'S NAVARRA, ESPANHA FRANCISCO MANGADO 2008	121
FIG. 111 INTERIOR DO PICADEIRO PRINCIPAL NAVARRA, ESPANHA FRANCISCO MANGADO 2008	121
FIG. 112 PLANTA ESQUEMÁTICA DOS EDIFÍCIOS PRÉ-EXISTENTES QUINTA DA CARDIGA ANÁLISE FEITA PELA AUTORA	126
FIG. 113 PLANTA ESQUEMÁTICA DOS EDIFÍCIOS A REABILITAR E A MANTER VERMELHO: REABILITAR; CINZENTO: MANTER QUINTA DA CARDIGA ANÁLISE FEITA PELA AUTORA	126
FIG. 114 PLANTA ESQUEMÁTICA DA PROPOSTA VOLUMÉTRICA VERMELHO: REABILITAR; CINZENTO: MANTER; CINZENTO RISCADO: CONSTRUÇÃO NOVA QUINTA DA CARDIGA ANÁLISE FEITA PELA AUTORA	127
FIG. 115 PLANTA ESQUEMÁTICA DA VOLUMETRIA E ESPAÇOS EXTERIORES QUINTA DA CARDIGA ANÁLISE FEITO PELA AUTORA	127
FIG. 116 PLANTA ESQUEMÁTICA DE EDIFÍCIOS A CONSTRUIR, A DEMOLIR E A REABILITAR QUINTA DA CARDIGA ANÁLISE FEITA PELA AUTORA	129
FIG. 117 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO NOVA PROPOSTA PARA A QUINTA DA CARDIGA DESENHO ELABORADO PELA AUTORA	133
FIG. 118 PLANTA DO PISO TÉRREO NOVA PROPOSTA DA QUINTA DA CARDIGA DESENHO ELABORADO PELA AUTORA	135
FIG. 119 PLANTA DO CENTRO LOGÍSTICO PISO 1; PISO TÉRREO; ALÇADO SUL NOVA PROPOSTA DA QUINTA DA CARDIGA DESENHOS DA AUTORA	138
FIG. 121 PLANTA E CORTE AA' CASAS PÁTIO NOVA PROPOSTA DA QUINTA DA CARDIGA DESENHOS DA AUTORA	140
FIG. 120 VISUALIZAÇÃO DO INTERIOR DAS CASAS PÁTIO VISTA DA ÁREA SOCIAL NOVA PROPOSTA DA QUINTA DA CARDIGA DESENHOS DA AUTORA	140

FIG. 122 PLANTA PISO TÉRREO; PLANTA PISO 1 MUSEU DO CAVALO NOVA PROPOSTA DA QUINTA DA CARDIGA DESENHOS DA AUTORA	144
FIG. 123 ALÇADO MUSEU DO CAVALO NOVA PROPOSTA DA QUINTA DA CARDIGA DESENHOS DA AUTORA	144
FIG. 124 VISUALIZAÇÃO INTERIOR DO PICADEIRO NOVA PROPOSTA DA QUINTA DA CARDIGA DESENHOS DA AUTORA	148
FIG. 125 PLANTA DO PISO TÉRREO PICADEIRO; CAVALARIÇAS; ENFERMARIA NOVA PROPOSTA DA QUINTA DA CARDIGA DESENHOS DA AUTORA	148
FIG. 126 ALÇADOS E PLANTA PISO TÉRREO ALÇADO DOS BALNEÁRIOS; ALÇADO DAS SALAS DE AULA E MUSEU; PLANTA DOS BALNEÁRIOS ZONA DE CONVÍVIO E SALAS DE AULA NOVA PROPOSTA DA QUINTA DA CARDIGA DESENHOS DA AUTORA	149
FIG. 127 PLANTA PISO TÉRREO; ALÇADO PLANTA DA ZONA DEDICADA AO TURISMO RURAL; SALA MULTIUSOS NOVA PROPOSTA DA QUINTA DA CARDIGA DESENHOS DA AUTORA	152

ANEXOS



Mapa IV _ Primeiro Mappa Topographico dos Campos da Cardiga, Almourol e Martintina com a demonstração do primitivo Tejo e Lagoa Fedorente pelos vestígios achados na vistoria de 20 de Abril de 1783, representando a zona antes da mudança do curso do Tejo, ocorrida cerca de 1545. Fonte: Arquivo da Quinta da Cardiga.



Mapa V _ Fonte: Carta Militar de Portugal, série M 888, à escala 1:25 000 (folha 330), 4ª edição, 1980, do Serviço Cartográfico do Exército Português. Localização da Quinta da Cardiga, junto ao Rio Tejo, na actualidade.

1169 (Era de 1207), Outubro.

Carta de el-Rei D. Afonso Henriques, a confirmar à Ordem do Templo, a doação que lhe fizera, dez anos antes, do castelo de Tomar e termo e a doar-lhes os do Zêzere e da Cardiga com a zona pela dita ordem amanhada na Cardiga e a vinha por ela feita além-Tejo, junto ao castelo da foz do Zêzere.

Fonte: IAN/TT, Pergaminhos das Ordens do Templo e de Cristo, régios, maço 1, doc. 4, em cópia dos séculos XII/XIII. Transcrição do documento publicado em Monumenta Henricina, vol. I, p. 15, doc. 7.

In nomine Sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filij, et Spiritus Sancti amen.

Quoniam antiqua temporis institutione iuris debito rationabilis consuetudo penes omnes emerserit, ut factorum series successuum numerus forunuranum euentus scripto commendentur, ut commendata ab hominum memoria none decendant et omnibus preterita presentialiter consistant.

Jccirco, ego Alfonsus, Portugalensium rex, una cum filijs meis, facio cartam donationis et firmitudinis Deo et militibus Templi Salomonis, tam presentibus quam futuris, et uobis fratri Guafrido Fulcherij, citra mare totius militie predicti Templi discreto procuratori, et uobis fratri Garssie Romeo, in Campis et in Castella militum predictorum ministro, et uobis fratri Galdino, in Portugali rerum Templi procuratori, uestrisques successoribus in futurum promouendis, scilicet de illo castello de Ozezar, sicut diuiditur terminis inferius scriptis:

jn primis per fozem de Beselga et inde per ipsam stratam que uocatur de Penela uesque Alfeigiadoa et inde per cimam de monte de Alfeigiadoa, aquis uertentibus contra Tanchos, et inde quomodo intrat mons ad fundum de pelago de Almourel et inde per medium Tagi usque ad fozem de Ozezar et inde per medium de Ozezar usque ad fozem de Thomar; et inde per Thomar, quomodo uadit ad focem de Beselga, unde primam fecimus inchoationem.

Do, siquidem, uobis ipsum castellum de Cardica cum omni hereditate quam ibi rupistis et fecistis.

Do etiam uobis ipsam uienam quam facistis ultra Tagum, iuxta illud castellum de focem de Ozezar, quomodo clauditur suo uallo.

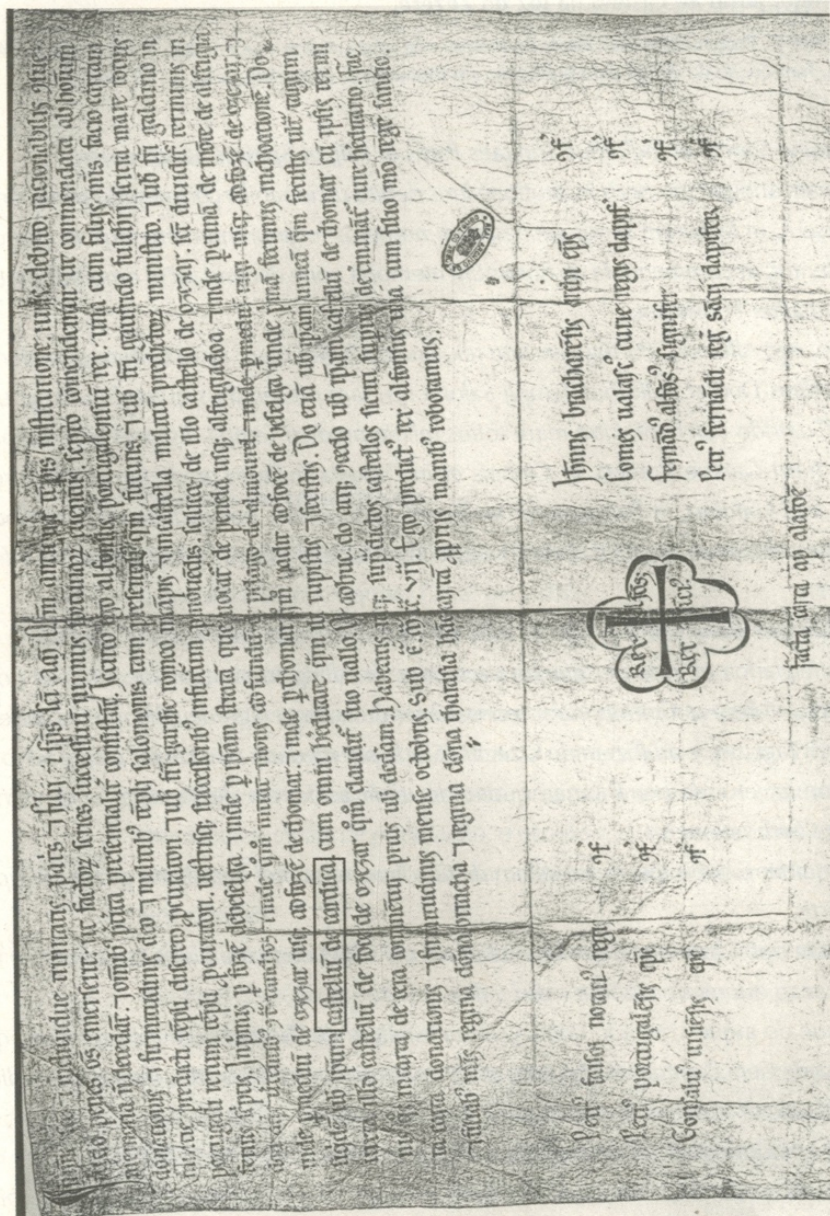
Et adhuc do atque concedo uobis ipsum castellum de Thomar cum ipsis terminis, quos in carta de Cera continentur, [quam] prius uobis dederam. Habeatis, itaque, supradictos castellos sicuti superius determinantur, iure hereditario.

Facta carta donationis et firmitudinis mense octobris, sub era M.^a CC.^a vij.^a

Ego predictus rex Alfonsus, una cum filio meo rege Sancio et filiabus meis regina domna Orracha et regina domna Tharazia, hanc carta proprijs manibus roboramos. Petrus Faison,

notarius regis, conf.; Petrus, Portugalensis episcopus, conf.; Gonsaluus, Uisiensis episcopus, conf.; Iohannes, Bracharensis archiepiscopus, conf.; Comes Ualascus, curie dapifer, conf.; Fernandus Alfonsus, signifer, conf.; Petrus Fernandi, regis Sancij dapifer, conf. (sinal) REX ALFONSUS. REX SANCIVS.

Facta carta apud Alafoen.



Fac-simile da Carta da doação do castelo da Cardiga, à Ordem do Templo, por D. Afonso Henriques, em Outubro de 1169.
Fonte: IAN/TT, Pergaminhos das Ordens do Templo e de Cristo, régios, maço 1, doc. 4, em cópia dos séculos XII/XIII.

6 de Setembro de 1504.

Carta de Quitação de D. Manuel I ao Comendador da Cardiga, Afonso Furtado de Mendonça.

Fonte: IAN/TT, Chancelaria de D. Manuel, liv. 22º, fl. 60v.

D. Manuel, etc., como Governador e *ad perpetuum* Administrador da Ordem e Cavalaria de Nosso Senhor Jesus Christo, a quantos esta nossa carta virem fazemos saber, que pelo Santo Padre Alexandre é outorgada uma bulla á dita Ordem, por que os comendadores e pessoas que della tiverem renda com o habito de Christo, pagando os tres quartos dous annos do que as taes rendas rendessem [um pequeno borrão] como, pudessem fazer testamento e testar de sua fazenda, como lhes prouvesse. E por quanto Fr. Affonso Furtado, fidalgo de nossa casa, e commendador da Cardiga, pagou 60.000, que se montou nos tres quartos de 80.000 reaes em que a dita sua commenda foi avaliada, e os entregou por esta maneira, a saber: a Pedr' Alvares, recebedor que foi dos ditos quartos, 12.100 reais, e a Pero de Lemos, nosso capellão e recebedor dos ditos tres quartos, 47.900 reaes, nesta maneira: 11.000 reaes que lhe entregou Andre Gago, almoxarife de Setubal, per uma vez, e 25150 per outra, e 10.750 per Leonard' Alvares, que lhe todo lhe foi descontado de suas tenças, e 1.000 reaes que lhe entregou por um seu criado, os quaes lhe foram carregados em receita pelos escrivães de seus cargos, segundo dello fomos certo...lhe mandamos dar esta nossa carta pela qual certificamos o dito Fr. Affonso Furtado ter asi pagos os ditos 60.000 reaes, que se montavam nos ditos quartos dos 80.000 reaes, em que lhe a dita commenda foi avaliada.

Dada em Cintra, aos 6 dias do mez de setembro, Affonso mexia a fez, anno de 1504.

Documento n.º 7

Sem data expressa.

Termo mandado fazer pelo Juiz do Tombo, Álvaro Barreto Borges, e escrito por um escrivão de apelido Moraes. O documento, pelo tipo de letra e pelo conteúdo, sugere ser dos meados do século XVII.

Além das obras mandadas efectuar por Frei António de Lisboa (1536-1551), são referidas também aquelas que foram realizadas pelo seu sobrinho, Frei Pedro Moniz (1592-1612).

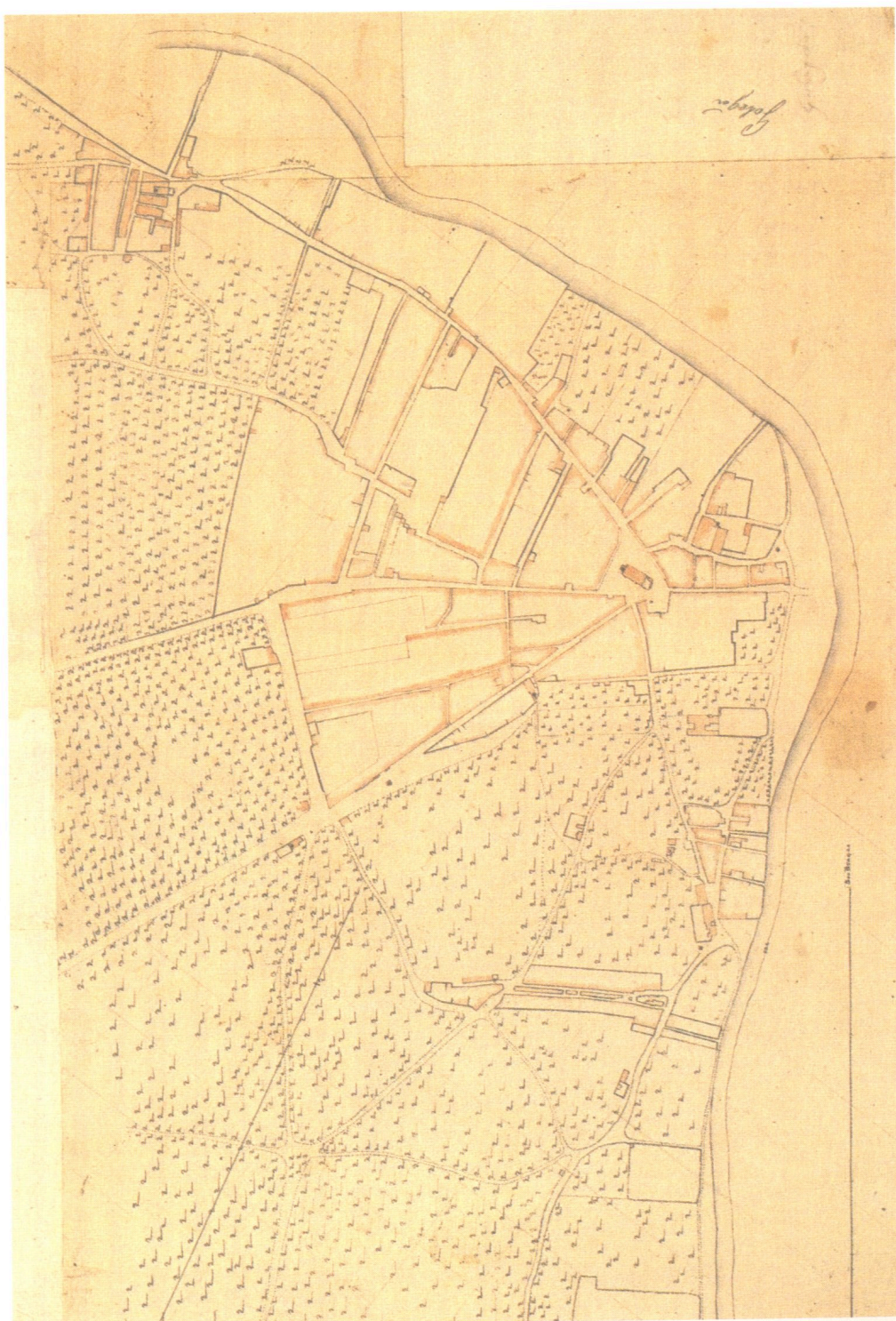
Fonte: Arquivo da Quinta da Cardiga.

DESCRIÇÃO DASCAZAS DESTA QUINTA

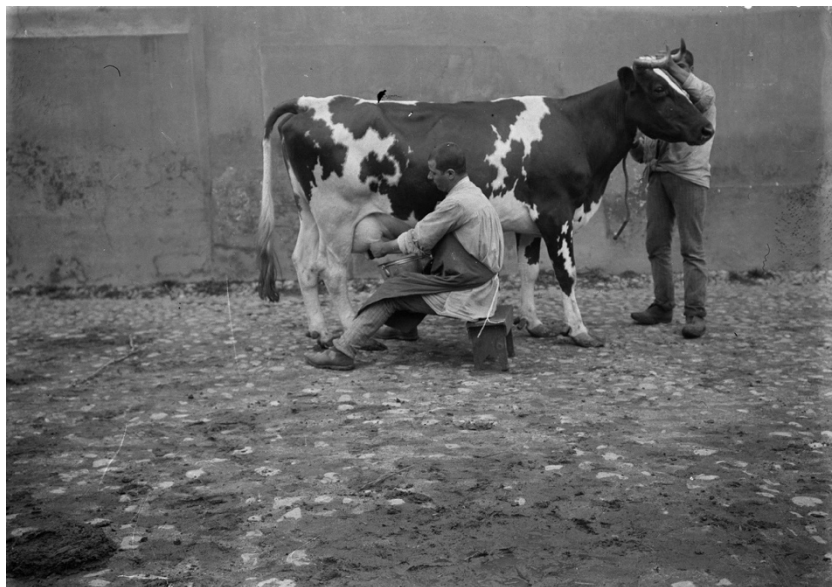
Primeiramente consta adita Quinta, de humas cazas nobrissimas, que são hum Palacio, com seu oratorio, muito bem ornado de todaa descendencia de vida o qual tem hum altar em que todos os dias sedis missa, com muito bons Ornamentos, que tem a serventia pela Varanda do pateo para onde se entra do que tem a entrada principal, e da parte de fora do dito Oratorio lhe fica outra varanda, e fronteira a torre por onde se vai para ella, que tem seu Relogio de Sol pela parte de fora da banda do Nascente muy proxima ao Tejo em cujas cazas assistem os Religiosos que administram, e Governam as couzas pertencentes adita Quinta, e se accommodam todos os mais que della vem ter brevias, e hospedes de toda a qualidade. Mais duas Varandas d'bastante grandeza, huma de treze Columnas, e outra de dezanove de pedra com seus vãos por baixo, e pateos de bastante grandeza que servem para todo genero de Serviço, e depois faz o dito Palacio, e Cazas delle quatro quinas em cada huma das quaes esta sua torre todas fechadas de abobedas por cima, e duas dellas abertas de todas as bandas ao redor com suas columnas tambem de pedras lavradas. Tem mais, outra Torre bem no meyo das ditas cazas levada na altura de sorte que bem se deixo ver na distancia de tres Leguas e mais. Outro, sim tem mais dentro em si as ditas Cazas e Palacio dois Celleiros, hu. Armazem de azeite contra os ordens de potes, e hu adegas de vinhos tudo de notavel grandeza, hu Lagar de fazer uvas das vinhas da mesma Quinta fabricado de pedra e cal, e outro de fazer azeite que esta junto ao portico principal que entra para o pateo das mesmas Cazas, tambem há dentro nellas tres Cavalharices e outras mais Logeas, e officinas para o bom regimen da mesma Quinta, e tambem tem seus palheiros com outro grande pateo mais fechado pegado as cazas da mesma Quinta da parte de poente com suas dependencias que servem de dormir os boys e Vacas da dita Quinta, e finalmente tem mais da parte de fora vezinhas a ella quatro moradas de cazas em que vivem alguns dos Criados da mesma Quinta, e para a todo o tempo constar da referida descripção mandou elle Doutor Juiz do Tombo fazer aqui este termo que comigo assignou. Alvaro Barreto Borges o escrivi "Moraes" Alvaro Barreto Borges



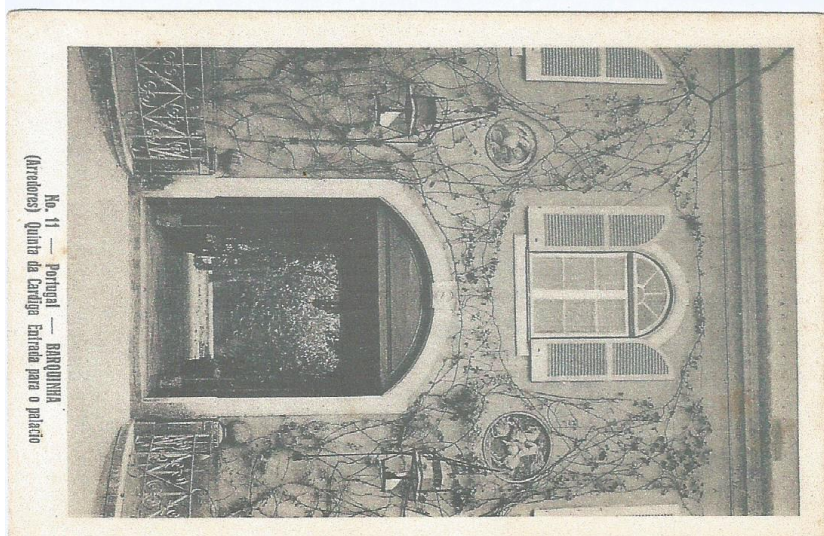
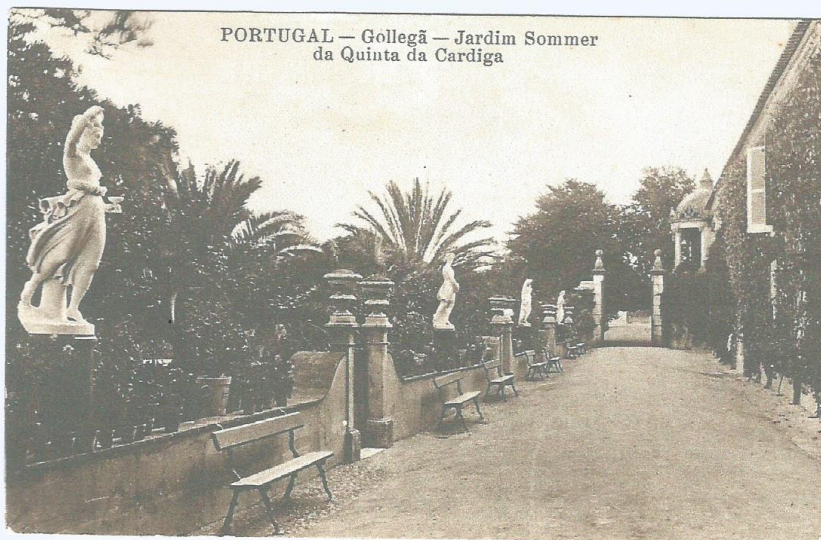
Foto 25 _ Marco de divisão de propriedades, em pedra, relativo à Comenda da Cardiga, com a cruz filipina, encontrado no Campo do Arripiado, em virtude da demarcação de 20 de Abril de 1783. Pertença do Dr. Rui d'Andrade. Foto de Ana Geraldês.

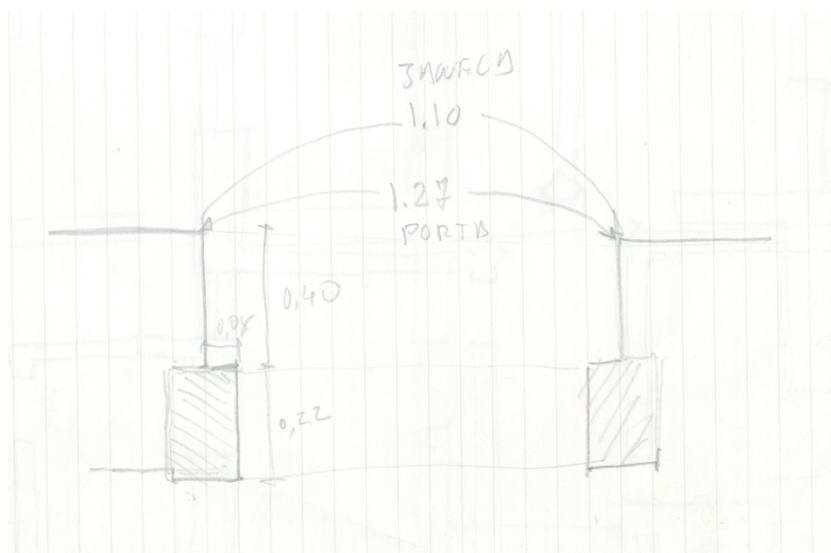
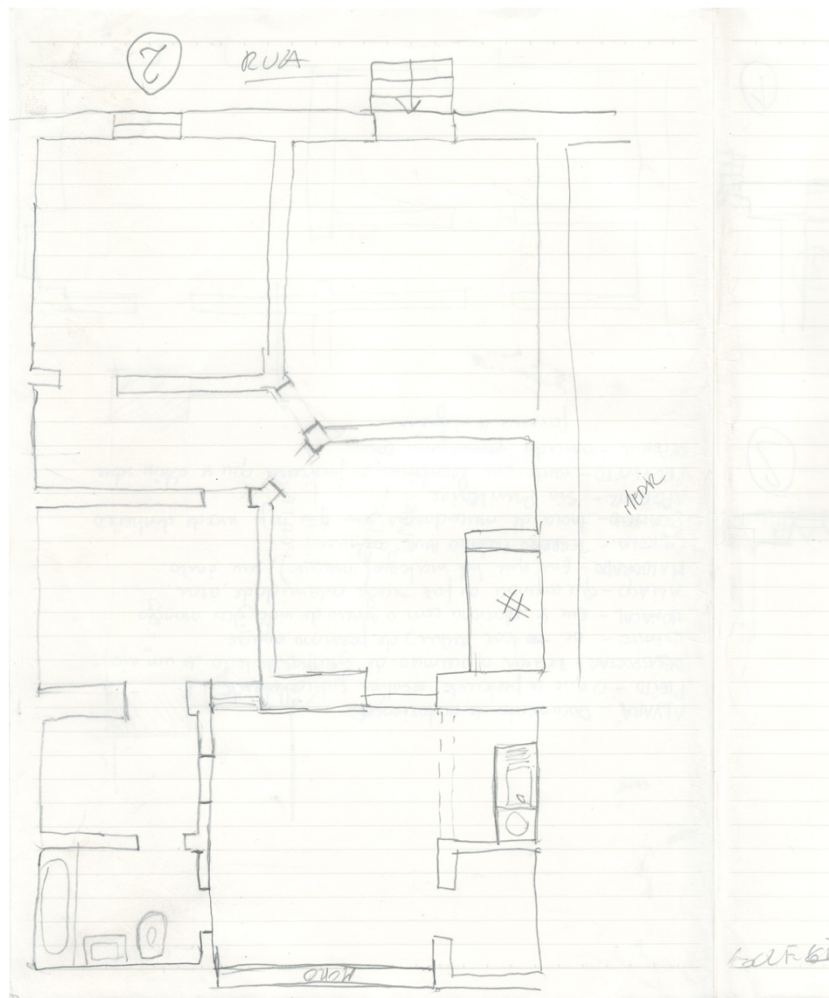


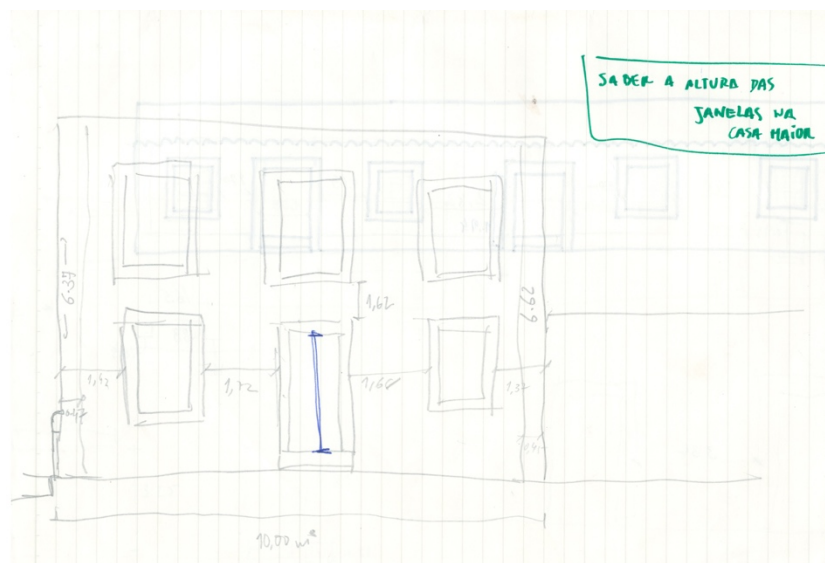
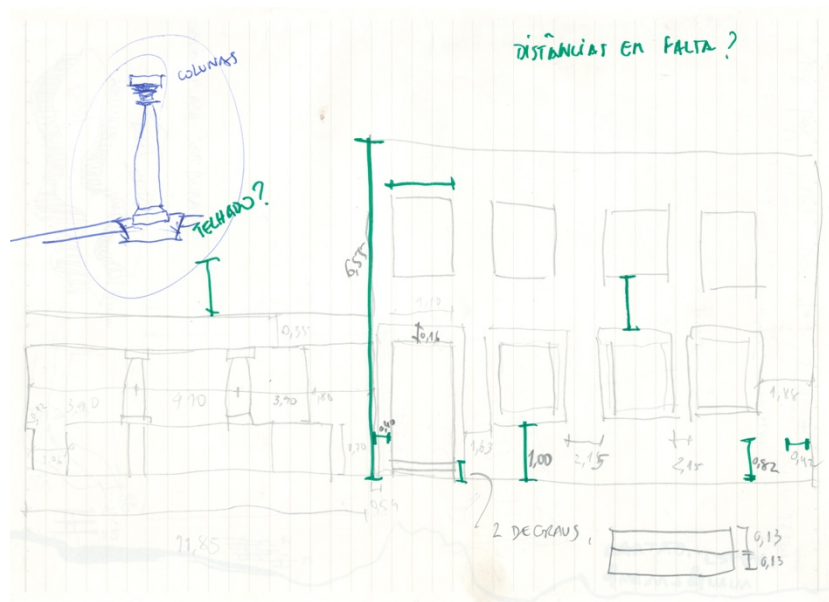
A mais antiga planta da Vila da Golegã de que há registro.

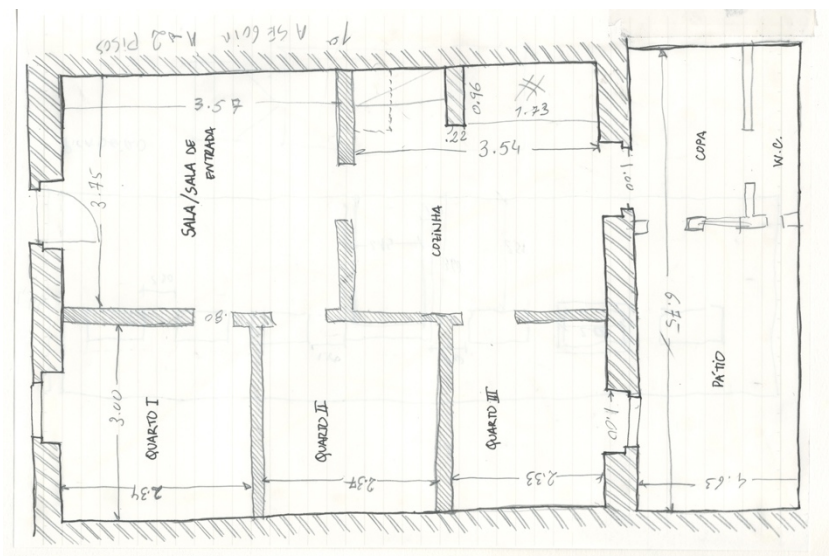
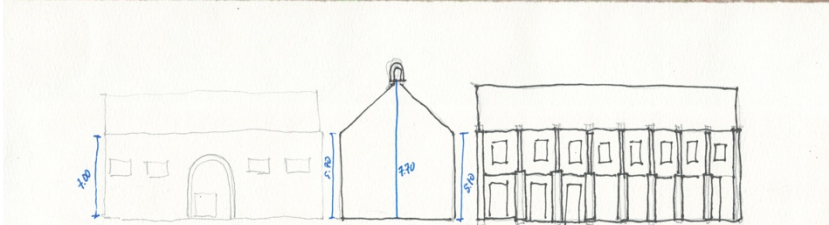
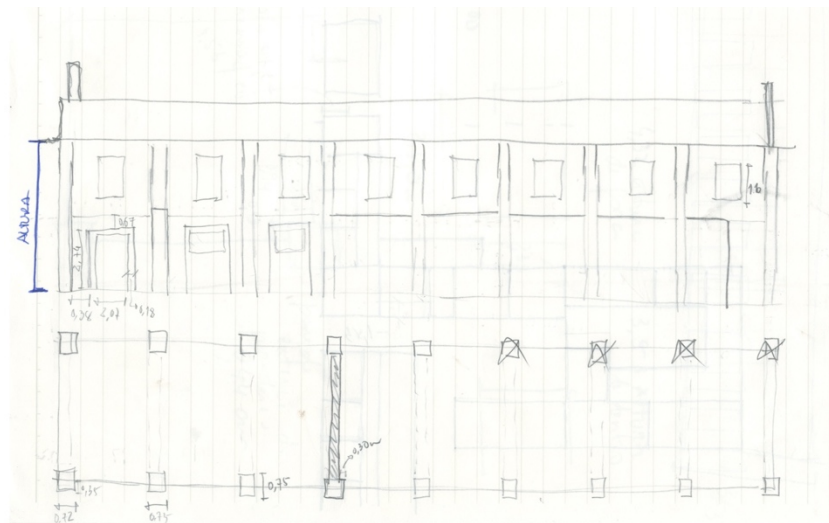


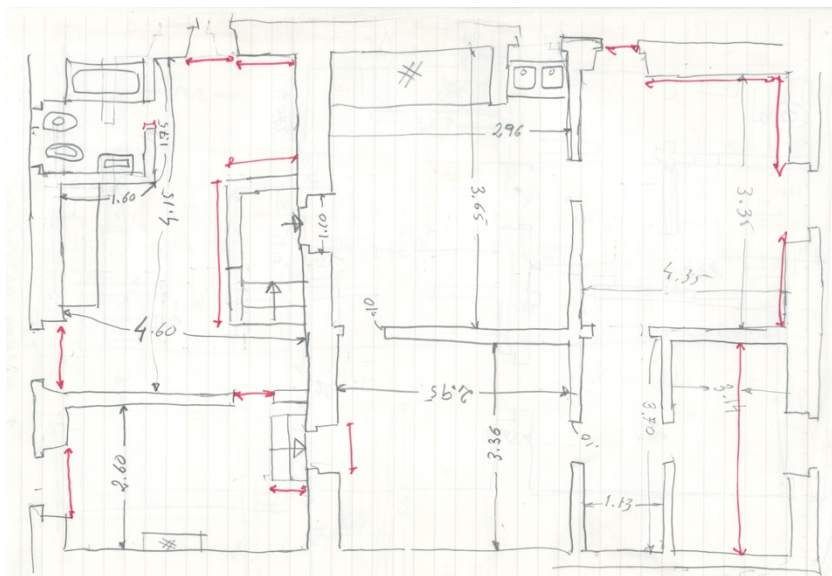
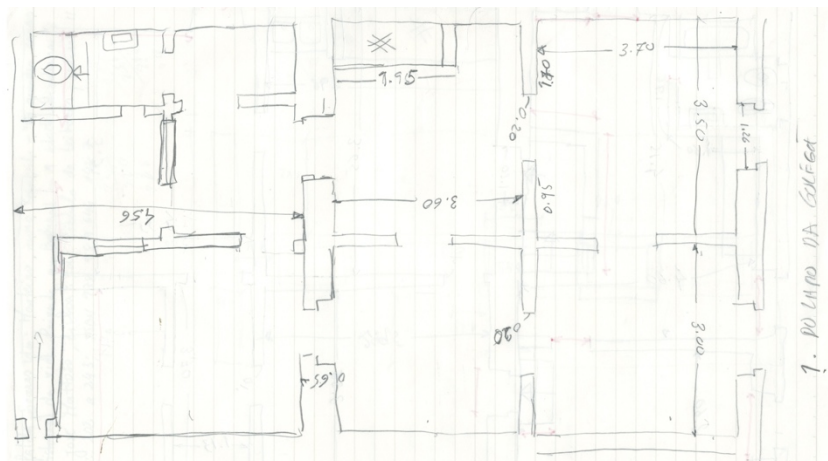
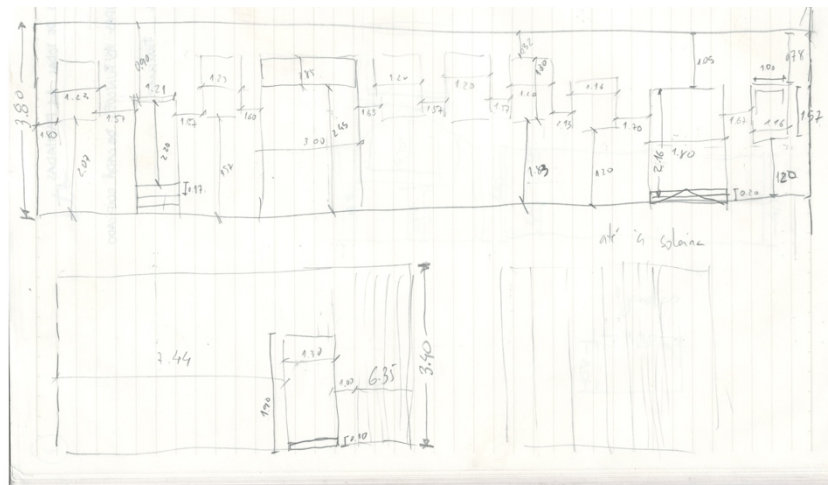


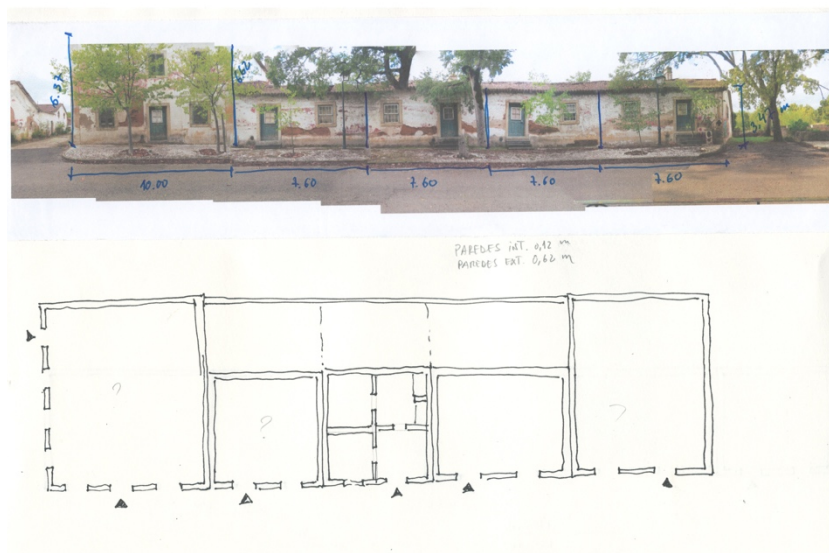
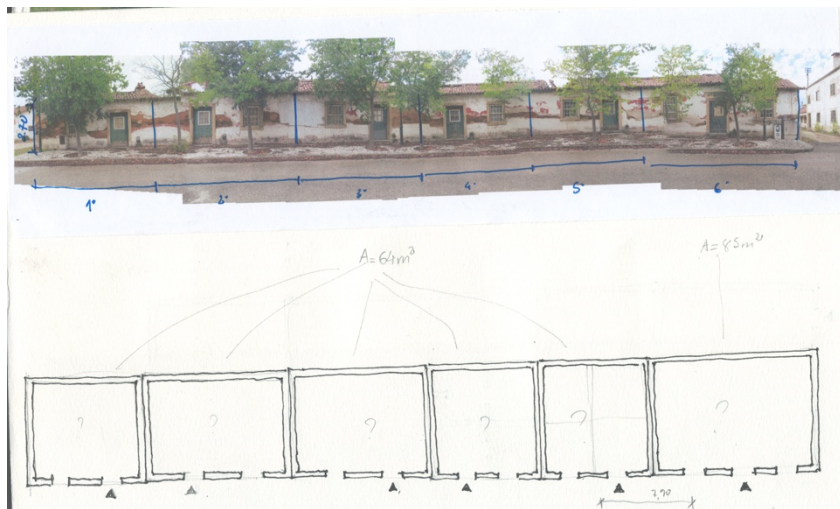


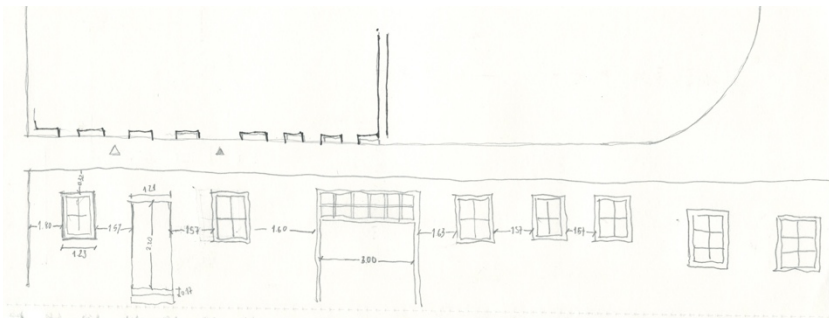
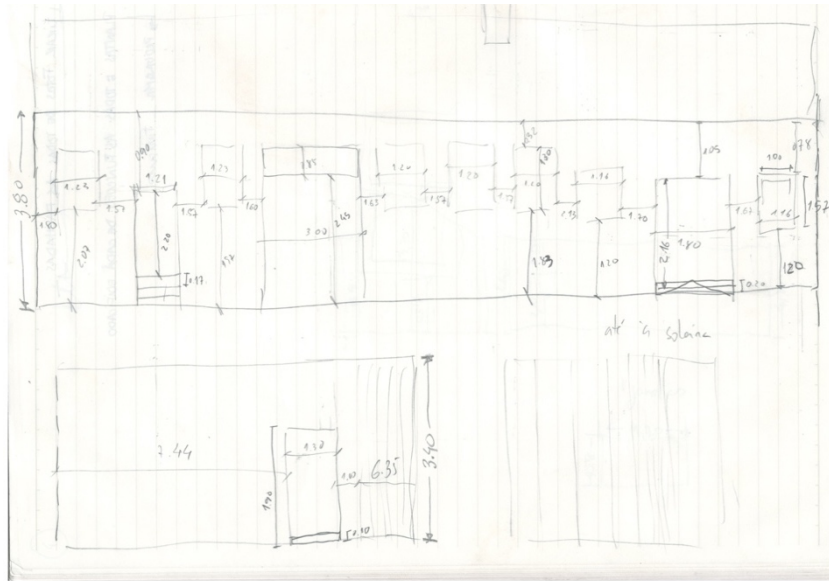


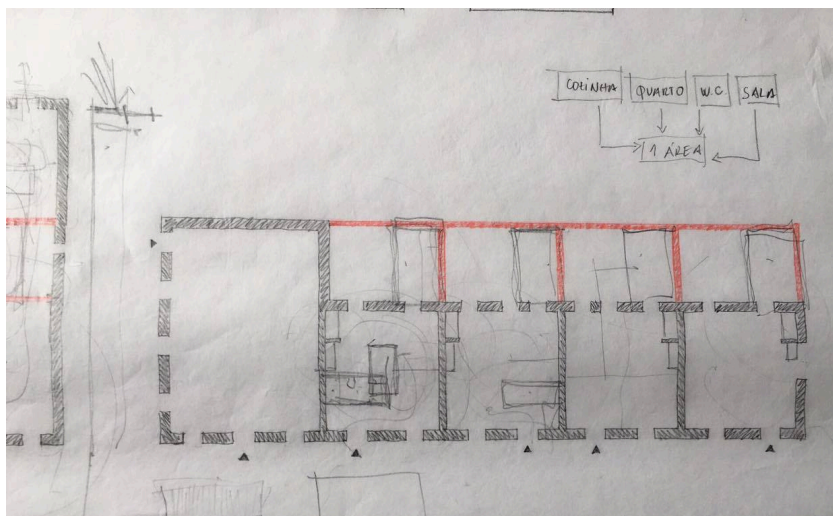
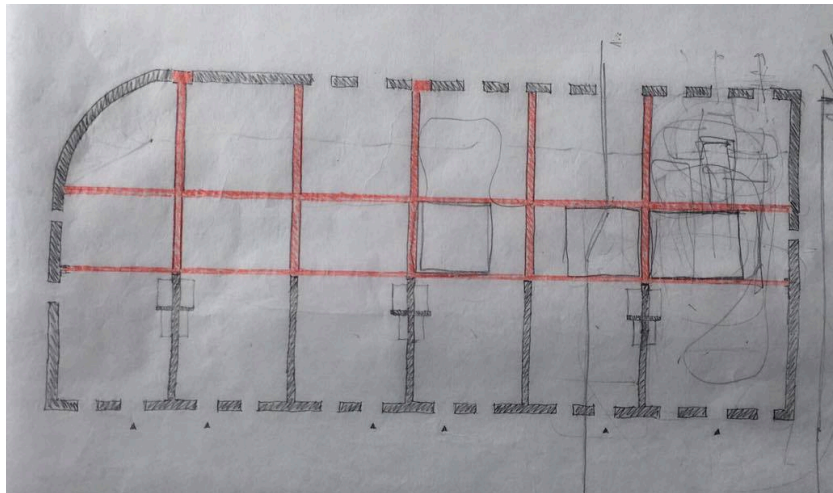
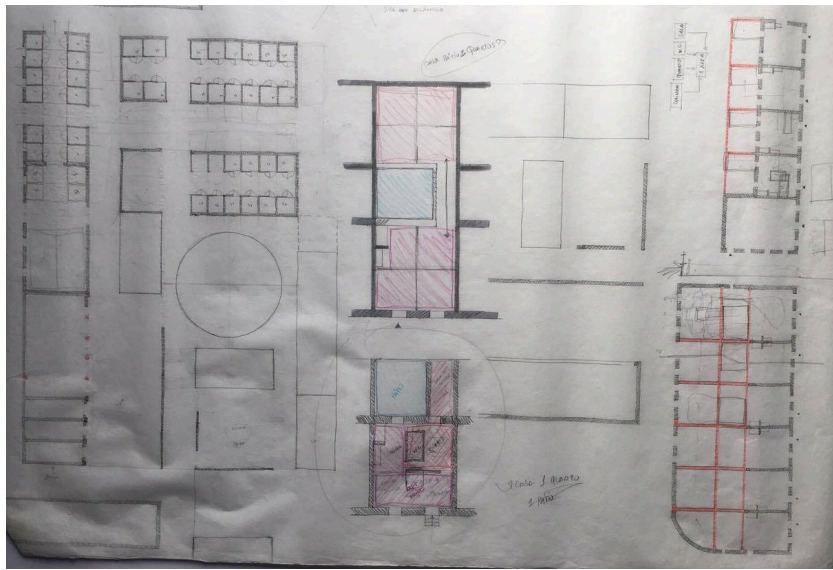


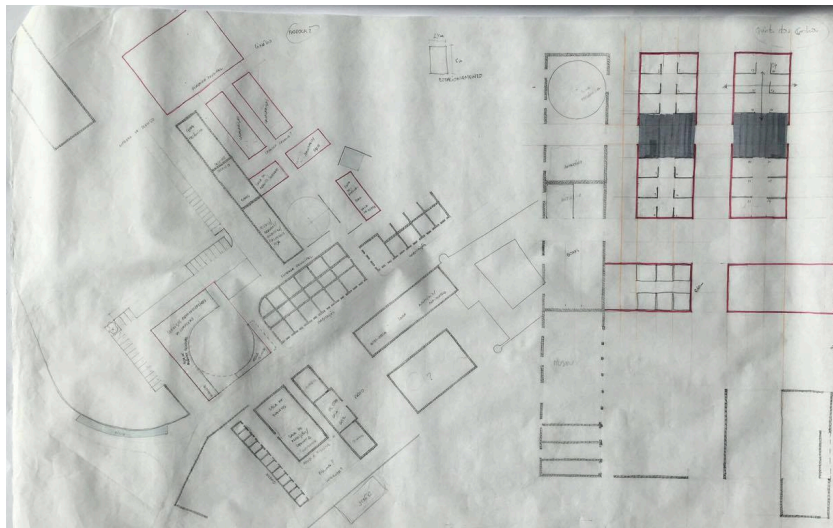


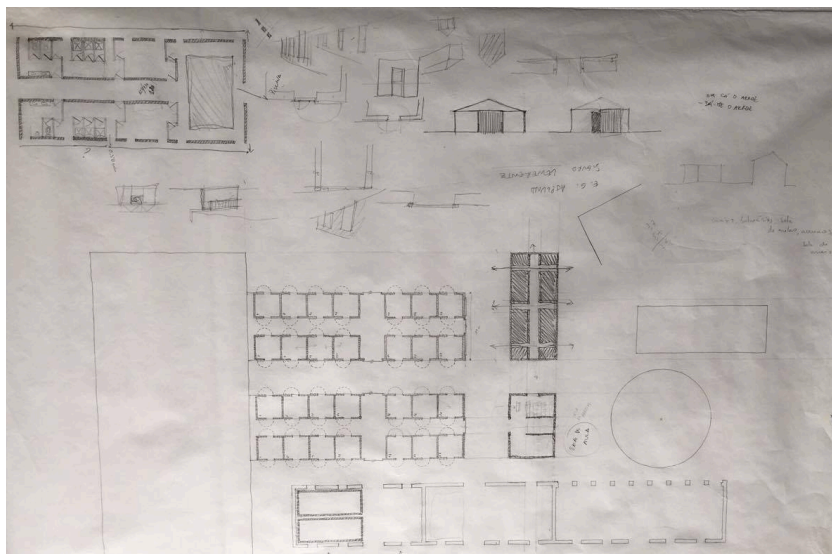
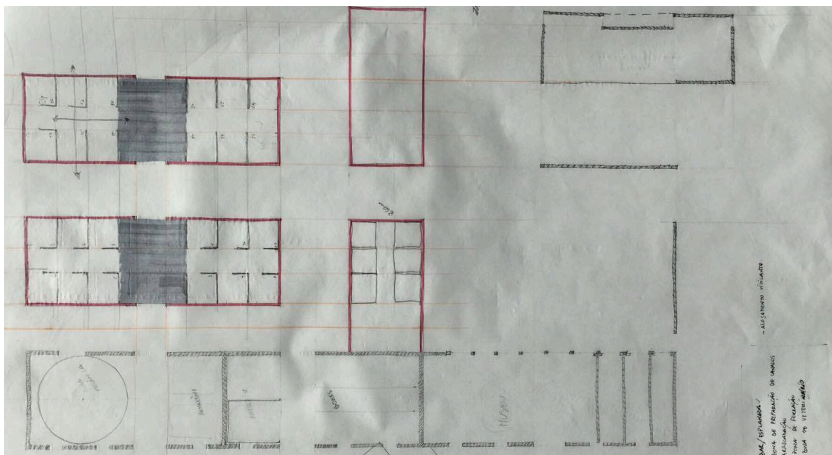
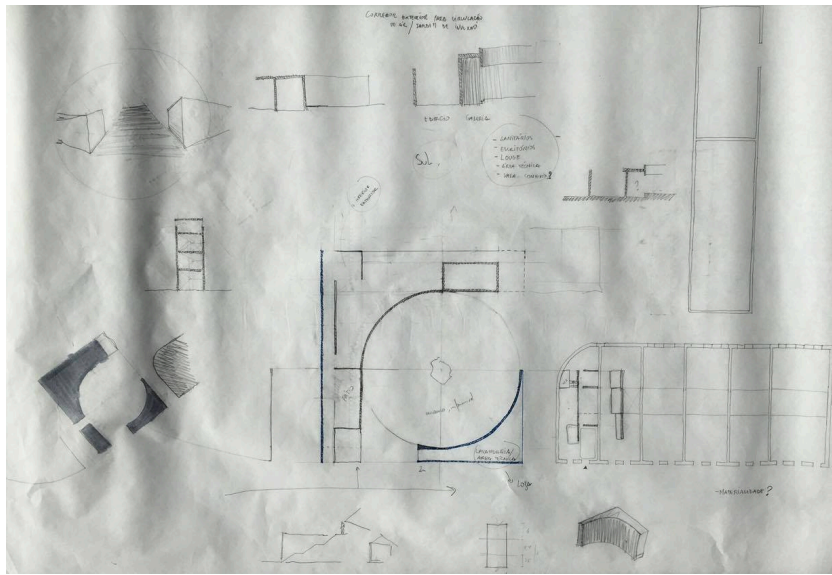


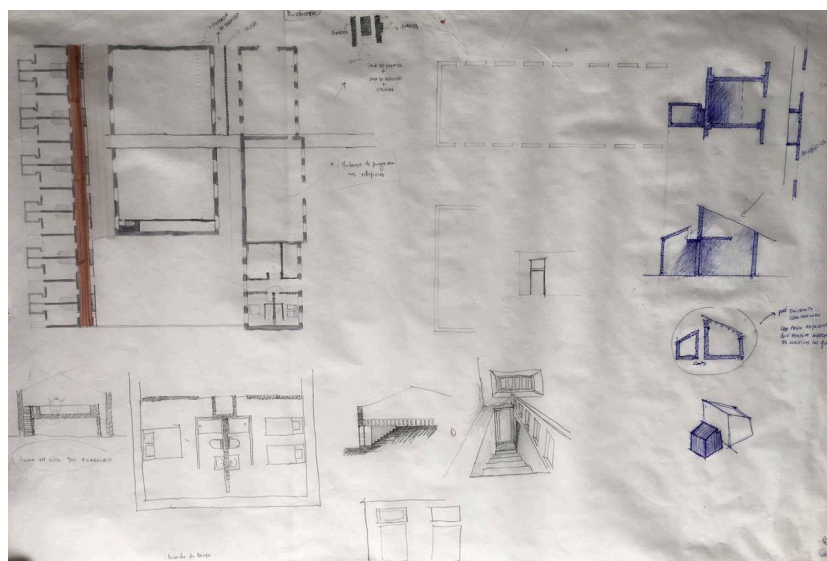
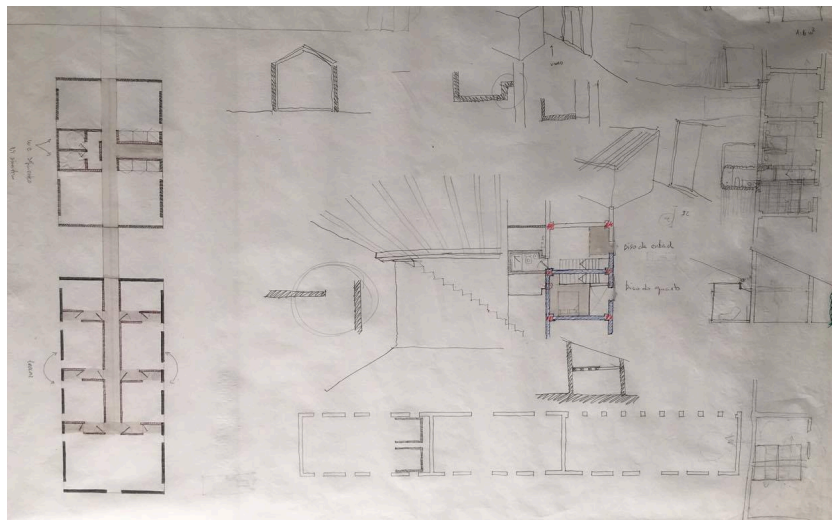
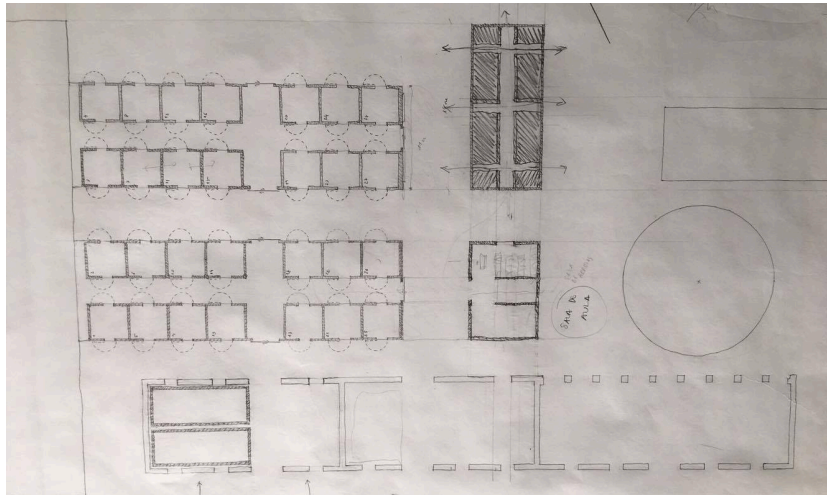


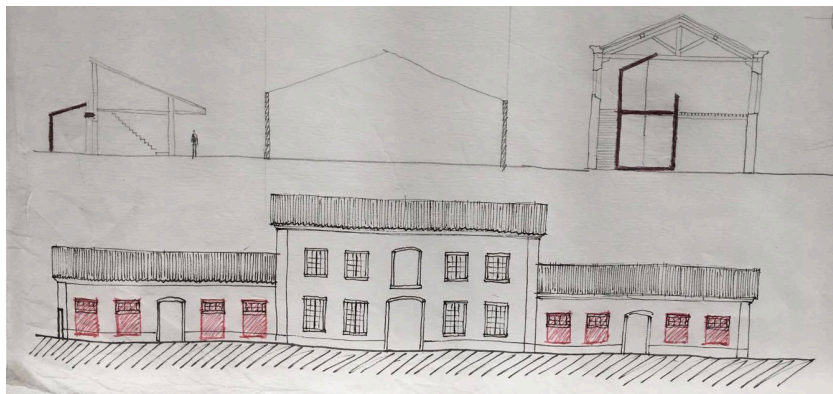
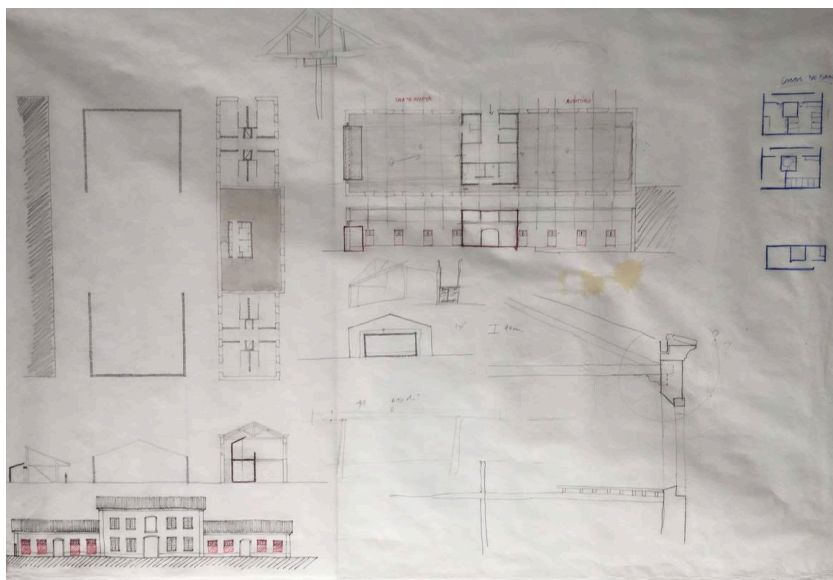
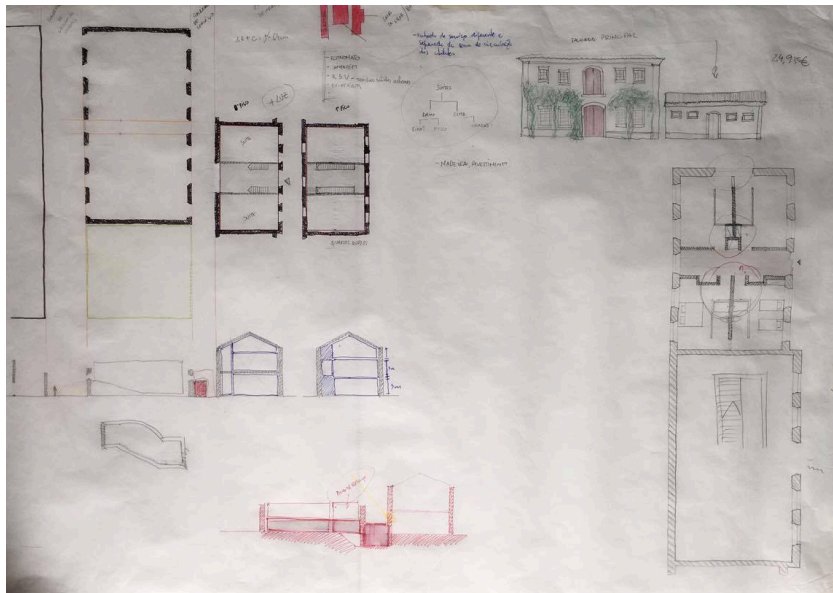


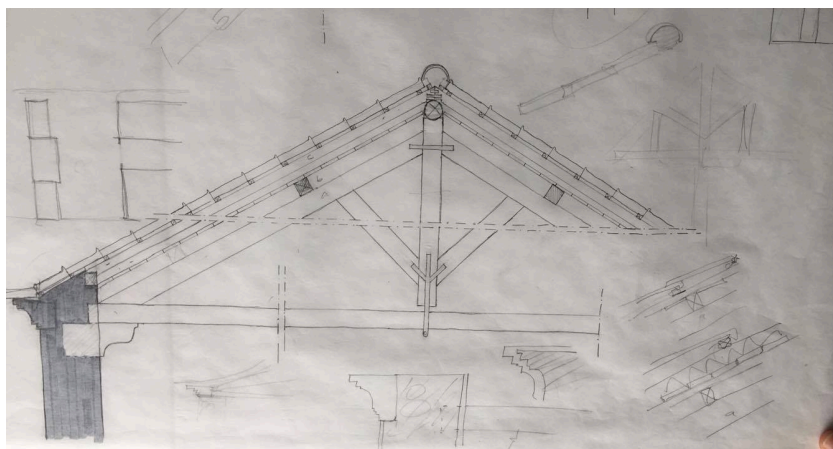
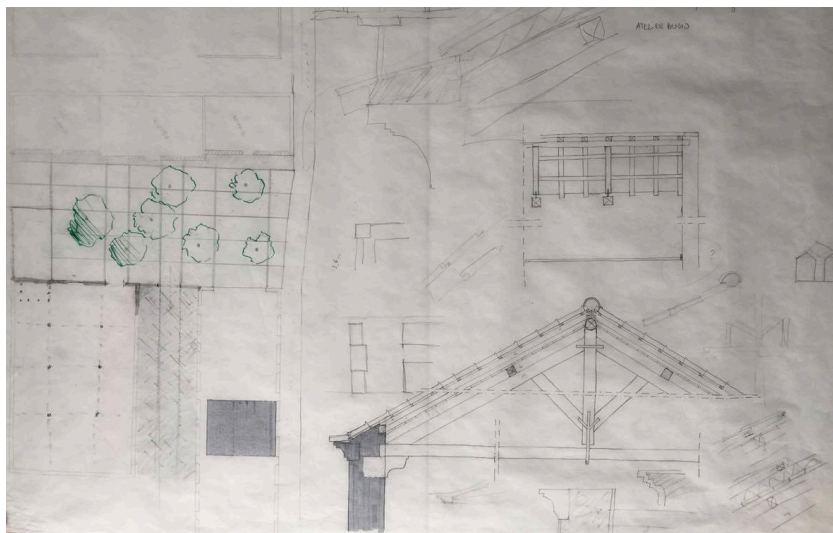
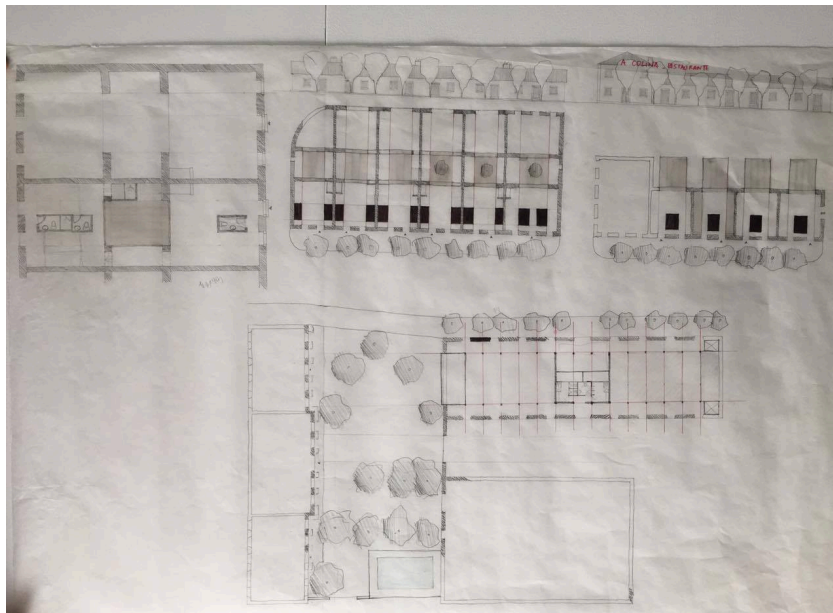




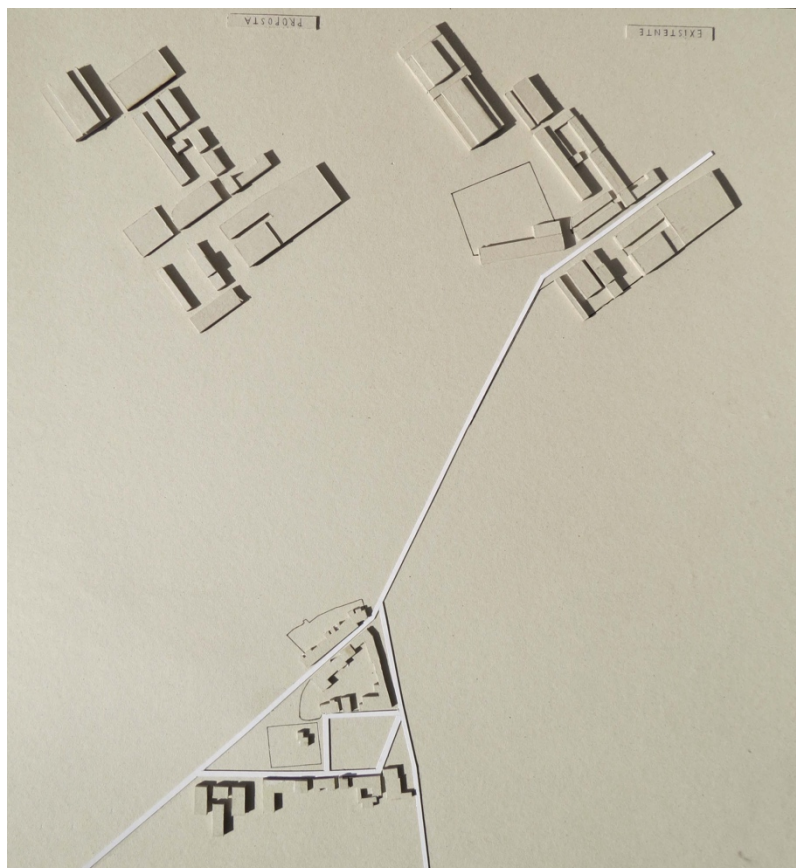
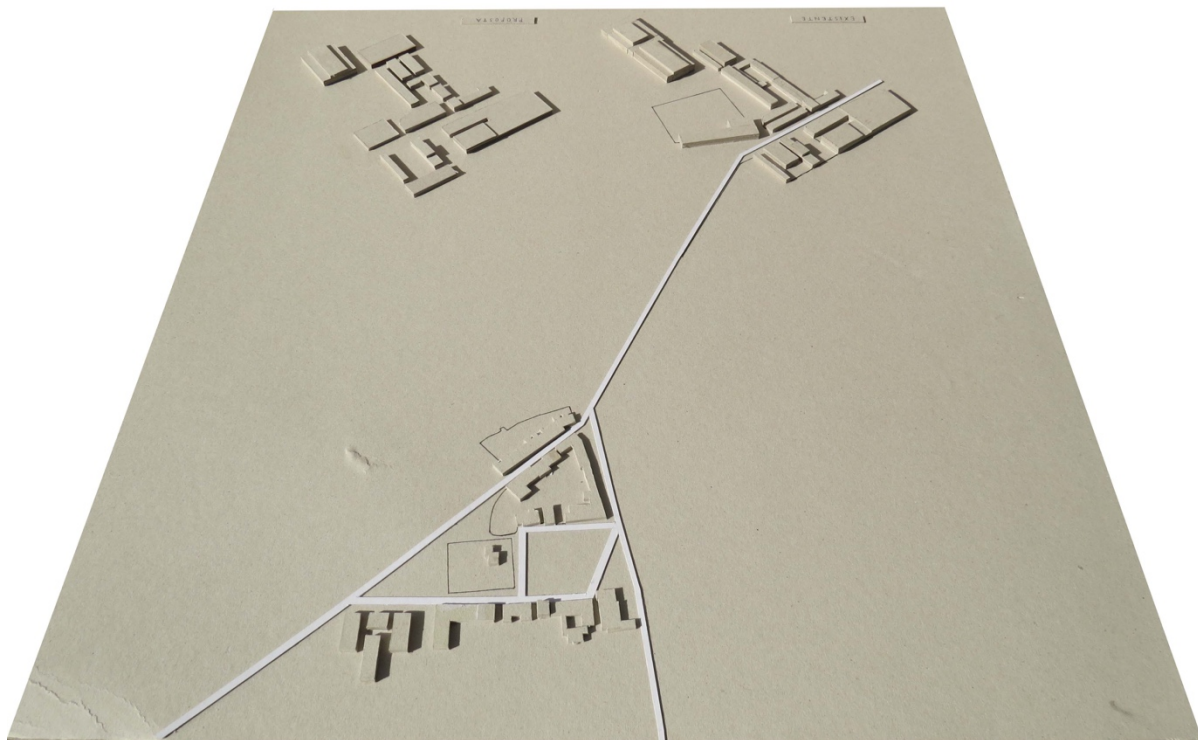


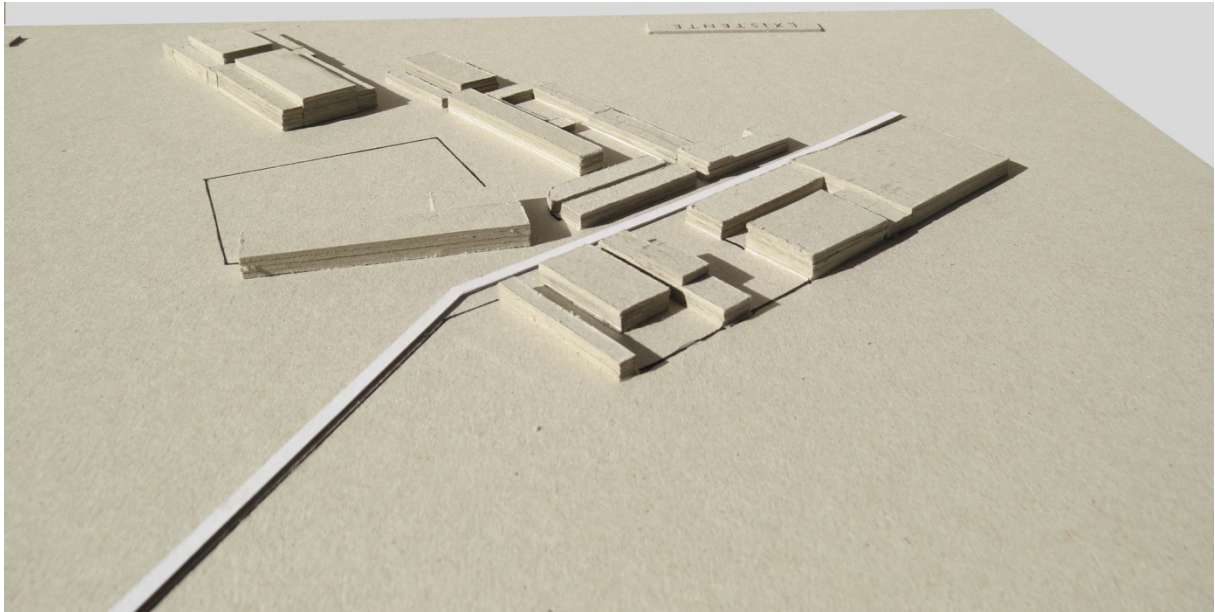




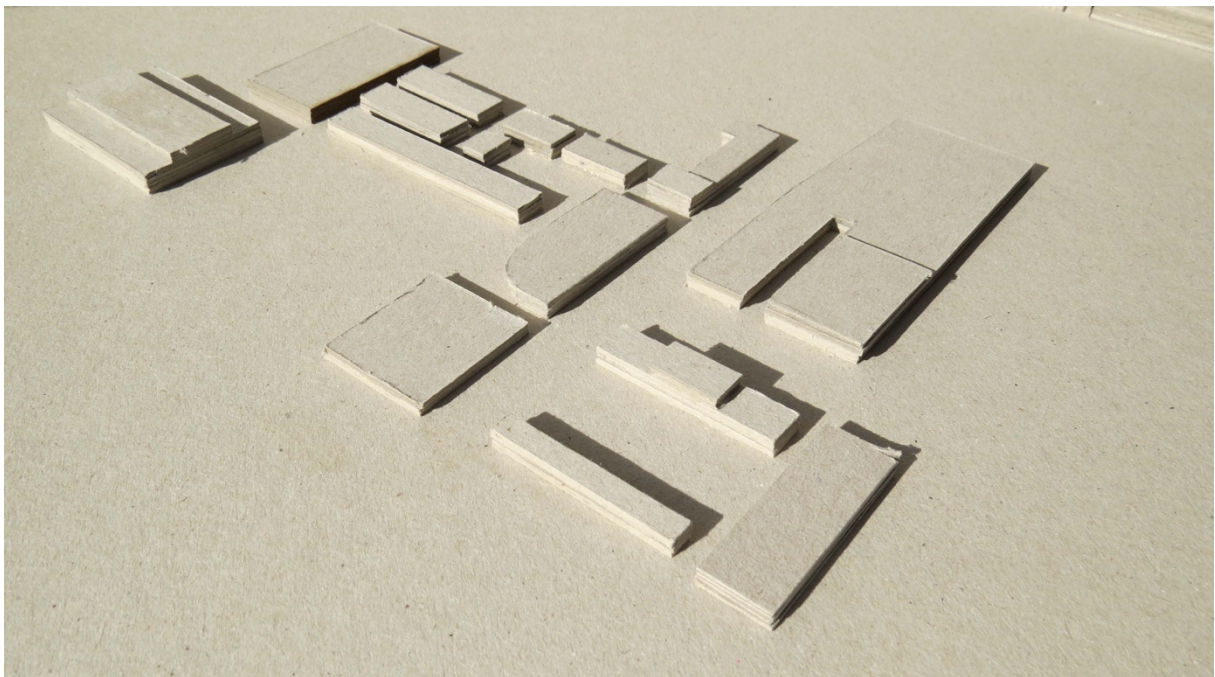




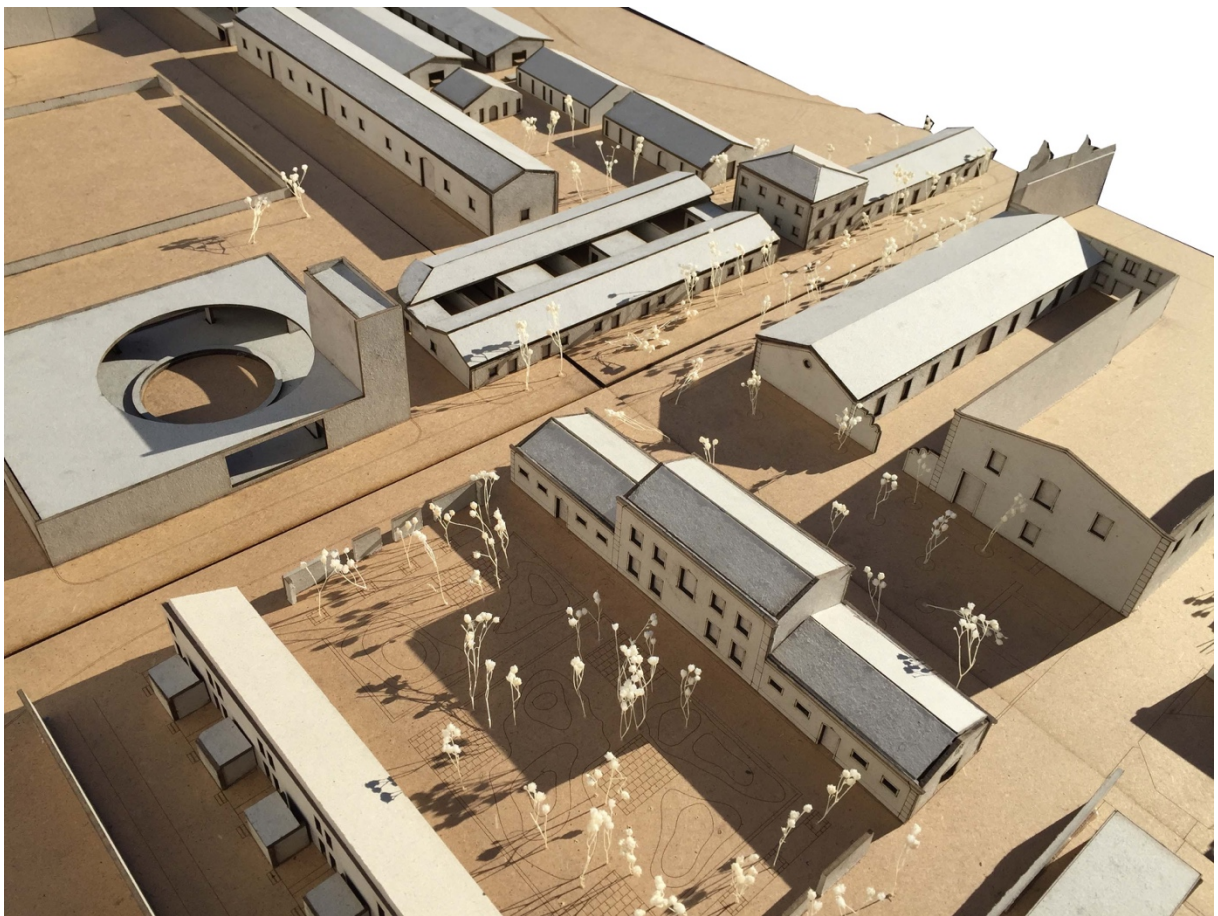


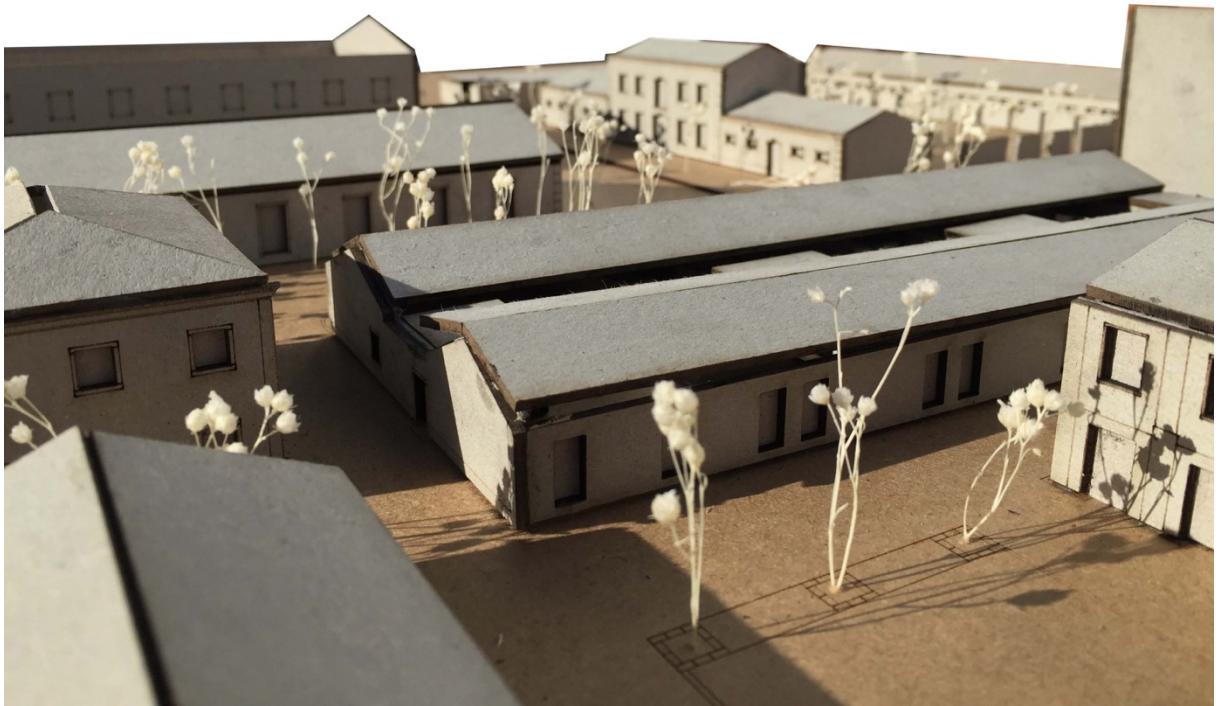
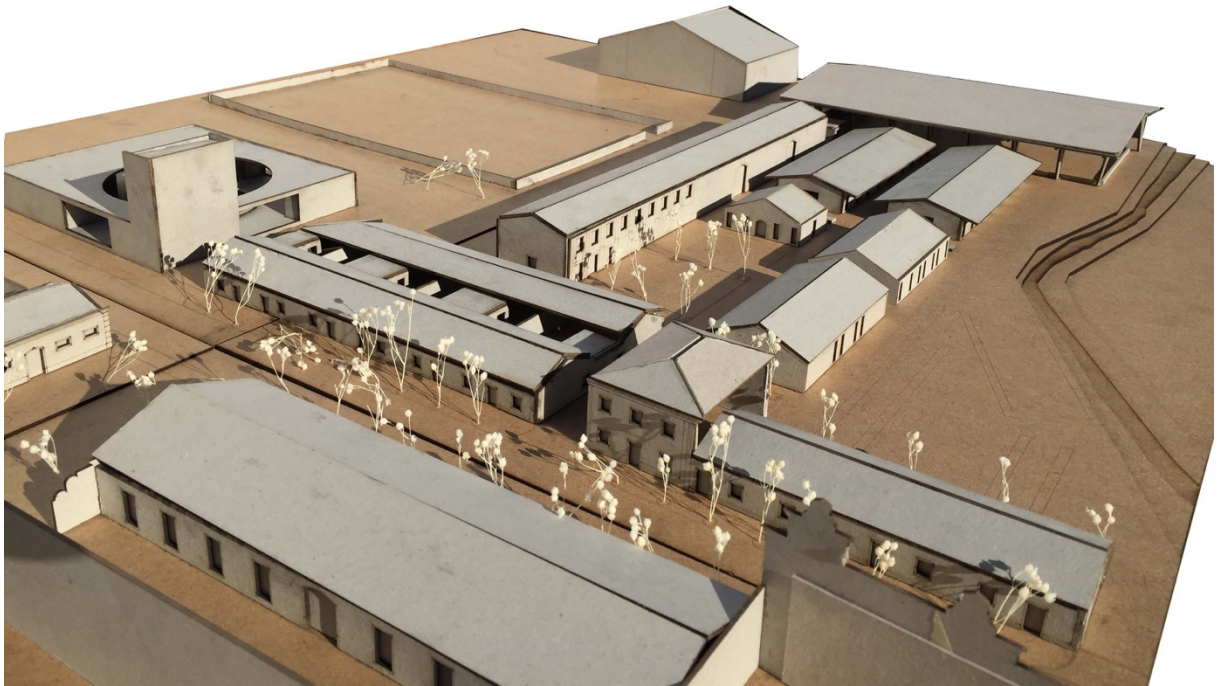


Edificado Existente



Nova Proposta do Edificado da Quinta da Cardiga





PAINÉIS E PEÇAS DESENHADAS

PAINEL 01 - Planta de Localização e Enquadramento

PAINEL 02 - Edificado Pré-existente e Estratégia

PAINEL 03 - Análise Morfológica do Edificado

PAINEL 04 - Planta de Implantação
(Esc. 1:500)

PAINEL 05 - Planta Piso Térreo e Corte Longitudinal BB'
(Esc. 1:200)

PAINEL 06 - Planta Piso 1 e Corte Longitudinal CC'
(Esc. 1:200)

PAINEL 07 - Cortes Longitudinais AA' | DD' e Corte
Transversal EE'
(Esc. 1:200)

PAINEL 08 - Cortes Transversais FF' | GG' | HH'
(Esc. 1:200)

PAINEL 09 - Detalhe Construtivo Reabilitação Casas Pátio
(Esc.1:50)

PAINEL 10 - Detalhe Construtivo Reabilitação Casa De
Convívio
(Esc.1:50)

PAINEL 11 - Detalhe Construtivo Construção Nova
Cavalariças
(Esc.1:50)

PAINEL 12 - Detalhe Construtivo Reabilitação Casa de
Convívio
(Esc.1:20)

PAINEL 13 - Visualizações Exterior Casas Pátio | Interior
Picadeiro

PAINEL 14 - Visualizações Interior das Casas Pátio |
Interior da Casa de Convívio